

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

KARINA MIRANDA MACHADO BORGES CUNHA

A ESTRUTURA SILÁBICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

GOIÂNIA

2011

KARINA MIRANDA MACHADO BORGES CUNHA

A ESTRUTURA SILÁBICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas indígenas e demais línguas naturais

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christiane Cunha de Oliveira

Bolsa: FAPEG (Bolsa de Formação nº1754)

GOIÂNIA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

Cunha, Karina Miranda Machado Borges.
A estrutura silábica na língua brasileira de sinais [manuscrito]
C972e / Karina Miranda Machado Borges Cunha. – 2011.
181 f. : il., tabs.

Orientadora: Profª Drª. Christiane Cunha de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2011.

Bibliografia.

Inclui lista de esquema, tabela e figuras.

1. Linguagem de sinais – Gestos. 2. LIBRAS –
Estrutura Silábica. I. Título.

CDU: 81'222.24

À minha mãe, Ivani Miranda Machado
Borges (*in memoriam*), a quem devo
tudo o que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para a realização deste trabalho:

À Universidade Federal de Goiás, que incentiva o desenvolvimento científico no Estado.

À minha orientadora, Christiane Cunha de Oliveira, pela dedicação em suas orientações, pelos conhecimentos compartilhados, pela atenção a mim dispensada e pelo incentivo à pesquisa.

Aos professores doutores Mariângela Estelita Barros, Mônica Veloso Borges e Tarcísio Arantes Leite, pelas preciosas colaborações para a conclusão desta pesquisa.

Às minhas professoras da pós-graduação, que tanto me fizeram crescer nesse período de estudos, professoras doutoras Lucilena Mendonça de Lima, Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, Vânia Cristina Casseb-Galvão e Kátia Menezes de Sousa.

Aos companheiros surdos, Quinzuca Ferreira de Carvalho, Josy Alexandra Euqueres Marques e Ligiana Silva Araújo, os quais me cederam alguns momentos de seu tempo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu amigo e companheiro de mestrado, Hildomar José de Lima, que tanto me ajudou na coleta e no tratamento com os dados para esta pesquisa.

Às intérpretes Nilma Maria Álvares e Núbia Flávia Oliveira Mendes, as quais compartilharam comigo seus conhecimentos em libras e puderam contribuir com esta pesquisa.

Ao Bruno Calassa e Consuelo de L. Costa, da Secretaria da Pós-Graduação, pelo trabalho realizado com atenção, respeito e responsabilidade aos mestrandos e doutorandos.

Ao Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), que abriu suas portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

À Secretaria da Educação do Estado de Goiás, pela licença para aprimoramento profissional concedida a mim durante o período de estudo na pós-graduação *Stricto Sensu*.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), pelo apoio financeiro.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A Deus, meu Pai Celestial, que sempre me dá forças para prosseguir em minha vida.

Ao meu pai Siron, que sempre me incentivou nos estudos, mostrando que esse é o caminho para um mundo bem melhor.

Ao meu esposo Wendel, que teve a paciência para suportar a minha ausência durante dias e noites em que estive envolvida com os estudos.

Aos meus filhos Igor e Eduardo, que são a razão da minha vida e que, na medida do possível, foram bem compreensíveis enquanto eu estudava.

Às minhas irmãs Hamanda e Gamyany, pelo amor e companhia de sempre.

À minha sogra Ena, pelo apoio materno que tem me dado em todos esses anos.

À Faculdade Delta, por acreditar no meu trabalho e me incentivar nos estudos do Mestrado.

Aos meus amigos surdos, o lindo casal Marcos Vinícius Calixto e Sílvia Calixto, que sempre me incentivaram na aprendizagem de libras.

A toda a minha família, amigos, colegas de trabalho e alunos, pelo carinho, apoio e solidariedade.

RESUMO

Esta dissertação compreende um estudo acerca da sílaba na língua brasileira de sinais – libras, sob uma perspectiva da linguística descritiva. O objetivo da pesquisa é analisar a organização dos segmentos fonológicos da libras em termos de sílabas. Pretende-se também estabelecer os critérios para a identificação da sílaba na libras e discutir sobre os aspectos morfofonológicos dessa unidade. Surdos adultos fluentes, que atuam como professores da libras na Secretaria da Educação do Estado de Goiás, participaram da pesquisa através de questionários e de filmagens de enunciados em libras. Houve duas etapas de coleta de dados. Na primeira etapa, os sinalizantes elaboraram sinais sobre referentes apresentados em cartões com figuras de diferentes campos semânticos. Na segunda, os sinalizantes elaboraram frases que caracterizavam ou definiam os referentes apresentados nas respectivas figuras. Os resultados encontrados após a análise dos dados foram: i) a sílaba na libras é o movimento, que é o segmento dinâmico no sinal; ii) movimento é o segmento que mais se destaca na sinalização, por isso também é considerado o núcleo da sílaba; iii) os movimentos analisados como sílaba são os movimentos de direção, interno, secundários e de transição; iv) os critérios utilizados para a identificação da sílaba são a análise do movimento no sinal e a observação da configuração de mão no decorrer do sinal; e, v) só há mudança de sílaba quando há mudança na configuração de mão, em decorrência de um movimento. A contribuição desta pesquisa para a área da linguística é o próprio estudo descritivo da libras, em especial sobre sua organização fonológica. E, para a área da educação, a contribuição consiste em proporcionar aos professores, intérpretes, instrutores de libras e gestores escolares um estudo descritivo da língua brasileira de sinais, que é fundamental na preparação de materiais didáticos.

Palavras-chave: libras; sílaba; movimento; fonologia; segmentos.

ABSTRACT

This dissertation comprehends a review about the syllable in the Brazilian Sign Language – Libras, yet a linguistic descriptive perspective. The purpose of this research is analyzing the organization of the phonological segments of Libras in syllables. It also intends to establish the criteria to identify the syllable in Libras and discuss about the morphophonological aspects of this unit. Fluent deaf adults, who act as Libras teachers at the *Secretaria da Educação do Estado de Goiás*, participated at the research with questionnaires and video recording. The data collect had two steps. In the first stage, the deaf people signed in Libras referents presented in cards with figures of different semantic fields. In the second stage, the deaf people elaborated sentences that characterized or defined the referents presented in the figures. The found results after the data analyze were: i) the syllable in Libras is the movement, which is the dynamic segment in the sign; ii) movement is the most visible segment during the signaling, so it is also considered as the syllable core; iii) the analyzed movements as syllable are: path movement, internal movement, secondary movements and transition movement; iv) the criteria used to identify the syllable are the movement analysis in the sign and the observation of the hand configuration during the signaling; and, v) there is only a change of the syllable when there is a change at the hand configuration, due to the movement. The research contribution to the linguistic area is a descriptive study of Libras itself, especially about the phonological organization. And the contribution to the education is to provide teachers, interpreters, instructors of Libras and school managers a descriptive study of Libras, because it is essential in the preparation of teaching materials.

Key-words: Libras, syllable, movement, phonology, segments.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 3.1: Representação de um sinal monomorfêmico no Modelo “Hand-Tier” (SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006, p. 132)	53
Esquema 3.2: Parâmetros do Modelo Prosódico (BRENTARI, 1998, p. 26)	57
Esquema 3.3: Estrutura de sinais a partir do modelo da Fonologia da Dependência (Hulst, 1993 apud JOHNSTON e SCHEMBRI, 2007, p. 286)	59

LISTA DE TABELA

Tabela 3.1: Hierarquia da sonoridade em línguas de sinais e em línguas orais (BRENTARI, 1998, p. 218)	56
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – [FERRO]	56
Figura 2 – [GARFO]	56
Figura 3 – [RELÓGIO]	56
Figura 4 – [HOSPITAL]	56
Figura 5 – Quadros ilustrativos da preparação e execução do sinal [MULHER]	61
Figura 6 – [MENINO]	70
Figura 7 – [MENINA]	70
Figura 8 – [BAILARINA 1]	71
Figura 9 – [BAILARINA 2]	71
Figura 10 – [SAPATO]	72
Figura 11 – [SAPATO]	72
Figura 12 – Corte Transversal para o sinal [CASA] produzido pelos participantes da presente pesquisa	73
Figura 13 – Tela do ELAN	74
Figura 14 – [LIQUIDIFICADOR-COLOCAR-LEITE-BANANA-MAMÃO-LIQUIDIFICADOR-LIGAR]	77
Figura 15 – Quadros ilustrativos com as suspensões no final dos sinais [LIQUIDIFICADOR], [COLOCAR] e [LEITE], respectivamente	78
Figura 16 – Tradução livre para a língua portuguesa: “Cachorro é amigo, me ajuda, anda junto comigo”	78
Figura 17 – Tradução livre para a língua portuguesa: “Eu comprei sapato grande”	81
Figura 18 – [TRATOR]	82

Figura 19 – [TRATOR].....	82
Figura 20 – [FOGUETE]	83
Figura 21 – [FOGUETE]	83
Figura 22 – [FOGÃO]	84
Figura 23 – [FOGÃO]	85
Figura 24 – [FOGÃO], (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 679)	85
Figura 25 – [BERMUDA]	86
Figura 26 – [GRAVATA]	86
Figura 27 – [CARRO]	87
Figura 28 – [MOTO]	87
Figura 29 – [NAVIO]	87
Figura 30 – [TREM]	87
Figura 31 – [MAÇÃ]	88
Figura 32 – [LARANJA]	88
Figura 33 – [UVA]	88
Figura 34 – [BANANA]	88
Figura 35 – [ABACATE]	88
Figura 36 – [BATOM]	89
Figura 37 – [HOMEM]	90
Figura 38 – [AVIÃO]	91
Figura 39 – [PÃO]	91
Figura 40 – [TESOURA]	92
Figura 41 – Tradução livre para a língua portuguesa: “A mulher está sentada tomando café”	93
Figura 42 – Tradução livre para a língua portuguesa: “Alguém comeu uma banana, jogou a casca no chão, uma pessoa estava caminhando, escorregou e caiu”.....	93

Figura 43 – [MOTO]	94
Figura 44 – [LARANJA]	94
Figura 45 – [COELHO]	94
Figura 46 – [MAÇÃ]	95
Figura 47 – [BANANA]	96
Figura 48 – [SAPATO]	96
Figura 49 – [CAVALO]	96
Figura 50 – [SORVETE]	96
Figura 51 – [OLHO]	97
Figura 52 – [DEDO]	97
Figura 53 – [MÃO]	97
Figura 54 – [BOCA]	97
Figura 55 – [ORELHA]	97
Figura 56 – [MÃO]	97
Figura 57 – [ORELHA]	98
Figura 58 – [DEDO]	98
Figura 59 – [CASA]	99
Figura 60 – Quadros com o movimento transicional para articulação do sinal [CASA]	99
Figura 61 – Quadros com a preparação e sinalização do sinal [CADEIRA]	100
Figura 62 – Quadros com a preparação e sinalização do sinal [CAMA]	100
Figura 63 – [ME-AJUDAR]	102
Figura 64 – [GALINHA]	102
Figura 65 – [CHAVE]	103
Figura 66 – [RATO]	103
Figura 67 – [EU]	104
Figura 68 – [RELÓGIO]	105

Figura 69 – [RELÓGIO]	105
Figura 70 – [FERRO-PASSAR-ROUPA]	106
Figura 71 – [FERRO]	106
Figura 72 – [BATATA-FRITA]	108
Figura 73 – [UVA]	108
Figura 74 – [BOMBOM]	109
Figura 75 – [PÃO]	110
Figura 76 – Quadros com a transição entre as letras [O] e [M]	110
Figura 77 – [MENINA]	112
Figura 78 – [GRAVATA].....	113
Figura 79 – [MULHER].....	113
Figura 80 – [HOMEM]	113
Figura 81 – [VELA].....	114
Figura 82 – [FLOR]	114
Figura 83 – [MÉDICO]	114
Figura 84 – [PALHAÇO]	114
Figura 85 – [PÃO]	114
Figura 86 – [CADEIRA]	114
Figura 87 – [ELEFANTE]	115
Figura 88 – [MOTO]	115
Figura 89 – [GIRAFÁ]	115
Figura 90 – [COMPRAR]	116
Figura 91 – [MESA]	117
Figura 92 – [UMA-HORA].....	117
Figura 93 – [ME-AJUDAR]	118
Figura 94 – [DADOS]	119

Figura 95 – [ZEBRA]	119
Figura 96 – [MORANGO]	120
Figura 97 – [BOLA-FUTEBOL]	121
Figura 98 – Quadros com os movimentos de transição para articula do sinal [BOLA]	121
Figura 99 – [BOLA-VÔLEI]	122
Figura 100 – [BOLA-BASQUETE]	123
Figura 101 – [LIQUIDIFICADOR].....	123
Figura 102 – [SANDUÍCHE]	124
Figura 103 – [PÁSSARO]	124
Figura 104 – [ABACATE]	125
Figura 105 – [CARTEIRO]	126
Figura 106 – [CARTEIRO]	127
Figura 107 – [CARTEIRO]	128
Figura 108 – [PESCADOR]	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 - LÍNGUAS DE SINAIS.....	25
1.1 Histórico sobre as línguas de sinais.....	25
1.2 A língua de sinais na educação do surdo.....	27
1.3 Correntes filosóficas que fundamentaram a educação dos surdos.....	29
1.3.1 Oralismo.....	29
1.3.2 Comunicação Total.....	31
1.3.3 Bilinguismo.....	32
1.4 Considerações finais.....	34
CAPÍTULO 2 - A TEORIA DA FONOLOGIA A PARTIR DO ESTUDO DE LÍNGUAS ORAIS.....	38
2.1 Breve histórico sobre o desenvolvimento da teoria fonológica.....	38
2.2 A sílaba nas línguas orais.....	42
CAPÍTULO 3 - A SÍLABA EM LÍNGUAS DE SINAIS E SUA ESTRUTURA.....	45
3.1 Panorama teórico sobre as análises da sílaba em línguas de sinais.....	45
3.1.1 Modelos de representação fonológica da sílaba em línguas de sinais.....	51
3.1.1.1 Modelo Movimento-Suspensão.....	51
3.1.1.2 Modelo “Hand-Tier”.....	52
3.1.1.3 Modelo Prosódico.....	54
3.1.1.4 Fonologia da Dependência.....	58
3.2 Discussões teóricas.....	60

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA.....	64
4.1 Procedimentos	64
4.2 Instrumentos de pesquisa	65
4.3 Os participantes da pesquisa.....	66
4.4 Os dados	68
4.5 Considerações finais	74
CAPÍTULO 5 – A CARACTERIZAÇÃO DA SÍLABA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	76
5.1 Delimitação do sinal	76
5.2 Iconicidade	80
5.3 Estrutura interna em Libras	89
5.3.1 O parâmetro movimento.....	91
5.3.1.1 Movimento de direção	92
5.3.1.2 Movimento interno	94
5.3.1.3 Movimento de repetição	95
5.3.1.4. Apontação, contorno e balanço	96
5.3.1.5 Movimento de transição.....	98
5.4 A sílaba em Libras	101
5.4.1 A sílaba e a soletração manual.....	107
5.4.2 A sílaba e sua relação com os morfemas	111
5.4.2.1 Sinais monomorfêmicos e monossilábicos	112
5.4.2.2 Sinais monomorfêmicos e dissilábicos	116
5.4.2.3 Sinais bimorfêmicos e monossilábicos	117
5.4.2.4 Sinais bimorfêmicos e dissilábicos.....	118
5.4.3 Considerações finais.....	126
CONCLUSÃO.....	130
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	141
ANEXOS.....	148

INTRODUÇÃO

A língua brasileira de sinais é uma língua natural¹ de modalidade visoespacial, que tem como característica ser produzida no espaço por meio de gestos e ser percebida através da visão. As línguas de sinais se diferenciam das línguas orais em virtude das modalidades de produção e percepção – visoespacial e oral-auditiva, respectivamente. Em função desta diferença crucial na modalidade das línguas de sinais, sua organização gramatical difere significativamente daquela das línguas orais, embora a eficácia comunicativa de ambas as modalidades sejam equiparáveis.

Tendo em vista o fato de que as línguas de sinais constituem um código linguístico de natureza diversa daquele constituído pelas línguas orais, por um lado, e de que os enunciados produzidos numa dada língua – seja ela oral ou de sinais – obedecem a certos níveis de organização prosódica, por outro, procuraremos, neste trabalho, desenvolver uma análise sobre a língua brasileira de sinais, buscando compreender como as suas manifestações se caracterizam em termos de sílabas, bem como de outras unidades relevantes para a organização prosódica do enunciado sinalizado.

Nesta dissertação, adotaremos algumas convenções terminológicas que poderão divergir de certos hábitos estabelecidos para o uso dos termos, na tradição dos estudos surdos no Brasil. A pesquisa sobre a língua brasileira de sinais (libras) foi impulsionada inicialmente pelos esforços em torno da *escolarização* de pessoas surdas no país. Nesse contexto histórico, uma das abordagens utilizadas envolvia a tentativa de adaptação da língua portuguesa para uma modalidade gestual, conhecida como “português sinalizado”, seguindo as mesmas estratégias oriundas da abordagem educacional originada na França do século XVIII (ver

¹ Segundo Guarinello (2007), o termo “natural” significa que as línguas sinalizadas surgiram da interação entre pessoas surdas e permitem a expressão de qualquer conceito ou significado inerente à comunicação humana.

capítulo 1). Nesta dissertação, no entanto, o termo “língua sinalizada” será utilizado em contraposição à noção de “língua falada”, diferentemente do que se observa em muito da literatura disponível nos estudos surdos. Este uso do termo está em consonância com as pesquisas sobre a *linguística* das línguas de sinais ao redor do mundo, em cujo contexto, os termos referem-se especificamente à oposição existente entre as modalidades de produção/percepção das línguas, sendo utilizados assim para fins de análise linguística.² Outros pares de termos que também serão adotados ao longo deste trabalho são: “língua de sinais” (LS), em contraposição a “língua oral” (LO); e “sinalizante”, em contraposição a “falante”.

Como já foi mencionado, este trabalho traz uma discussão a respeito da sílaba em línguas sinalizadas. De um ponto de vista teórico, os estudos sobre a sílaba em LOs contribuíram com seus fundamentos para a elaboração das teorias referentes à sílaba em LSs. Assim, nesta análise, serão adotados alguns pressupostos das teorias disponíveis, contudo, sem perder de vista as contribuições que a modalidade visoespacial tem a oferecer para o desenvolvimento da discussão em torno do assunto.

Em LOs, a sílaba se constitui como um importante elemento na organização rítmica da fala, sendo que, durante a fonação, a sílaba também está relacionada às fronteiras entre as palavras e às pausas. Nas LSs, o elemento silábico também é observado. Em se tratando de sinais, alguns teóricos em fonologia apontam que a sílaba está diretamente relacionada ao parâmetro movimento, enquanto outros teóricos apontam a locação como núcleo da sílaba.

Os parâmetros em LSs são entendidos como categorias que abarcam os elementos fonológicos básicos, constitutivos da manifestação linguística; são eles: a *configuração de mão*, que está ligada à forma da mão durante a elaboração do sinal; a *orientação da palma*, ligada à direcionalidade da mão; a *locação*, que diz respeito ao espaço que a mão ocupa para elaborar o sinal; o *movimento*, que pode ser dividido em movimento de direção, ao mudar a locação, e movimento interno ou local, ao mudar a configuração ou orientação de mão; e,

² Wilcox e Wilcox (2005), por exemplo, preferem o termo “línguas sinalizadas”, de modo a evitar confundir-se a modalidade (“signed languages”) com a língua em si (American Sign Language).

ainda, as *expressões não-manuais*, que são movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco.

O estudo sobre a sílaba na libras é inédito e tem como principal motivação a possibilidade de proporcionar uma melhor compreensão sobre a organização fonológica dos sinais no nível prosódico, além de possibilitar comparações com a fonologia das LOs, contribuindo assim para o desenvolvimento das teorias linguísticas.

Além disso, os estudos descritivos sobre uma determinada língua são fundamentais para entender sobre o seu funcionamento e, por conseguinte, constituem importante fonte de subsídios para o seu ensino, uma vez que tal conhecimento auxilia desde a concepção que o professor tem sobre a língua a ser ensinada até a preparação de materiais didáticos adequados para esse fim.

A realização deste trabalho se justifica, portanto, pela contribuição que ele poderá oferecer à teoria linguística, bem como para a criação de políticas públicas voltadas tanto para o ensino de libras quanto para o uso dessa língua na vida cotidiana dos cidadãos surdos no país.

O objetivo desta pesquisa é analisar a organização dos segmentos fonológicos da libras em termos de sílabas, pois se trata de um assunto relevante para o estudo da fonologia de línguas sinalizadas que já vem sendo debatido em vários países, sobre diferentes LSs (língua de sinais americana, língua de sinais britânica, língua de sinais israelense, etc.). A partir de um levantamento das semelhanças e diferenças observáveis entre as modalidades visoespacial e oral-auditiva, objetiva-se ainda investigar até que ponto existe, de fato, uma relação de equivalência entre a unidade silábica em LOs e a unidade silábica em LSs. Pretende-se, principalmente, estabelecer quais são os critérios para a identificação da sílaba na libras e discutir as especificidades dessa unidade fonológica mediante as características próprias da modalidade visoespacial.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho envolveu pesquisa de campo para a coleta de dados linguísticos e sociolinguísticos, os quais foram levantados especificamente para esta investigação, durante o período de agosto de 2009 a outubro de 2010. Após visitas a comunidades linguísticas de libras, deu-se início à coleta de dados (cf. explicitado no capítulo 2), os quais foram transcritos e analisados ao longo do período.

O presente trabalho se divide em cinco capítulos. O primeiro apresenta um panorama histórico sobre as percepções a respeito das pessoas com surdez; as línguas de sinais como instrumento de mediação na educação do surdo; e as correntes filosóficas que fundamentaram a educação dos surdos ao longo da história, especificamente, o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Algumas considerações a respeito das contribuições que as LSs podem oferecer à educação das pessoas surdas são tecidas ao final do capítulo.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada no planejamento, desenvolvimento e elaboração deste trabalho. Inicialmente, são apresentados os objetivos da metodologia de pesquisa; em seguida, trata-se sobre os procedimentos, os instrumentos, os participantes e os dados da pesquisa; e, por fim, há a exposição sobre a transcrição e a análise dos dados.

O terceiro capítulo oferece um panorama teórico sobre o estudo da sílaba nas línguas orais, uma vez que as atuais teorias sobre a sílaba nas línguas de sinais quase que invariavelmente se fundamentam nesses pressupostos teóricos lançados previamente. Para esse fim, serão apresentadas as discussões propostas por autores como Hyman (1975), Saussure (1969), Kenstowicz (1994), Durand (1990), Hulst (1993) e Silva (2008).

O quarto capítulo oferece a descrição dos modelos teóricos que orientarão a discussão sobre a sílaba nas línguas de sinais e, por conseguinte, a análise dos dados da libras, nesta dissertação; a saber: o Modelo Movimento-Suspensão, de Liddell e Johnson (1990[1984]); Modelo “Hand-Tier”, de Sandler (1989); Modelo Prosódico, de Brentari (1998); e a Fonologia da Dependência, de Hulst(1993). Os modelos teóricos em questão se apóiam em estudos descritivos de línguas sinalizadas de outras partes do mundo – especificamente, a língua de sinais americana, a língua de sinais israelense e a língua de sinais australiana – e são apenas alguns dos diferentes modelos teóricos disponíveis sobre a sílaba em LSs.

O último capítulo apresenta a interpretação da análise dos dados da língua brasileira de sinais utilizada por surdos adultos fluentes que residem na cidade de Goiânia, Estado de Goiás. O capítulo inclui uma discussão sobre a delimitação do sinal e os critérios que podem ser empregados nessa tarefa; considerações sobre a iconicidade em línguas sinalizadas em geral, e em libras em particular; e, finalmente, a apresentação das

características prosódicas relevantes para a identificação da sílaba, reveladas pela análise de diferentes grupos de dados obtidos para este trabalho.

A partir desta pesquisa, há a possibilidade de observar a sequencialidade em relação aos parâmetros locação e movimento, e a simultaneidade na organização dos parâmetros, pois configuração de mão, orientação da palma, movimento e locação são os parâmetros utilizados durante a produção do sinal. Além disso, verifica-se que o estudo da sonoridade em libras oferece contribuições para a análise do acento nessa língua. Embora o termo sonoridade esteja relacionado ao som nas LOs, na libras, a sonoridade se revela no tempo de duração dos sinais, na velocidade dos movimentos, na duração das pausas entre um sinal e outro, nas expressões faciais e corporais e na visibilidade dos parâmetros.

Este estudo, embora modesto, espera contribuir para o avanço das pesquisas sobre a língua brasileira de sinais, bem como para o repertório de conhecimento sobre a organização prosódica de línguas sinalizadas, no sentido de favorecer a ampliação de perspectivas a respeito da natureza da linguagem humana.

CAPÍTULO 1

LÍNGUAS DE SINAIS

O presente capítulo apresenta um breve histórico dos estudos sobre as LSs. A explanação inclui informações sobre diferentes percepções a respeito do surdo e sua expressão linguística; a criação e o uso de línguas de sinais (em versões variadas) como instrumento de mediação na educação do surdo; e as principais correntes filosóficas que têm fundamentado a educação do surdo desde o século XVIII: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Por fim, faz-se uma reflexão sobre a situação atual da educação de surdos no Brasil.

1.1 Histórico sobre as línguas de sinais

As línguas de sinais apresentam um histórico de estudos linguísticos bem recente, em comparação com as línguas orais. No entanto, ao recorrermos à história das línguas utilizadas pelos surdos, veremos que o registro mais antigo de línguas de sinais, atribuído ao filósofo grego Sócrates, data de aproximadamente 368 a.C. (SACKS, 2000). Trata-se de uma conversa entre o filósofo e um de seus discípulos sobre o modo como as pessoas “surdas-mudas”³ faziam para se comunicar, utilizando sinais produzidos com algumas partes do corpo.

Dentre os textos mais antigos, também há registro na Bíblia Sagrada, em uma referência ao uso de sinais por Zacarias e seus familiares⁴. Nessa época, a língua de sinais

³ Hoje, sabe-se que há um equívoco em se utilizar o termo “surdo-mudo”. A pessoa surda não fala porque não tem a habilidade para ouvir. O termo proposto pelos estudiosos da surdez, e aceito atualmente, é “surdo”.

⁴ “(...) fizeram sinais ao pai, perguntando que nome ele queria pôr no menino.” (Lucas 1, 62)

ainda não era entendida como língua natural, apesar de já ser utilizada pelas pessoas. Essa informação é importante, no sentido de se conhecer sobre as percepções a respeito do surdo e sobre os usos mais antigos de LSs. Mesmo apresentando um histórico de estudos bem recente, as LSs são utilizadas pelas pessoas surdas há muito tempo.

De acordo com Sacks (2000), no século dezesseis, o médico-filósofo Cardan propôs que a pessoa surda poderia “ouvir” através da leitura e “falar” através da escrita, de modo que a compreensão não estaria ligada diretamente à audição. Atualmente, essa afirmação já está comprovada, devido à própria natureza visoespacial da LS, e não há mais dúvida sobre a capacidade de linguagem do surdo. Mas não foi sempre assim.

No passado, a surdez era confundida com incapacidade mental devido à dificuldade de comunicação entre os surdos e os ouvintes. Também houve um tempo em que o surdo não podia responder legalmente por si, pois não era considerado capaz. Além disso, segundo Sacks (2000), a igreja julgava a pessoa surda como impura porque ela não se confessava nem fazia suas orações.

Os estudos mais antigos sobre LSs encontrados na literatura foram aqueles feitos pelo abade Charles M. de l'Épée em 1750, sob uma perspectiva educacional (ver seção 1.1), e, sob uma perspectiva antropológica, por E. B. Tylor, por volta de 1870. Entretanto, os estudos sobre línguas de sinais sob uma perspectiva linguística tiveram como pioneiro o linguista americano William Stokoe, a partir de 1960. Até esta época, as línguas de sinais ainda não eram vistas como sistemas linguísticos dotados de uma estrutura interna, mas sim como um tipo de pantomima, ou códigos gestuais, ou a representação da língua oral através das mãos.

Stokoe percebeu que a língua do surdo possuía uma organização linguística e também era capaz de expressar o mesmo que qualquer língua de modalidade oral. Ele, então, propôs um estudo sobre a estrutura interna das línguas de sinais a partir da língua de sinais americana – doravante, ASL⁵ –, que acabou servindo o propósito de validar o *status* de “língua natural” das línguas de sinais. Esse advento promoveu o início de uma nova fase em pesquisas linguísticas, em que o objeto de estudo passou a ser as línguas sinalizadas.

⁵ American Sign Language.

Inicialmente, Stokoe (1960) propôs que a língua sinalizada fosse considerada em termos de “aspectos simultâneos”, a saber: “configuração de mão”, a forma das mãos na produção do sinal; “ponto de articulação” ou “locação”, o espaço de enunciação; e, “ação” ou “movimento”, que envolve os movimentos internos da mão, do pulso e outros direcionais no espaço. Battison (1978) acrescentou aos aspectos propostos por Stokoe a “orientação da palma”, referindo-se à direção da palma da mão durante a produção dos sinais. Em 1979, Klima e Bellugi propuseram o termo *parâmetro* para substituir *aspecto*.

Segundo Supalla (2008), o trabalho com línguas de modalidade visoespacial passou a representar uma base empírica para os universais linguísticos, dentro da perspectiva gerativista. De fato, o estudo da ASL acabou por se revelar uma empreitada de fundamental importância no sentido de promover um movimento de pesquisas sobre línguas de sinais de diferentes partes do mundo, já que as línguas sinalizadas passaram a constituir objeto de interesse teórico. Uma consequência desse interesse predominantemente teórico, no entanto, foi uma tradição, que acabou por se firmar, de se analisarem as línguas sinalizadas com base em categorias linguísticas próprias das línguas faladas.

Desde as propostas de Stokoe, linguistas de diversos países têm feito investigações a fim de compreender e descrever a aquisição, estrutura, uso, funcionamento e aplicação das LSs na educação e na vida dos surdos. Os principais representantes desses estudos são William Stokoe, Wendy Sandler, Diane Lillo-Martin, Clayton Valli, Trevor Johnston, David Corina, Ronnie Wilbur, Diane Brentari, Scott Liddell, Carol Padden, Robert Johnson, dentre outros, em diversos países. No Brasil, destacam-se Lucinda Ferreira-Brito, Ronice Müller de Quadros, Lodenir Karnopp, Tanya Amaral, dentre outros.

1.2. A língua de sinais na educação do surdo

Antes de se começarem as pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais, a maior preocupação era com o desenvolvimento linguístico do surdo, por motivos religiosos. Havia, assim, a necessidade de uma língua que pudesse ser utilizada como elemento de mediação, de modo que os surdos pudessem ser treinados no cumprimento de suas obrigações perante o catolicismo. Por volta de 1750, o abade francês Charles M. de l'Épée, preocupado com as crianças surdas que não sabiam ler ou falar e, por causa disso, eram privadas dos

conhecimentos religiosos, dos textos bíblicos e da confissão, desenvolveu um código que veio a ser conhecido como os “Sinais Metódicos”⁶, no intuito de ensinar as crianças a se comunicarem com os demais – nesse caso, os ouvintes (SACKS, 2000).

Na França do século XVIII, os surdos já se utilizavam de uma língua de sinais, a qual ficou conhecida na literatura como Antiga Língua de Sinais Francesa (ALSF). O sistema artificial criado por l’Epée, também conhecido como Antigo Francês Sinalizado, era utilizado no meio educacional, enquanto a ALSF era utilizada pelos alunos surdos em situações informais. Ao longo de vários anos, pessoas de vários lugares iam à França para aprender com o abade e com seus discípulos o método de ensino para surdos por meio da língua de sinais. Assim, o método de l’Epée acabou sendo difundido em outros países, inclusive nos Estados Unidos, contribuindo para o desenvolvimento da ASL como instrumento de mediação no ensino aos surdos.

Nesse sentido, o século XVIII é considerado uma época mundialmente importante na história da educação dos surdos, pois, através do método de l’Epée, os surdos puderam ter acesso à educação com a inserção das línguas de sinais no ambiente escolar. Por se tratar de um instrumento de interação entre as pessoas, a língua tem uma influência direta na educação. Não é possível haver aprendizagem efetiva sem que a pessoa tenha adquirido a primeira língua. E a língua de sinais, por sua vez, é aprendida naturalmente pelo surdo, desde que ele esteja exposto a um ambiente que propicie a sua aquisição, em contato com outros usuários.

De acordo com Wilcox e Wilcox (2005), l’Epée provavelmente não teria entendido ALSF como uma língua natural, uma vez que ele mesclou a língua de sinais que aprendeu com os surdos franceses da época, à língua oral francesa. Ele acrescentou à ALSF todos os elementos gramaticais que julgou necessários para que essa língua fosse usada na educação da criança surda. Na verdade, esse processo de modificação da língua sinalizada teve como justificativa a busca pela aceitação dos educadores, os quais ainda não haviam compreendido que a ALSF se tratava de uma língua natural dotada de uma gramática diferente da gramática da língua francesa.

⁶ Atualmente, conhecido como Francês Sinalizado, assim como temos o Português Sinalizado no Brasil, que é uma espécie de representação da língua oral através de sinais, procurando obedecer ao léxico e à gramática da língua oral, numa espécie de tradução palavra por palavra.

1.3 Correntes filosóficas que fundamentaram a educação dos surdos

Três correntes filosóficas principais fundamentaram a educação dos surdos desde o século XVIII: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

1.3.1 Oralismo

Após o II Congresso Internacional sobre a instrução de surdos, realizado em Milão no ano de 1880, houve um retrocesso na iniciativa de se usar as línguas de sinais na mediação do processo ensino-aprendizagem. As pessoas envolvidas na realização do congresso eram exclusivamente ouvintes e consideravam a língua de sinais inadequada para o desenvolvimento da criança surda. De acordo com Silva e Nembri (2008), nesse evento, apresentaram-se surdos que falavam bem a língua oral, comprovando a eficácia da filosofia educacional chamada “Oralismo”, em detrimento do uso de sinais, os quais poderiam “desviar a atenção do surdo” em relação à aprendizagem da língua oral.

Segundo Goldfeld (2003),

O Oralismo ou Filosofia Oralista é caracterizado principalmente pela ideia de que o deficiente auditivo necessita aprender a língua oral de seu país para assim integrar-se à comunidade ouvinte. O Oralismo acredita que a aquisição da Língua de Sinais é prejudicial para o deficiente auditivo já que, ao ser exposto a uma língua de fácil acesso, pelo canal espaço-visual, este perderia o interesse em aprender a língua oral. (p. 99)

Com essa visão, o Oralismo não aceitava o uso de língua de sinais. Pelo contrário, a LS poderia ser um fator negativo na aprendizagem do aluno surdo, por influenciá-lo na aprendizagem da LO, a qual era utilizada nas escolas como meio de integração do surdo à comunidade ouvinte. Trata-se certamente de uma idéia equivocada sobre as necessidades e habilidades comunicativas do surdo, o qual tem maior facilidade para adquirir uma língua de modalidade visoespacial do que uma língua de modalidade oral-auditiva, por razões óbvias.

Silva e Nembri (2008) afirmam que, durante muito tempo, essa abordagem não foi confrontada, embora não tenha obtido o sucesso pretendido, visto que a maioria dos alunos surdos não desenvolvia a fala de modo socialmente aceito, assim como não demonstravam ter alcançado a aprendizagem da leitura e da escrita de modo efetivo. Apesar desses prejuízos, o

oralismo ganhou visibilidade na educação do surdo e, por isso, com o tempo, foi se difundindo por vários países como uma metodologia eficaz.

Durante algum tempo, tornou-se proibido o uso de qualquer tipo de manifestação gestual no ambiente escolar e, conseqüentemente, o uso de língua de sinais também não era incentivado nos lares dos surdos. Há relatos de que, nas escolas, os surdos tinham que manter as mãos para trás do corpo, às vezes sofrendo agressões físicas, entre outros tipos de coibições, tanto por parte da família como dos profissionais das escolas onde estudavam. Impedidos de usarem os gestos, que para eles seria o meio mais natural de comunicação, os surdos não adquiriam a língua de sinais e, conseqüentemente, não podiam se comunicar com seus pares, a menos que aprendessem a língua oral.

Além de evidentes prejuízos linguísticos, psicológicos e emocionais, esse tipo de proibição também poderia acarretar prejuízos culturais ao surdo. Privada do contato com outros usuários de língua de sinais, a criança surda não adquiria a língua na idade adequada. Em síntese, a criança surda não possuía o sentido da audição, nem a oportunidade de aprender uma língua visual, a qual seria a alternativa ideal para seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, cultural e social.

No início do século XX, houve manifestações por parte de um pequeno grupo de pessoas nos EUA, que defenderam a língua de sinais como instrumento de mediação no processo de ensino. Um exemplo foi o professor surdo George Veditz, formado pela Universidade de Gallaudet e que também foi presidente da Associação Nacional dos Surdos, nos EUA. Em 1913, ele fez um discurso, o qual foi gravado em vídeo, com o título “Preservation of the Sign Language”, em que ele se posicionou favoravelmente em relação à preservação das línguas de sinais, frente às pressões para que os professores utilizassem apenas a comunicação oral com as crianças surdas.

No entanto, o método oral foi utilizado na educação por muito tempo e, até nos dias atuais, pode-se ouvir falar desse método em algumas instituições escolares, apesar de ir de encontro às leis que amparam o uso de línguas de sinais pela comunidade surda. Obviamente, o oralismo recebeu várias críticas, principalmente no que tange à “limitação da comunicação ao canal vocal”, que afasta o aprendizado da linguagem em situações reais de comunicação, de acordo com Silva e Nembri (2008). A limitação auditiva impede a pessoa

surda de compreender todas as situações cotidianas da oralidade. Da mesma forma, a sua expressão também será afetada, pois, privada da audição, essa pessoa não consegue se expressar fluentemente através de uma língua oral.

Para o surdo, aprender a língua oral não é uma tarefa fácil. De acordo com a fonoaudióloga Marcia Goldfeld (2003), é um processo longo, que pode durar por volta de 8 a 10 anos, tendo a necessidade de se levar em consideração vários aspectos, dentre eles a idade em que ocorreu a perda auditiva, o grau da perda, o apoio da família, etc. Ela também deixa claro que, para que o surdo aprenda a língua oral, ele precisa ser atendido por um profissional especializado, o fonoaudiólogo, que vai expô-lo à estimulação adequada, podendo incluir a leitura labial, o uso de próteses auditivas, o treinamento vocal a partir da repetição de sons, manipulação da laringe para sentir a vibração das pregas vocais, entre outras estratégias. Tudo isso com o intuito de que o surdo possa falar como uma pessoa ouvinte.

Diante dessa realidade, percebe-se que a oralidade imposta ao surdo é uma prática artificial, pois para adquiri-la, é preciso um tratamento especializado. A dificuldade em adquirir uma língua de modalidade oral-auditiva, a qual requer habilidades que o surdo não possui, é um fator negativo no processo de educação através da filosofia de ensino oralista. Por isso, o Oralismo foi perdendo seu espaço no ambiente escolar.

1.3.2 Comunicação Total

Diante da ineficácia do Oralismo para a educação dos surdos, uma vez que os alunos surdos não obtinham êxito escolar com essa filosofia, houve a necessidade de se buscar alternativas para a sua educação. O desenvolvimento de pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais também ajudou para que o Oralismo fosse deixado de lado. As pesquisas provaram que as línguas de sinais são sistemas dotados de uma estrutura interna (cf. seção 1.1), capazes de expressar qualquer mensagem transmitida pelas línguas orais. Então a filosofia oralista foi abandonada em várias escolas em favor da Comunicação Total. Segundo Goldfeld (2002),

A filosofia da comunicação total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes. Esta filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por este motivo, essa filosofia defende a utilização de recursos espaço-viso-manuais como facilitadores da comunicação. (p. 38)

Através dessa filosofia, o professor poderia lançar mão de recursos como sinais, leitura labial, amplificação através de aparelhos auditivos, alfabeto digital, imagens, mímicas, etc, para que o aluno surdo pudesse compreender as informações que lhe fossem transmitidas. Além disso, a criança poderia se expressar utilizando a modalidade preferida de linguagem, pois essa linha tem como pressuposto teórico-filosófico que “somente o aprendizado da língua oralizável não assegura o pleno desenvolvimento da criança surda” (GOLDFELD, 2002, p. 39).

Entretanto, a comunicação total também sofreu críticas, envolvendo discordâncias entre os estudiosos. Silva e Nembri (2008) apontam que uma dessas críticas diz respeito ao fato de que é impossível falar e sinalizar ao mesmo tempo de modo efetivo, visto que cada língua tem sua organização interna própria. Desse modo, a simultaneidade de produção e compreensão de ambas as línguas torna-se uma tarefa difícil e, muitas vezes, a língua oral prevalece.

A Comunicação Total é um recurso utilizado principalmente por pessoas que não dominam a LS. E, por isso, demonstra não reconhecer nem valorizar a LS como a língua natural do surdo. Após várias pesquisas sobre a educação dos surdos, conclui-se que a filosofia de ensino que valoriza a identidade e a cultura da comunidade surda é o Bilinguismo (cf. seção 1.3.3), no entanto, ainda há muito que se estudar sobre sua aplicabilidade em um contexto de escola inclusiva.

1.3.3 Bilinguismo

O ensino bilíngue reconhece a língua de sinais como a primeira língua do surdo, por ser uma língua natural, uma vez que os surdos adquirem a língua de sinais espontaneamente quando estão em contato com usuários dessa língua. A língua oral é considerada a segunda língua do surdo e, para adquiri-la, “a criança surda necessita de um

atendimento específico” (GOLDFELD, 2002, p. 44). Segundo essa filosofia, é preciso dominar a língua de sinais para depois passar pelo processo de ensino-aprendizagem formal, pois assim o surdo terá uma referência que lhe sirva de parâmetro para comparação.

Segundo Kelman (2008), pode-se

(...) optar por um programa bilíngue em que se aprenda a língua portuguesa em suas modalidades leitura silenciosa, compreensão e escrita, excluindo a expressão oral da língua portuguesa. O acesso a níveis mais elevados de educação precisa ser garantido para facilitar as informações e as trocas culturais, respeitando-se as diferentes culturas. Uma pessoa bilíngue, ao interagir nas duas culturas, torna-se bicultural de alguma forma. Dessa forma, não ocorre um subjugo à cultura dominante, mas um processo de adaptação social, em busca de um enriquecimento nas interações sociais, cognitivas e emocionais. (p. 100)

Nesse sentido, a autora afirma que o bilinguismo é necessário para o desenvolvimento holístico do sujeito surdo, não só como um ser social, mas também visando seu crescimento cognitivo e emocional. A partir do momento em que o surdo adquire a primeira língua, ele tem a possibilidade de conhecer o mundo em que vive. O conhecimento de mundo adquirido através da língua de sinais possibilita ao indivíduo surdo a aprendizagem da língua oral.

A aprendizagem da LO pode levar o surdo a níveis mais elevados da educação formal, pois é por meio dessa língua que o indivíduo recebe a educação formal durante sua escolaridade. Desde o início da vida acadêmica até a produção de novos conhecimentos, o surdo utiliza a LO em suas modalidades leitura e escrita. Mesmo tendo o Bilinguismo como a filosofia educacional que apresenta maiores vantagens para o ensino do aluno surdo, ainda não há um consenso entre os gestores e os educadores para sua aplicabilidade na sala de aula.

Na prática, há ainda muitos problemas a serem resolvidos. Por exemplo, em uma sala inclusiva, onde há alunos com diferentes necessidades, como seria possível uma aula em libras? Na hipótese de apenas os surdos saberem libras, seria viável sua separação dos demais? Provavelmente isto seria visto como uma forma de exclusão ou de segregação. Diante desses questionamentos, percebe-se que ainda há muito que ser feito pela educação do surdo de modo efetivo e com qualidade.

1.4 Considerações finais

Nos dias de hoje, existem instrumentos legais que orientam para a inclusão social de pessoas de diferentes gêneros, etnias, classes sociais, orientações sexuais, com deficiências, entre outras especificidades. Essas diferenças compõem a diversidade humana presente em todos os lugares, principalmente na escola, local de formação acadêmica do indivíduo.

As principais leis que respaldam a educação das pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação são a Declaração de Salamanca, de 1994, que foi um marco histórico para as políticas públicas voltadas aos alunos com deficiências; a lei nº 10.172, de 2001, que aprova o Plano Nacional de Educação que estabelece vinte e oito objetivos e metas para educação das pessoas com necessidades educacionais especiais; a resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica; e o Decreto nº 3.956, de outubro de 2001, que promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (Convenção da Guatemala), dentre outras leis e decretos federais e estaduais que buscam a garantia do oferecimento do ensino a todos os alunos.

A lei que reconhece a língua de sinais brasileira como meio legal de comunicação e expressão é a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. A lei estabelece que

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, Lei nº 10.436).

Essa lei fez com que a libras passasse a ser não só utilizada como também respeitada como língua de fato, pois, anteriormente, era percebida pelos ouvintes apenas como gestos ou mímicas. Porém a língua de sinais não pode substituir, de acordo com essa lei, a modalidade escrita da língua portuguesa.

Pesquisadores de todo o país manifestaram maior interesse pelos estudos lingüísticos da libras. A lei nº 10.436 também estabelece que o sistema educacional em todas

as esferas – federal, estadual e municipal – deve garantir o ensino da libras nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério. Assim, os profissionais diretamente envolvidos no atendimento ao aluno surdo podem se beneficiar de um preparo melhor para o trabalho com esse aluno.

O bilinguismo tem sido apontado por pesquisadores em educação de surdos⁷ como a filosofia educacional ideal para a educação de surdos. No entanto, o bilinguismo ainda não está estruturado em todas as escolas em que há alunos surdos, por ainda não haver uma política educacional que atenda às especificidades desta filosofia. Segundo Quadros (2008),

A educação de surdos na perspectiva bilíngüe toma uma forma que transcende as questões puramente linguísticas. (...) está sendo definida pelos próprios movimentos surdos: marca fundamental da consolidação de uma educação de surdos em um país que se entende equivocadamente monolíngüe” (p. 35).

Atualmente, há movimentos de associações de surdos e outras entidades para que haja uma política pública de educação que priorize o Bilinguismo na educação do aluno surdo. Os movimentos e lutas dessas entidades podem ser fundamentais para que se possa efetivar uma educação que valorize a língua de sinais nas escolas do país, através do Bilinguismo.

Por enquanto, o melhor a ser feito é o que já acontece nas escolas públicas do Estado de Goiás desde 1999, onde há o intérprete de libras atuando em conjunto com o professor regular na sala de aula. O professor da disciplina oferece sua aula em língua portuguesa e o intérprete faz a tradução em libras para o aluno surdo. Com certeza, é preciso refinar esse processo, pois há vários problemas, como por exemplo, não há intérpretes efetivos suficientes para o número de alunos surdos matriculados nas escolas do Estado e, por isso, nem todos os alunos surdos têm acesso às explicações dos conteúdos escolares. Outro problema encontrado é que a maioria dos alunos surdos que ingressa nas escolas não domina a LS, necessitando de aprender libras juntamente com os conteúdos escolares. Também há o problema do despreparo dos intérpretes para mediar o ensino de disciplinas específicas,

⁷ QUADROS, 2008; KELMAN (2008); FERNANDES e CORREIA (2008); LOPES (2007); GOLDFELD (2002) e outros.

principalmente porque há termos nessas disciplinas que ainda não têm correspondência na libras, dificultando a representação de conceitos introduzidos no ambiente escolar.

Atualmente, em Goiás, muitas escolas têm uma sala de recursos, onde há o Atendimento Educacional Especializado – AEE, que é uma proposta do MEC para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Para o aluno surdo, além do intérprete na sala de aula regular, há também o professor de recursos, que o atende no contraturno, contribuindo para sua aprendizagem com o ensino do conteúdo da aula em libras e da própria língua de sinais, quando o aluno tem essa necessidade. Entretanto, há inúmeros professores de recursos que não sabem libras, ou mesmo intérpretes que não têm a fluência necessária para exercer seu cargo, apesar de haver esforços para minimizar essas dificuldades, pois, frequentemente, são oferecidos vários cursos de formação para esses profissionais.

As correntes filosóficas tratadas nesse capítulo mostram como as pesquisas linguísticas em línguas de sinais ajudam no desenvolvimento de abordagens educacionais que propiciem melhor aprendizagem ao aluno surdo. O presente trabalho resulta de uma análise linguística da libras e tem como uma de suas finalidades o oferecimento de subsídios teóricos para a prática pedagógica dos educadores. A partir dos estudos descritivos sobre as línguas de sinais, torna-se possível o desenvolvimento de propostas de ensino que melhor atendam às especificidades do surdo.

Atualmente, as metodologias de ensino têm como base a LO. Mesmo que haja o intérprete em sala de aula, o método de ensino ainda prioriza os conhecimentos da LO. O professor regente da disciplina dá sua aula usando a LO, enquanto o intérprete faz a tradução para libras para o aluno surdo. No contraturno, quando a escola oferece o AEE, o professor de recursos ensina o aluno surdo utilizando a libras. Neste caso, o bilinguismo é utilizado na educação do surdo, pois ocorre em um atendimento individualizado ou em pequenos grupos, então não há os mesmos problemas encontrados na sala de aula.

Com o avanço das pesquisas linguísticas em LSs, educadores terão maior fundamentação para criar novas metodologias que sejam mais eficazes na educação do surdo. A transmissão de conhecimentos a partir da própria língua do indivíduo tem maior chance de

obter resultados positivos, seja em LO ou em LS. Além disso, quando a criança pode lançar mão de seu conhecimento de mundo obtido através de sua língua materna, a aprendizagem escolar torna-se uma tarefa menos árdua. Por isso é importante que a educação tenha a contribuição da linguística, para que os aspectos relacionados à língua sejam priorizados na reformulação das metodologias aplicadas ao ensino formal.

CAPÍTULO 2

A TEORIA DA FONOLOGIA A PARTIR DO ESTUDO DE LÍNGUAS ORAIS

Como as pesquisas linguísticas sobre línguas sinalizadas começaram a se desenvolver somente há cerca de cinquenta anos, os estudos fonológicos de línguas de modalidade visoespacial são ainda incipientes e, por isso, uma abordagem aos pressupostos teóricos da fonologia oriundos da pesquisa em línguas de modalidade oral-auditiva mostra-se relevante para uma apreciação do contexto em que se situam as primeiras. Este é o objetivo do presente capítulo.

2.1. Breve histórico sobre o desenvolvimento da teoria fonológica

Fonologia é o estudo dos sistemas de sons das línguas (HALLE, 1970; HYMAN, 1975; SILVA, 2008). Também é o componente da teoria linguística responsável pelas combinações possíveis de serem realizadas entre os diversos fonemas. A fonologia de línguas orais tem como principal objeto de estudo as propriedades dos sistemas de sons internalizados pelos usuários das línguas em geral e busca explicar a estrutura e o funcionamento dos sons nas línguas.

Os primeiros estudos sobre o fonema e outros postulados da teoria fonológica foram realizados por linguistas como o polonês Jan Niecislaw Baudouin de Courtenay (1845-1929), o franco-suíço Ferdinand de Saussure (1859-1913) e o americano Edward Sapir (1884-1939). Segundo Câmara Júnior (2001), esses estudiosos verificaram que as propriedades articulatórias e acústicas, ou traços dos sons, eram os aspectos que possibilitavam distinguir os sons vocais da língua analisada. Esses traços que distinguem os sons são chamados traços distintivos, cujos conjuntos se opõem entre si, distinguindo um fonema de outro.

Saussure (1995) propõe a visão de que a língua (*langue*) é a parte psíquica, aquela que se materializa exclusivamente no meio social, enquanto a fala (*parole*) é a parte psico-física e, por isso, individual. Essas e outras dicotomias propostas por Saussure abrem caminhos para outros estudos na linguística, servindo inclusive de base para o estudo da fonologia. Saussure apresenta a fonologia como um estudo bem distinto da fonética e também coloca que a Fonologia é um estudo que pode auxiliar a Linguística a “livrar-se das ilusões da escrita” (p. 43). A fonologia, realmente, não se prende ao sistema de escrita da língua estudada, mesmo porque existe a possibilidade de se analisarem as várias línguas ágrafas que existem no mundo. Além disso, os sistemas fonológicos das línguas podem ser analisados tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Segundo Hyman (1975), Nikolaj Trubetzkoy, membro do Círculo Linguístico de Praga, em 1939, descreveu como tarefa da fonologia o estudo das diferenças de som relacionadas às diferenças de significado, buscando explicar em que sentido esses elementos discriminativos se relacionam uns com os outros e se combinam. O grupo de pesquisadores dessa escola mostrou que a combinação entre elementos distintivos pode formar palavras e sentenças, tratando-se de uma interface fonologia-morfologia-sintaxe. Segundo Kenstowicz (1994),

*O estudo sobre os sistemas de sons das várias línguas diferentes descritas ao longo de dois séculos sugere que os sons da fala são produzidos a partir de um alfabeto fonético universal restrito, com uma estrutura interna surpreendentemente rica. Essa estrutura, na maior parte, reflete categorizações impostas pelo aparato vocal.*⁸
(p. 13; tradução minha)

A fonologia de uma língua é vista como a realização física da linguagem e a teoria fonológica oferece a possibilidade de compreendermos melhor tanto sobre a fala dos ouvintes como sobre os sinais dos surdos, permitindo também a recuperação desses elementos (sonoros ou visuais) através de um sinal acústico ou visual. Tanto os sons da fala quanto os parâmetros dos sinais são organizados por um sistema abstrato no qual podem ser consideradas as

⁸ No original: “The study of the sound systems of the many different languages described over the past two centuries strongly suggests that the sounds of speech are drawn from a tightly constrained, universal phonetic alphabet with a surprisingly rich internal structure. This structure in large part reflects categorizations imposed by the vocal apparatus.”

características universais, aquelas observáveis em todas as línguas, e as características particulares, pertencentes a línguas individuais. E é papel da fonologia o estudo desse sistema.

Durand (1990) afirma que,

*Em primeiro lugar, um número de universais formais são propostos de acordo com as várias regras que podem aparecer numa dada gramática, as estruturas nas quais elas operam e as condições de ordem sob as quais elas se aplicam. Em segundo lugar, um grupo de universais substantivos, na forma de traços distintivos, é oferecido como parte de um alfabeto global da teoria linguística.*⁹ (p. 35; tradução minha)

A partir desses universais, tornou-se possível estabelecer critérios para se analisar e descrever qualquer língua utilizada por diferentes pessoas em diferentes lugares. Surgiram as correntes pós-estruturalistas, de acordo com as quais foram propostos alguns modelos fonológicos, dentre eles a fonologia gerativa padrão, a fonologia gerativa natural e a fonologia natural.

Em 1965, Noam Chomsky publicou *Aspects of the Theory of Syntax*¹⁰, apresentando a análise do componente sintático como primordial na análise linguística. Mais tarde, propôs uma interação entre os componentes sintático, semântico e fonológico para a descrição gramatical.

Em 1968, foi publicado *The Sound Pattern of English*¹¹, de Noam Chomsky e Morris Halle, abrindo caminhos para os estudos da fonologia gerativa clássica (ou padrão). A teoria da estrutura interna dos segmentos sonoros, teoria de níveis e derivação, teoria da ligação entre sintaxe e fonologia, e outras, foram alguns dos modelos teóricos constitutivos da fonologia gerativa clássica. Segundo Durand (1990), de 1968 em diante, muitos trabalhos foram desenvolvidos, tanto no sentido de comprovar como rejeitar esses modelos. A representação fonológica seria

⁹ No original: “First of all, a number of formal universals are proposed concerning the kinds of rules which can appear in a grammar, the structures on which they operate and the ordering conditions under which they apply. Secondly, a set of substantive universals in the shape of distinctive features are offered as part of the overall alphabet of linguistic theory.”

¹⁰ Aspectos da Teoria da Sintaxe.

¹¹ O Padrão Sonoro do Inglês.

*[S]implesmente definida como um arranjo **linear** dos segmentos de sons (mesmo que cada segmento seja composto de traços que ocorrem simultaneamente) e onde as regras fonológicas operam sobre essas sequências (elas apagam, inserem ou alteram a ordem dos segmentos, ou mudam os valores de traços).¹² (DURAND, 1990, p. 1; tradução minha)*

Na fonologia gerativa clássica, a representação fonológica envolve regras, níveis de aplicação das regras e as formas de aplicação dessas regras. As teorias têm o objetivo de descrever e analisar os sistemas fonológicos das línguas em geral, sendo que a “fonologia gerativa padrão se propõe a oferecer como alternativa ao modelo estruturalista um mecanismo de formalização sofisticado que expresse as generalizações de sistemas fonológicos.” (SILVA, 2008, p. 189).

Os fatores que motivaram o questionamento dos modelos estruturalistas dizem respeito às formas de se expressarem as generalizações dos sistemas fonológicos, em que “cada fonema é tratado como uma unidade distinta que se relaciona aos seus respectivos alofones em contextos específicos” (loc. cit.). Linguistas como Roman Jakobson e Morris Halle contribuíram para a proposta da fonologia segmental, posteriormente adotada pela fonologia gerativa padrão. Eles questionaram sobre o fato de se considerar o fonema a unidade mínima a ser analisada, compreendendo os fonemas a partir de seus traços distintivos.

Diante desse panorama sobre os estudos de fonologia em LOs, conclui-se que, de acordo com a concepção de linguagem de cada época, há uma mudança em relação aos conceitos de fonema e, principalmente, em relação à forma como se analisam os aspectos fonológicos das línguas. Contudo, alguns aspectos teóricos prevalecem desde os primeiros estudos sobre fonologia, como a noção de fonema e de traços distintivos, que são elementos fundamentais para a análise fonológica de qualquer língua.

No que concerne às mudanças, Silva (2008) acrescenta que

A mudança de foco teórico em fonologia ocorre, sobretudo com a introdução de modelos que incorporam a sílaba à teoria fonológica. A sílaba passa não apenas a possuir status teórico, mas constitui a parte central do componente sonoro (p. 202).

¹² No original: “[S]imply depicted as a **linear** arrangement of sound-segments (even though each segment is composed of simultaneously occurring features) and where phonological rules operate on such strings (they delete, insert or permute segments, or change their feature-values).”

Nesse sentido, a linguística passa a se interessar pela análise da sílaba, tendo em vista que se trata de uma estrutura fundamental na análise fonológica das línguas em geral. A sílaba é uma estrutura importante na análise fonológica, pois o estudo dessa estrutura possibilita a compreensão de vários aspectos sonoros das línguas. A próxima seção discute a sílaba nas LOs, a partir de uma exposição sobre as teorias que fundamentam as pesquisas sobre essa unidade fonológica.

2.2 A sílaba nas línguas orais

Mesmo tendo sido observada desde o início do século XX pelos estruturalistas, somente a partir da década de 1970 é que a sílaba ganha destaque nos estudos fonológicos. Várias teorias chamadas não-lineares surgiram a partir da necessidade de se analisarem fenômenos ou unidades de escopo prosódico, tais como a sílaba, os sistemas tonais e os sistemas de harmonia vocálica, por exemplo. Alguns dos modelos teóricos desenvolvidos nesse contexto incluem, por exemplo, a fonologia autosegmental, a fonologia métrica, a fonologia CV, a fonologia da dependência, entre outros (DURAND, 1990), e a sílaba “passa não apenas a possuir status teórico, mas constitui a parte central da análise do componente sonoro” (SILVA, 2008, p. 202).

De acordo com Jakobson e Halle (1971), sílaba “é o padrão elementar subjacente a qualquer grupo de fonemas”¹³ (p. 31). Os autores informam que o primeiro estudioso a dispensar atenção ao estudo da sílaba foi Evgenii Dmitrievich Polivanov, em Moscou, na década de 1930, que a definiu como “a célula construtiva básica na sequência da fala”¹⁴. Os autores verificavam que a sílaba se tratava de uma sequência de sons presentes na fala, ou ainda, a sílaba era tida como um conjunto de segmentos que se encontram em uma organização hierárquica. A partir dessas concepções, a sílaba passou a ser objeto de estudos da linguística.

Em termos auditivos, segundo Ewen e Hulst (2001), cada sílaba apresenta um pico de sonoridade, o qual é mais proeminente do que os seus demais elementos. Estudos sobre as línguas orais se referem à sílaba como unidade organizada ao redor de um pico

¹³ Tradução minha. No original: “(...) the elementary pattern underlying any grouping of phonemes (...)”.

¹⁴ Tradução minha. No original: “the basic constructive cell in the speech sequence”.

sonoro, que é o núcleo. Trata-se de uma unidade fundamental na análise fonológica, pois a sílaba pode receber o acento, que é o elemento que se destaca entre os demais por exibir maior intensidade, amplitude e sonoridade, na organização sintagmática dos segmentos, em LOs.

A sílaba geralmente se refere a um grupo de consoantes em torno de uma vogal. A sílaba pode consistir de uma consoante inicial ou grupo de consoantes, chamado *ataque*; uma vogal, que é o *núcleo*; e uma ou mais consoantes finais, formando a *coda*. A(s) vogal(is) ou consoante(s) final(is) juntas formam a *rima*. Dentre os constituintes da sílaba, o elemento básico é o núcleo, o qual é o elemento mais sonoro em relação aos demais.

Em seus recentes estudos sobre a evolução da linguagem, MacNeilage (2008) argumenta que a fala humana parte da oposição entre dois movimentos articulatórios fundamentais, que são o abrir e o fechar da boca, relacionando-os aos ciclos das oscilações mandibulares durante a amamentação. Nessa visão, a boca aberta em consonância com a fonação resulta nos sons vocálicos; por outro lado, a boca fechada levaria à possibilidade de se articularem os sons consonantais. O balbucio está ligado à alternância entre a boca aberta e a boca fechada, por exemplo, nos sons *bababa*, *mamama*, emitidos pelos bebês.

MacNeilage (2008), a respeito da vocalização de “mama”, demonstra que “há dois picos de amplitude no sinal. Esses picos correspondem às duas vogais. Também há dois períodos de frequência relativamente baixa e atividade de baixa amplitude associada aos dois fechamentos dos lábios para os dois ‘m’s”¹⁵ (p. 289). Essas afirmações anunciam uma associação entre as sub-rotinas de amamentação e a produção silábica em LOs, que além da vocalização, também envolve abertura e fechamento da boca em conjunto com a respiração. Em termos gerais, a sílaba em LOs se caracteriza por picos de sonoridade, em que as vogais seriam os núcleos das sílabas durante a fala, pois são mais sonoras em relação aos sons consonantais.

Constata-se que a sílaba em LOs é uma estrutura presente na fala, cuja análise é importante para a compreensão dos aspectos fonológicos das línguas. A sílaba apresenta um

¹⁵ Tradução minha. No original: “There are two amplitude peaks in the signal corresponding to the two vowels and two periods of relatively low frequency and low amplitude activity associated with the two lip closures for the two ‘m’s”.

conjunto de segmentos organizados em torno de um pico de sonoridade, denominado núcleo, que corresponde ao elemento vocálico. Entender sobre os elementos que compõem a sílaba facilita a compreensão sobre as relações entre os sons da fala.

CAPÍTULO 3

A SÍLABA EM LÍNGUAS DE SINAIS E SUA ESTRUTURA INTERNA

Nas línguas de sinais, a sílaba também é um aspecto da fonologia que vem sendo objeto de estudos de vários linguistas interessados por línguas de sinais é a sílaba. No entanto, ainda não há um consenso sobre sua natureza entre os autores. As diversas observações sobre a natureza da sílaba formam um conjunto de critérios a serem considerados a fim de se definir essa unidade fonológica em línguas sinalizadas.

O presente capítulo apresenta um panorama dos modelos teóricos desenvolvidos por Liddell e Johnson [2005(1984)], Sandler (1989, 2008), Brentari (1995,1998), Hulst (1993), Wilbur (1990), Emmorey (2002), Johnston e Schembri (2007), e Sandler e Lillo-Martin (2006) para a caracterização e a análise da sílaba em línguas de sinais.

3.1 Panorama teórico sobre as análises da sílaba em línguas de sinais

Ainda não há uma definição única da sílaba em línguas de sinais, até porque cada pesquisador se fundamenta em bases teóricas diferentes. Brentari (1995), Sandler e Lillo-Martin (2006) e Johnston e Schembri (2007) sustentam que os pesquisadores ainda não entraram em um consenso sobre a melhor forma de se caracterizar a estrutura da sílaba, mesmo que essa noção já tenha sido aceita pela maioria dos estudiosos de língua de sinais. Por exemplo, de acordo com Wilbur e Allen (1991), alguns pesquisadores afirmam que a sílaba nas línguas sinalizadas é composta por sequências de segmentos; outros levantam uma hipótese contrária, afirmando que é justamente uma maneira de os elementos se organizarem enquanto unidades rítmicas.

Wilbur e Allen (1991) explicam que essa discussão é possível porque há várias maneiras de se definir a sílaba em línguas sinalizadas uma vez que esta unidade aparentemente apresenta várias perspectivas de estudo nessas línguas. Mas há como restringir essa gama de possibilidades de interpretação sobre a sílaba. Em primeiro lugar, a modalidade linguística influencia na percepção e na elaboração de um construto teórico sobre sílaba em LS. Diante dos dados observados e de sua análise, verifica-se a presença de vários intervalos entre um sinal e outro, bem como maior visibilidade de um parâmetro em relação aos demais, no momento de enunciação. Sugere-se que esses intervalos e a visibilidade estão relacionados ao parâmetro *movimento*.

Sandler e Lillo-Martin (2006) apresentam um panorama geral dos resultados obtidos em algumas de suas pesquisas sobre a sílaba em LS:

- i. há uma unidade prosódica responsável pela organização temporal dos gestos fonéticos;*
- ii. há restrições de conteúdo dessa unidade;*
- iii. é concebida através de regras;*
- iv. há evidência distribucional para a seguinte hierarquia de saliência: movimento de direção > movimento interno > locação.¹⁶ (p. 218)*

O presente trabalho adotará a visão de que a sílaba em LS é aquele elemento da língua que pode ser melhor visualizado e produzido com maior ênfase pelo sinalizante, e seu núcleo está ligado ao elemento de maior visibilidade, o movimento. No decorrer do trabalho, essa definição será confirmada com exemplos acompanhados de argumentos.

Os principais estudos referentes à sílaba em LSs partem dos conhecimentos adquiridos sobre a sílaba em línguas orais. Os principais autores que abordam o tema são Liddell e Johnson [2005(1984)] com a analogia entre consoante e vogal em LOs e movimento e suspensão em LSs; Hulst (1993) com os estudos da organização interna dos sinais; Brentari (1995, 1998) e o estudo do peso silábico; e, Sandler (2008), que concebe o movimento como núcleo da sílaba. Segue abaixo uma breve exposição acerca de cada um desses modelos.

¹⁶ Tradução minha. No original: “i. there is a prosodic unit that organizes the timing of phonetic gestures; ii. there are constraints on the content of this unit; iii. it is referred to by rules; iv. there is distributional evidence for the following saliency hierarchy: path movement > internal movement > location.”

Liddell e Johnson [2005(1984)] propõem o modelo movimento – suspensão (seção 4.1.1.1), seguindo os estudos de Stokoe (1960), tendo como base o pressuposto de que as línguas orais combinam elementos sem significado para formar elementos com significado. Essa comparação entre LOs e LSs constitui o preâmbulo dos estudos linguísticos em LSs. Stokoe (1960), como foi descrito na seção 1.1, propôs que o sinal se compõe de aspectos, posteriormente nomeados parâmetros. Nessa abordagem, Liddell e Johnson [2005(1984)], partem da teoria proposta por Stokoe e utilizam conhecimentos das línguas orais para estabelecerem uma analogia entre os segmentos *movimento* e *suspensão*, de LSs, e *vogais* e *consoantes* de LOs¹⁷.

Hulst (1993), apesar de também partir dos estudos de Stokoe (1960), propõe uma teoria diferente de representação fonológica dos sinais, pois ele não é a favor da ideia de se fazer uma análise de língua de modalidade visoespacial com base em uma teoria sobre línguas de modalidade oral-auditiva. Ele não segue a analogia CV – HM¹⁸ (consoante – vogal / suspensão – movimento)¹⁹ proposta por Liddell e Johnson [2005(1984)], e aceita por vários pesquisadores. Hulst (1993) parte de uma ideia básica de que LSs têm uma estrutura dual, em que os sinais podem ser analisados a partir de “um grupo de propriedades distintivas ‘sem-significado’ e regras que as manipulam”²⁰ (ibid., p. 209-210). A estrutura dual presente nas LSs diz respeito aos parâmetros que formam os sinais. Isolados, os parâmetros não apresentam significado lexical; e, quando são combinados uns com os outros, formam diferentes itens lexicais.

Hulst (1993) levanta uma discussão comparando ataque²¹ e rima²² de LO com o que é observado em LS. A(s) vogal(is) ou consoante(s) final(is) juntas formam a rima. Há uma diferença bem clara quanto aos constituintes do ataque e da rima encontrados em LO, em que seus papéis fonológicos são bem definidos; por exemplo, o peso²³ da sílaba recai sobre a

¹⁷ Esse assunto será abordado na seção 3.1.1.1.

¹⁸ *Hold-Movement*.

¹⁹ Ver seção 4.1.1.1.

²⁰ Tradução minha. No original: “(...) a set of non-meaning-bearing distinctive properties and rules manipulating these.”

²¹ Transição fonológica distintiva entre as rimas; normalmente, a primeira consoante ou grupo de consoantes em uma sílaba.

²² Propriedade relevante na organização prosódica superior, cujo núcleo geralmente é ocupado pela vogal nas LOs.

²³ Unidade de maior visibilidade ou sonoridade.

rima. Por apresentar um núcleo, ou unidade de peso, a sílaba em LS é analisada em termos de unidade de maior visibilidade. A partir da observação dos dados, verifica-se que a unidade mais visível em um enunciado em LS é o movimento, assim como a unidade sonora mais proeminente em LO é o segmento vocálico. A comparação entre a unidade de peso em LS e em LO pode auxiliar na busca pelo núcleo da sílaba em LS.

Em línguas de sinais, Hulst refere-se ao movimento de transição como sendo o ataque. O ataque não faz parte do domínio fonológico, pois o movimento de transição que acontece de um sinal para outro não apresenta propriedades distintivas. Hulst coloca que a rima apresenta uma forma “reduzida” de estrutura silábica, diferentemente do que ocorre em LOs em relação à distinção consoante-vogal.

Verifica-se que, nas LSs, o movimento está presente em todos os sinais, seja movimento de direção, movimento interno ou movimento de transição²⁴. Segundo Hulst (1993), não existem diferentes tipos de movimento de transição em LSs, ao contrário do que acontece com as rimas, as quais apresentam uma série de possíveis distinções bem maior do que em LOs. Apesar de não apresentar propriedades distintivas e de não ser um movimento fonológico, o movimento de transição tem uma relevância para o estudo da sílaba em LS. Esse movimento também apresenta um grau de visibilidade e contribui para o ritmo do enunciado. O movimento de transição está relacionado à preparação para a produção do sinal e também ao término deste sinal.

Emmorey (2002), corroborando a ideia de Hulst, aponta que não há evidências para a distinção entre ataque e rima em LS, apesar de “alguns linguistas terem argumentado sobre distinções de peso, i.e. sílabas “pesadas” vs. “leves”, baseadas nas diferenças de tipos de movimento”²⁵ (p. 36). A distinção entre ataque e rima é feita a partir da análise dos diferentes tipos de movimento²⁶, em que se pode observar desde os movimentos mais salientes, como o movimento de direção, até os movimentos secundários, os quais apresentam menor visibilidade. A relevância desse pressuposto é que há a possibilidade de se analisar a sílaba

²⁴ Segundo Stack (1988), até mesmo letras e números são pronunciados com um movimento curto de direção. Neste caso, trata-se de um movimento de preparo para a produção do sinal.

²⁵ Tradução minha. No original: “some linguists have argued for weight distinctions, i.e. “heavy” vs. “light” syllables, based on differences in movement types”.

²⁶ Ver seção 5.3.1 neste trabalho.

com movimento de direção como sílaba pesada, e a sílaba com movimento interno ou secundário como sílaba leve.

Sandler (2008) também faz comparações entre LOs e LSs em seus estudos sobre a sílaba; além disso, ela parte dos estudos de Liddell e Jonhson [2005(1984)] e estabelece uma nova forma de analisar a sílaba (ver seção 3.1.1.2). Ela propõe que a razão para se considerar o movimento como o núcleo da sílaba se deve ao fato de ser este o parâmetro de maior visibilidade entre os demais, embora nem todos os autores concordem com essa visão. A sílaba está associada a esse parâmetro, mesmo havendo uma tendência de os sinais apresentarem apenas um movimento em sua produção. Por conseguinte, a maioria dos sinais é considerada monossilábica. Os dados desta pesquisa confirmam esse postulado. Há, na maioria dos sinais, uma correspondência entre sinal e sílaba (ver capítulo 5).

Sandler (2008) também aborda esse assunto afirmando que sílabas em LS não apresentariam assimetrias ataque-rima. Ela diz que, em um sinal, a primeira e a última locações não apresentam diferenças em relação às suas propriedades articulatórias ou ao papel que cada uma desempenha no sistema²⁷. As propriedades articulatórias do parâmetro locação, na maioria das vezes, são as mesmas de uma locação para outra. Por exemplo, pode-se suspender o sinal no ar, no local onde o sinal está sendo elaborado e, logo, começar outro sinal a partir daquela locação. Não existe um tipo específico de locação para início de sinal e outro para fim, por isso se diz que não há diferenças em relação às suas propriedades articulatórias.

Com essa afirmação, Sandler levanta um questionamento sobre a locação, um parâmetro que não influencia na visibilidade do sinal. Tanto a locação inicial quanto a locação final terão configurações semelhantes; é um ponto em que as mãos se encontram em descanso ou se preparando para produzir determinado sinal. Nos dados de controle desta pesquisa, em que são apresentadas figuras para que sejam produzidos os sinais, verificou-se que, quando os sinalizantes não estão enunciando algo, eles retornam as mãos para baixo, na frente do corpo. No decorrer da enunciação, as locações inicial e final estão ligadas aos sinais que foram elaborados anteriormente.

²⁷ “Unlike spoken syllables, the syllables of sign language exhibit no onset-rhyme asymmetries; the first and last L do not differ from one another in their articulatory properties or in the role each plays in the system” (SANDLER, 2008, p. 10).

Brentari (1998) tem como base a teoria já existente em ASL, mas quando necessário, ela busca semelhanças entre essa e outras LSs, sugerindo algumas generalizações. Nesse sentido, a autora se diferencia de outros pesquisadores, pois ela não parte de pesquisas sobre LOs, mas sim de pesquisas sobre LSs. Ela apresenta uma definição funcional de sílaba em línguas de sinais:

a. O número de movimentos sequenciais em uma série se iguala ao número de sílabas nessa série. Quando vários elementos dinâmicos menores co-ocorrem com um único elemento dinâmico de duração mais longa, o movimento único define a sílaba.

*b. Se uma estrutura é uma sílaba bem-formada como palavra independente, ela deve ser contada como uma sílaba, internamente a uma palavra.*²⁸ (p. 205)

Como definição formal, Brentari descreve a sílaba como uma estrutura que “deve conter pelo menos uma unidade de peso” (loc. cit). Em LO, a distinção entre sílabas pesadas e leves diz respeito ao número de segmentos presentes nas rimas. De acordo com Silva (2008), as sílabas leves comportariam apenas uma posição esquelética²⁹, o núcleo; enquanto sílabas pesadas teriam duas ou mais posições associadas à rima, o núcleo ramificado ou seguido de consoante. Em LS, o peso da sílaba tem a ver com o tipo de movimento, como já foi mencionado.

A partir das teorias sobre a sílaba em LSs aqui apresentadas, é possível concluir que essa estrutura está associada ao parâmetro *movimento*, o qual apresenta maior visibilidade nos momentos de enunciação. Os tipos de movimento também oferecem pistas para a análise da sílaba, pois segundo Emmorey (2002), o peso silábico está relacionado aos diferentes tipos de movimento. Comparando-se os dados desta pesquisa à teoria sobre a sílaba em LSs, percebe-se que a rima se restringe ao núcleo, e o ataque é a preparação para o sinal, o movimento de transição. Apesar de não haver um consenso para a definição de sílaba em LSs, o movimento é o parâmetro que melhor a define.

²⁸ Tradução minha. No original: “a. The number of sequential phonological movements in a string equals the number of syllables in that string. When several shorter dynamic elements co-occur with a single dynamic element of longer duration, the single movement defines the syllable. b. If a structure is a well-formed syllable as an independent word, it must be counted as a syllable word-internally.”

²⁹ Nas representações fonológicas, a estrutura silábica é representada em uma estrutura chamada esqueleto (skeleton). As posições esqueléticas são as posições ocupadas pelos segmentos da sílaba.

3.1.1 Modelos de representação fonológica da sílaba em línguas de sinais

Como modelos possíveis de análise, os quais servem de referenciais teóricos para a pesquisa da sílaba em línguas sinalizadas, encontram-se os modelos Movimento-Suspensão (LIDDELL; JOHNSON, 2005[1984]), “Hand-Tier” (HT) (SANDLER, 1989), Fonologia da Dependência (HULST, 1993), e o modelo Prosódico (BRENTARI, 1998), entre outros.

3.1.1.1 Modelo Movimento-Suspensão

A análise segmental da ASL, proposta por Liddell e desenvolvida em conjunto com Johnson, em 1984, apresenta a possibilidade de o sinal ser dividido em dois tipos de segmentos: movimentos e suspensões, daí o nome Modelo Movimento-Suspensão (Move-Hold Model). Dessa forma, a sílaba pode ser composta por várias combinações desses segmentos, os quais serão apontados posteriormente neste trabalho. Considerados unidades abstratas correspondentes a posições esqueléticas na representação fonológica dos sinais, os segmentos são combinações entre os parâmetros.

As definições de Liddell (1990) para os conceitos que fazem parte de sua teoria são as seguintes “um **movimento** é definido como um segmento durante o qual algum aspecto da articulação está em transição. Ao contrário, a **suspensão** é definida como um segmento no qual todos os aspectos do sinal estão em estado fixo”³⁰ (p. 38). Liddell e Johnson (1984) consideram os segmentos *suspensão* e *movimento* das LSs análogos respectivamente às consoantes e vogais das LOs. Do mesmo modo que a articulação de consoantes e vogais apresenta características específicas de voz, modo, ponto de articulação, vibração das pregas vocais, cada segmento do sinal também é uma combinação entre os parâmetros. O movimento, por apresentar maior visibilidade, seria análogo à vogal em LO, a qual é mais audível e, por isso, considerada núcleo da sílaba, enquanto a suspensão seria análoga à consoante de LO. Essa analogia foca no aspecto sequencial da estrutura do sinal.

³⁰ Tradução minha. No original “A *movement* is defined as a segment during which some aspect of the articulation is in transition. Conversely, a *hold* is defined as a segment in which all aspects of the sign are in steady state”.

O movimento se caracteriza por uma mudança na configuração de mão, orientação da palma ou locação. Por ser um segmento dinâmico na produção do sinal, o movimento é considerado central para a produção e percepção do sinal e, por isso, é denominado o núcleo da sílaba em LSs. A suspensão apresenta uma característica estática, é um período de tempo em que todos os aspectos constitutivos do sinal permanecem como estão. A sílaba, nesse modelo, pode ser representada pelas seguintes sequências: movimento; movimento-suspensão; suspensão-movimento e suspensão-movimento-suspensão.

Liddell argumenta que o movimento sempre faz a mudança de um grupo de traços articulatorios para outro, enquanto a suspensão está ligada a apenas um grupo de traços. As críticas direcionadas a esse modelo são principalmente porque Liddell e Johnson priorizam a sequencialidade em detrimento da simultaneidade na análise da organização dos sinais em sílabas. Os autores apresentam um modelo que analisa a sequência M-S-M (movimento-suspensão-movimento) como fundamental na estrutura dos sinais. Mas não se pode analisar a sílaba em LS em apenas uma vertente. A análise dos tipos de movimentos também é fundamental para se entender a sílaba nessa língua.

3.1.1.2 Modelo “Hand-Tier”

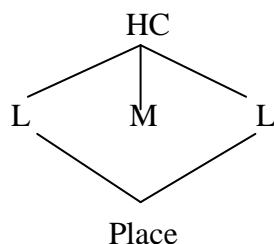
Sandler (1989), com a proposta do Modelo “Hand Tier” (Modelo HT), tenta explicar as relações entre os elementos fonológicos do sinal e seu comportamento nos processos gramaticais, como nos compostos, nos derivados, nos verbos de concordância, entre outros. Ela parte dos conhecimentos estabelecidos para o estudo de LS sobre os parâmetros, estabelecidos por Stokoe, e adota alguns aspectos do Modelo Movimento-Suspensão, propostos por Liddell e Johnson.

O modelo HT procura preservar as categorias tradicionais propostas por Stokoe. Sandler (1989) propõe que as categorias correspondentes a unidades de tempo são locações e movimentos, ao invés de suspensões e movimentos, como proposto por Liddell e Johnson. A

outra categoria principal é a configuração de mão, que é vista como um autossegmento³¹, cujas propriedades são forma e orientação da mão.

Segundo Sandler (1989), a mudança de forma e de orientação da mão em um sinal recebe o nome de “movimento interno”, o qual é um movimento que difere do movimento de direção; ou seja, ao invés de se mover a mão de uma locação para outra, ocorre um movimento dentro do escopo da própria mão, por mudança de posição dos dedos e/ou do pulso. Desse modo, Sandler inclui movimento interno, forma e orientação como traços da configuração de mão. Ela ainda associa configuração de mão às unidades temporais de locação e de movimento no sinal, que são organizadas em uma sequência.

O modelo de Sandler apresenta como uma de suas representações o seguinte esquema:



Esquema 4.1

Forma canônica de um sinal monomorfêmico no Modelo “Hand-Tier”
(SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 132)

Nesse esquema, **HC** significa *hand configuration*, que é a configuração de mão; **L** é *location*, locação; **M** é o *movement*, movimento; e, **place** é o ponto de articulação. A estrutura segmental sequencial do modelo de Liddell e Johnson é mantida, mas Sandler apresenta, no lugar de *suspensões*, as locações como categorias segmentais, seguindo a proposta dos parâmetros de Stokoe (configuração de mão, movimento e locação). Além disso, a suspensão prolongada da mão não é vista como uma propriedade ou categoria distintiva dos sinais, como no modelo Movimento-Suspensão, mas relacionada à prosódia³²

³¹ Autossegmento é um segmento autônomo. Esta noção se refere à autonomia de certas propriedades, como o tom, em relação às posições esqueléticas (C, V) na representação fonológica. Os traços distintivos também podem ser analisados como autossegmentos em certas línguas.

³² Incluindo a entonação durante a produção do enunciado.

ou à estrutura morfológica. Na sua representação, ela consegue expressar tanto sequencialidade (L – M – L) quanto simultaneidade [HC – (L – M – L) – Place].

3.1.1.3 Modelo Prosódico

Brentari (1995) aponta para a importância de se falar sobre a *sonoridade visual*, a fim de se entender sobre a sílaba em ASL. No Modelo Prosódico, Brentari define sonoridade tanto perceptual quanto articulatoriamente. Do ponto de vista perceptual, sonoridade é a propriedade que faz com que um sinal seja percebido mesmo a grandes distâncias. Nesse sentido, as operações para a compreensão do sinal são realizadas em etapas: percepção de uma propriedade, discriminação de propriedades semelhantes e identificação. Articulatoriamente, a sonoridade é percebida a partir do movimento das juntas ou articulações utilizadas na elaboração do sinal.

Os parâmetros utilizados na produção dos sinais mostram que “foneticamente, a sonoridade pode ser entendida como uma noção de saliência multidimensional”³³ (OHALA; KAWASAKI³⁴, 1984; OHALA³⁵, 1990 apud BRENTARI, 1998, p. 216). A sonoridade se reflete na observação dos parâmetros na produção dos sinais, os quais são elaborados ao mesmo tempo. Em se tratando de LS, a saliência multidimensional tem a ver com a simultaneidade dos parâmetros na produção do sinal e a característica de maior visibilidade de uns sobre outros. Os parâmetros se organizam em várias dimensões: formato de mão, posição, lugar, movimento. Dentre essas dimensões, há sempre aquela que se destaca. Nesta pesquisa, sugere-se que seja o movimento a dimensão de maior destaque na percepção visual dos sinais. Resumindo, os parâmetros são organizados simultaneamente na produção dos sinais e alguns se destacam mais, outros menos.

Brentari (1998) faz uma comparação entre a sonoridade em LO e em LS. Em LO, o grau de sonoridade está relacionado à abertura da cavidade oral. Brentari (1998) argumenta

³³ Tradução minha. No original: “Phonetically, sonority can be thought of as a notion of multidimensional salience”.

³⁴ OHALA, J.; KAWASAKI, H. *Phonetics and prosodic phonology*. Phonology yearbook, 1984. p. 113-127.

³⁵ OHALA, J. Alternative to the sonority hierarchy for explaining segmental sequential constraints. In: ZIOLKOWSKI, M.; NOSKE, M. DEATON, K. (eds.). *Papers from the 26th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, volume 2. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1990. p. 319-338.

que “o grau de abertura do trato vocal corresponde ao tamanho da cavidade dentro da qual o pulso glotal pode ressoar, e a ressonância está relacionada à amplitude do som (...)”³⁶ (p. 216). Desse modo, há maior percepção do som mesmo a uma distância maior. Nas LSs, o grau de sonoridade está ligado à proximidade entre as juntas que articulam o movimento do sinal e a linha média do corpo, e também à proximidade da produção do movimento à linha média do corpo, possibilitando maior visibilidade.

A autora propõe a possibilidade de a sílaba ser organizada de modo simultâneo no nível da palavra fonológica³⁷, caracterizada principalmente pela presença do acento. A proposta de Brentari a respeito da sílaba é a hierarquia da sonoridade: “movimento > mudança na configuração de mão > mudança na orientação da palma > movimento secundário”³⁸ (p. 627), baseada na proximidade das juntas do corpo. De acordo com a hierarquia da sonoridade, em uma comparação entre os tipos de movimento, o mais visível seria o movimento de direção e o menos visível, o movimento secundário.

A discussão sobre a hierarquia da sonoridade oferece uma direção na análise dos dados da libras, a fim de definir o que é movimento, para se chegar a uma conclusão sobre o que é a sílaba em determinado sinal e, ainda, possibilita uma análise mais apurada para se descobrir qual é o núcleo da sílaba naquele sinal. Então, a sonoridade seria a *saliência perceptual*, de acordo com Brentari (1998), a qual é observável em LOs e LSs, como consta no quadro elaborado pela autora, disposto a seguir:

³⁶ Tradução minha. No original “The degree of openness of the vocal tract corresponds to the size of the cavity within which the glottal pulse can resonate, and the amount of resonation is correlated with amplitude of the sound(...)”

³⁷ Segundo Zeshan (2002), a abordagem mais bem elaborada sobre palavra/sinal fonológico, com base em evidências da Língua de Sinais Israelense (ISL), foi feita por Sandler (1999), que levanta as seguintes restrições sobre a palavra ou sinal fonológico em LS: é monossilábica, utiliza apenas um grupo de dedos na forma da mão, usa apenas uma área maior do corpo, obedece a restrições de combinação entre as duas mãos, como o movimento simétrico das duas mãos. Em LS, palavra e sinal se equivalem no nível de organização linguística. Linguistas de LS não costumam utilizar o termo palavra em relação a essa língua, mas sim, sinal.

³⁸ Tradução minha. No original “movement > handshape change > orientation change > secondary movement”. Segundo Sandler e Lillo-Martin (2006), movimentos secundários são movimentos internos que se repetem rapidamente ou aqueles em que os dedos oscilam.

TABELA 3.1: Hierarquia da sonoridade em LS e em LO (BRENTARI, 1998, p. 218).³⁹

Hierarquia da sonoridade para o sinal e para a fala

Para movimentos com sinais simples			Para a fala (KENSTOWICZ, 1994)	
Traços	Juntas	Valor da Sonoridade	Traços	Valor da Sonoridade
grupo	ombro	6	vogais	5
direção	cotovelo	5	glides	4
orientação	punho	4	líquidas	3
abertura	metacarpo	3	nasais	2
	interfalangeal	2	obstruintes	1

Ombros, cotovelos, punhos e dedos são partes do corpo utilizadas na produção dos sinais em LS. O valor de sonoridade sugerido na tabela apresentada se refere a uma escala comparativa do grau de visibilidade do sinal, com base na parte do corpo utilizada na enunciação. Ao se comparar LSs e LOs, percebe-se que vogais são mais sonoras, enquanto as obstruintes são menos sonoras; assim como o movimento dos braços, cuja articulação está nos ombros e cotovelos, é mais perceptível do que o movimento dos dedos, cuja articulação é produzida pelo metacarpo e juntas interfalangeais. Nos exemplos a seguir, é possível a visualização do que Brentari quer mostrar com a hierarquia da sonoridade:



De acordo com a proposta de Brentari, como resultado da análise dos dados apresentados, o exemplo (1) seria o mais sonoro e o exemplo (4), o menos sonoro. Na produção do sinal [FERRO], observa-se o movimento do braço, articulado pelo ombro; em [GARFO], há o movimento da mão, articulada pelo punho; em [RELÓGIO], o movimento do metacarpo do dedo indicador; e, em [HOSPITAL], o movimento interfalangeal do dedo

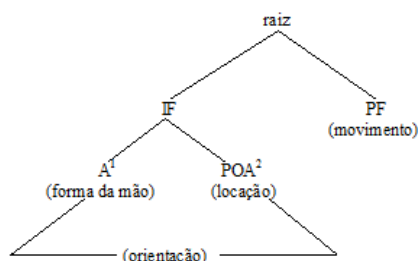
³⁹ Tradução minha.

indicador. Os valores indicados na tabela 4.1 para LSs são baseados nos valores indicados por Kenstowicz (1994) em LOs.

Wilbur (1990) levanta uma questão empírica sobre os possíveis elementos que poderiam servir como paralelos à hierarquia da sonoridade, entre eles, velocidade, aceleração ou força. Ela questiona sobre a possibilidade de percepção do núcleo da sílaba em LSs através da observação de alguns aspectos da aceleração, como o pico de aceleração, a forma ou até mesmo a desaceleração, que seria o tempo que se leva para que a velocidade máxima chegue a zero. Em seus estudos, a autora também verificou uma tensão maior na produção de alguns sinais, podendo caracterizar, nesses termos, os sinais potencialmente acentuados.

Pesquisadores de ambas as modalidades linguísticas argumentam que o estudo da sonoridade mostra que algumas propriedades são mais sonoras que outras. A anatomia e a fisiologia do trato vocal e a acústica são a base das propriedades da sonoridade, atribuindo diferentes qualidades, intensidades e frequências aos sons da fala. Por exemplo, em LOs, um som vocálico mais aberto, seja nasal ou oral, é mais sonoro do que um som fechado, considerado menos sonoro, por suas características acústicas, podendo ser percebido a uma distância mais longa. De forma análoga, o movimento produzido em um sinal é mais bem percebido do que uma mudança na configuração de mão.

No Modelo Prosódico, a sílaba é considerada o movimento fonológico sequencial. Nesse modelo, o núcleo da sílaba corresponde apenas aos movimentos fonológicos, que são os movimentos de direção, movimentos internos e movimentos secundários. O movimento de transição não é considerado. Para estudar a sílaba, é preciso entender sobre a prosódia do movimento, pois os traços prosódicos do movimento atravessam todos os parâmetros que compõem o sinal, da seguinte forma:



Esquema 3.2

Parâmetros no Modelo Prosódico (BRENTARI, 1998, p. 26). Tradução minha.

Nesse modelo, os traços inerentes (IF)⁴⁰ estão separados dos traços prosódicos (PF)⁴¹ do sinal. Os traços inerentes têm a estrutura hierárquica mais complexa e são realizados simultaneamente, como representado no esquema. A complexidade está relacionada aos parâmetros utilizados – forma da mão, locação e orientação da palma, enquanto os traços prosódicos são realizados sequencialmente, através do movimento. Na verdade, Brentari (1998) também considera que forma da mão, orientação e locação contém traços prosódicos, que são propriedades que apresentam mudanças durante a articulação do sinal, observados nos movimentos internos e secundários; e, traços inerentes, os quais permanecem sem alterações.

A relevância desse postulado para a análise da sílaba em LS é que tanto traços inerentes quanto traços prosódicos estão presentes na produção dos sinais. A compreensão sobre esses traços oferece elementos para que o linguista encontre informações necessárias para a análise da sílaba, pois os traços prosódicos estão diretamente ligados ao núcleo da sílaba em LS.

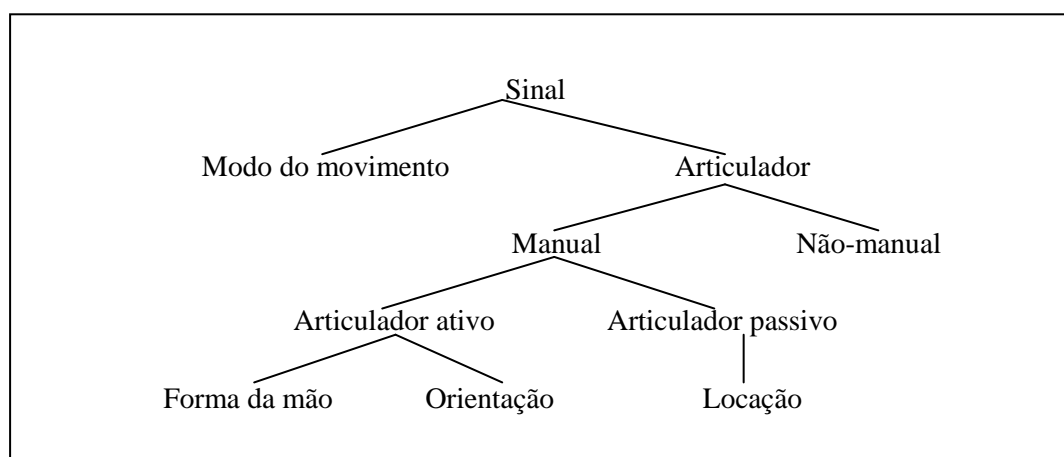
3.1.1.4 Fonologia da Dependência

Harry van der Hulst propõe um estudo sobre a sílaba em LS a partir da teoria da Fonologia da Dependência, a qual envolve a noção de que os constituintes das estruturas linguísticas se referem ao núcleo e aos dependentes. Na fonologia, o núcleo diz respeito ao segmento mais proeminente, dessa forma, o núcleo da sílaba seria o segmento mais sonoro. Hulst (1993) afirma que os traços do núcleo tendem a apresentar maiores contribuições para a interpretação fonética do que os traços do dependente. Então a proposta é estudar a relação núcleo-dependente entre os componentes do sinal.

Johnston e Schembri (2007) apresentam um modelo de estrutura de sinais de acordo com a Fonologia da Dependência proposta por Hulst (1993):

⁴⁰ Inherent Features.

⁴¹ Prosodic Features.



Esquema 3.3

Estrutura de sinais a partir do modelo da Fonologia da Dependência (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007, p. 286). Tradução minha.

Nesse modelo, Hulst (1993) observa que o movimento não é o único elemento capaz de funcionar como núcleo da sílaba. O movimento é o resultado que se espera quando há mudança na forma da mão, na locação e na orientação da palma. Ele argumenta que o movimento é um elemento secundário na organização silábica e, por isso, não pode ser o núcleo da sílaba.

O modelo da Fonologia da Dependência apresenta a relação núcleo-dependente, de acordo com a qual Hulst (1993) estabelece, por exemplo, a locação como sendo o núcleo, e a configuração de mão como dependente. A explicação para que a configuração de mão ocupe o lugar de dependente é que ela pode se espalhar no decorrer da sinalização, ao contrário da locação.

Em relação à assimetria núcleo-dependente encontrada na estrutura segmental das línguas faladas,

[P]ropriedades dependentes podem se espalhar independentemente, enquanto propriedades do núcleo não podem. (...) quando propriedades do núcleo estão envolvidas em um processo de espalhamento todos os traços que são dependentes do núcleo se espalham também. (p. 222)

Comparando-se LOs e LSs, ele explica que em LS, as propriedades do modo dos segmentos são as mais importantes para a distribuição dos tipos de segmentos na organização

silábica, isto é, “propriedades de modo determinam uma distribuição do segmento de forma bem mais significativa que as suas propriedades de lugar”⁴² (ibid., p. 222). As propriedades de modo são a forma da mão, a seleção dos dedos, a orientação da palma, e determinam a distribuição do segmento configuração de mão, enquanto as propriedades de lugar dizem respeito ao lugar de articulação do sinal, que é a locação.

Nesse sentido, Hulst (1993) defende uma representação fonológica específica para as LSs para que possam ser descritas e analisadas a partir das características que lhes são próprias.

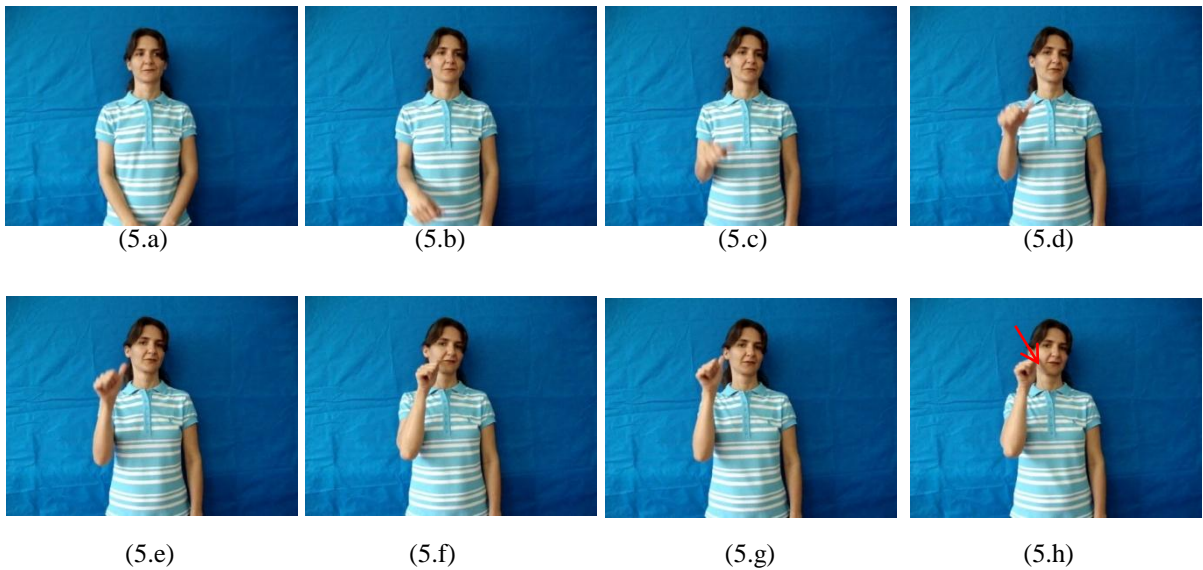
3.2 Discussões teóricas

Todas as propostas de estudo sobre a sílaba puderam oferecer suas contribuições para a comunidade científica, porém, com o avanço das pesquisas, é possível perceber que nem todas as teorias se aplicam efetivamente ao estudo das LSs. Por exemplo, o Modelo Movimento-Suspensão tem sua importância no sentido de oferecer subsídios teóricos para o estudo da organização do sinal em torno dos segmentos *movimento* e *suspensão*, sendo uma analogia a vogais e consoantes nas LOs. No entanto, como outros pesquisadores apontaram, esse modelo não considera a simultaneidade existente na produção dos sinais, na análise da sílaba.

A simultaneidade é tão importante quanto a sequencialidade na estrutura do sinal, pois a organização interna da sílaba está vinculada à simultaneidade dos parâmetros nos sinais. Durante a sinalização, os parâmetros são organizados de maneira simultânea. Geralmente, eles são produzidos em conjunto, mesmo que, durante a sinalização, eles sejam modificados ou substituídos por outros parâmetros, em um processo que vai acumulando e/ou substituindo os segmentos.

Para compreender sobre a simultaneidade na enunciação em LS, no exemplo a seguir, a sinalizante estabelece a configuração de mão, a orientação da palma, a locação e o movimento que serão utilizados:

⁴² Tradução minha. No original: “(...) manner properties determine a segment’s distribution to a much greater extent than its place properties do”.



(5) Quadros ilustrativos da preparação e execução do sinal [MULHER]

No exemplo dado, observa-se que, no quadro (5.a), a sinalizante está em posição de repouso, antes de lhe ser apresentado o cartão. Em (5.b) e (5.c), ela prepara o início do sinal, configurando a mão em A; em (5.d), ela orienta a palma da mão para frente; leva a mão para o ponto de articulação (locação) nos quadros (5.e), (5.f) e (5.g); e, em (5.h), ela executa o movimento de cima para baixo, finalizando o sinal. A execução do sinal ocorre de modo simultâneo, todos os parâmetros podem ser observados ao mesmo tempo nos últimos dois quadros. Entretanto, a preparação da mão para iniciar o sinal ocorre em uma sequência, em que normalmente se escolhe a configuração de mão, a orientação da palma, locação e, por fim, o movimento. Isso é observado na elaboração de todos os sinais isolados.

Wilbur (1990) aponta como um dos problemas do modelo de Liddell e Johnson o posicionamento dos segmentos *movimento* e *locação* na mesma tira linguística⁴³, pois nem sempre estes segmentos ocorrem sequencialmente; muitas vezes, eles ocorrem simultaneamente. A autora exemplifica essa crítica com o sinal STONE-DEAF, que é produzido próximo à orelha com um movimento de fechar a mão. O argumento é que não há nenhuma sequência temporal para locação e movimento, ou seja, não há como saber se o sinal deve ser representado como LM (Locação-Movimento) ou como ML (Movimento-Locação).

⁴³ “Linguistic tier”.

Esses segmentos co-ocorrem e, por isso, podem ser representados simultaneamente, em vez de sequencialmente.

Outra crítica é em relação à analogia entre os segmentos movimento e suspensão dos sinais e as vogais e consoantes de LOs. Hulst (1993) conclui que “os sinais têm uma forma ‘reduzida’ de estrutura de sílaba que não é análoga à distinção consoante-vogal de línguas faladas”⁴⁴ (p. 210). Trata-se de construtos teóricos distintos, próprios de cada modalidade linguística. As consoantes e as vogais são sons da fala e estão relacionadas ao ar que é expelido dos pulmões. Para a produção das consoantes, o ar encontra algum tipo de obstáculo, ou seja, sua passagem é obstruída de alguma maneira. As vogais são produzidas com a passagem do ar livre. Por exemplo, ao se produzir [p] ou [d], o ar é obstruído na cavidade oral durante algum tempo para depois ser solto. Na produção das vogais [a] ou [i], o ar é liberado livremente.

Em LSs, não há produção de sons, os sinais são organizados de maneira visual. Nesse sentido, não há nada que impeça a organização e a atuação de nenhum dos componentes articulatórios. Se há a suspensão e o movimento em LSs, é porque locação e movimento fazem parte do grupo de parâmetros que compõem essa língua. Esses parâmetros estão mais relacionados à ritmicidade das LSs.

Sandler, com a proposta do Modelo “Hand-Tier”, argumenta que as relações entre os elementos fonológicos do sinal e seu comportamento nos processos gramaticais têm como motivação a interação entre elementos sequenciais e simultâneos na produção do sinal em LS. O fato de as sílabas em LSs servirem como base para os elementos destituídos de sentido, da mesma forma como ocorre em LOs, é uma das semelhanças que se pode encontrar entre línguas de modalidade visoespacial e oral-auditiva.

Sandler (2008) atribui às propriedades físicas do sistema visoespacial as diferenças encontradas na organização da sílaba, entre outros aspectos da fonologia dessa modalidade linguística, uma vez que, em LSs, os articuladores primários são as mãos (uma delas ou as duas, dependendo do sinal produzido); enquanto em LOs, o articulador principal é a língua, em um espaço de articulação bem restrito, comparando-se ao de LSs.

⁴⁴ Tradução minha. No original “... signs have a ‘reduced’ form of syllable structure which does not have an analogue in the consonant-vowel distinction of spoken languages.”

Brentari também traz uma discussão interessante para a presente pesquisa. Ela propõe a análise da sílaba a partir do estudo da “sonoridade” visual e da hierarquia da sonoridade. O estudo a partir dessa teoria possibilita melhor compreensão sobre os tipos de movimentos encontrados nos dados; também é útil para a análise do núcleo da sílaba no sinal.

A respeito da organização interna dos sinais, MacNeilage (2008) afirma que as LSs não apresentam uma contraparte para a assimetria encontrada nas LOs, como por exemplo, a divisão em ataque e rima, sendo o ataque um componente mais simples, enquanto a rima se divide em núcleo e coda. Wilbur (1990) discorda, ao apresentar um estudo sobre os segmentos suspensão (H) inicial como ataque, suspensão (H) final como coda e movimento (M) como núcleo. Essa discussão a respeito de ataque e rima em LSs se deve à tradição de se aplicar pressupostos teóricos de LOs a LSs. É por isso que ainda não há um consenso entre os autores sobre esse assunto. Os dados dessa pesquisa mostram que o movimento de transição oferece informações importantes para se compreender sobre o ataque em LSs. Diante disso, sugere-se que o movimento de transição⁴⁵ também seja analisado na sílaba em libras.

A partir das discussões relacionadas, percebe-se que os modelos teóricos de análise de sílabas em LSs se fundamentam nas teorias de LOs, mesmo que as modalidades de produção e percepção sejam totalmente diferentes. Por exemplo, os modelos Movimento-Suspensão, “Hand-Tier”, Prosódico e Fonologia da Dependência seguem pressupostos teóricos das LOs para o estudo da sílaba em línguas de modalidade visoespacial. Para estudos iniciais, quando não havia nenhuma teoria a respeito de sílaba em LSs, essa prática era extremamente importante, mas hoje, é possível entender e analisar a sílaba em LSs partindo de suas próprias características.

Relacionando as teorias apresentadas aos dados desta pesquisa, conclui-se que a sílaba em LS é o elemento de maior visibilidade, o movimento, na maioria dos sinais. Esse movimento segue uma escala de “sonoridade”, partindo do mais perceptível, que é o movimento de direção, ao menos perceptível, o movimento transicional. Essa escala auxilia na análise do núcleo da sílaba em LS. Durante a produção de enunciados mais amplos, verifica-se que o movimento é o parâmetro que mais se destaca e que há a presença de elementos mais perceptíveis do que outros no decorrer da sinalização.

⁴⁵ Ver seção 5.3.1.5.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Neste capítulo, teceremos algumas considerações a respeito da coleta de dados de uma língua sinalizada para fins de análise linguística. A partir de uma exposição a respeito dos participantes e do contexto da pesquisa, serão apresentados os instrumentos desenvolvidos e adotados para a coleta do material linguístico, os procedimentos envolvidos, bem como as técnicas e tecnologias empregadas no tratamento dos dados.

4.1 Procedimentos

Considera-se que a modalidade pode influenciar na produção da língua, pois as condições articulatórias, físicas e de tempo de produção e de percepção envolvidas tanto em uma modalidade como em outra são fatores consideráveis em uma análise linguística. O desenvolvimento e a conclusão do presente trabalho fundamentaram-se metodologicamente no estudo dos materiais bibliográficos disponíveis sobre o tema a fim de preparar o modelo adequado da base de dados necessários à análise; a seleção dos sinalizantes ideais para fornecimento dos dados; a condução da pesquisa de campo para a coleta de material linguístico; e, finalmente, a transcrição e análise desse material.

O estudo bibliográfico que fundamenta a presente pesquisa consiste, em sua maioria, de teorizações a partir da ASL, a qual figura na maioria dos estudos teóricos sobre línguas sinalizadas, como se pode ver nos trabalhos Stokoe (1960), Klima e Bellugi (1979), Sandler (1989, 2008), e Sandler e Lillo-Martin (2006). Referências bibliográficas relativas à linguística da libras, como Capovilla e Raphael (2001), Felipe (2001), Xavier (2006), Quadros

e Karnopp (2007) e Leite (2008), também fundamentam a análise apresentada nesta dissertação.

A pesquisa de campo desenvolvida neste trabalho, entre agosto de 2009 e outubro de 2010, teve como objetivo entender o funcionamento da sílaba a partir de dados controlados produzidos por usuários surdos, fluentes em libras. Também buscou possíveis respostas nos aspectos sócio-histórico-culturais da comunidade surda, em se tratando de aspectos referentes a variações linguísticas. De agosto a dezembro de 2009, os encontros com os sinalizantes se deram semanalmente, sempre às quintas-feiras. Nestes encontros, eram feitas filmagens ou conversas com os surdos para o levantamento dos dados. Em 2010, os encontros passaram a uma vez ao mês, para fins de esclarecimentos sobre a análise dos dados e também para a coleta de materiais adicionais.

4.2 Instrumentos de pesquisa

No intuito de se desenvolver um estudo descritivo da libras utilizada em Goiânia, o planejamento para a coleta de dados incluiu entrevista individual, para contato com os possíveis participantes, a fim de explicar-lhes sobre a pesquisa; aplicação de questionário sociolinguístico⁴⁶, contendo perguntas sobre etiologia da surdez, aquisição de língua, escolarização, histórico familiar, etc., de cada indivíduo; gravação de enunciados em libras por surdos adultos fluentes nessa língua, para observar a utilização dos parâmetros em cada sinal. A princípio, a interação com esses sujeitos foi mediada por um intérprete da língua.

A coleta de dados foi registrada por meio de filmagens através de uma câmera digital Sony DSC-W210 de 12.1 megapixels. As primeiras coletas foram também mediadas por um intérprete de libras, professor do CAS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez). Além de auxiliar na preparação do ambiente para o registro das imagens, ele traduziu para os surdos as instruções relativas aos procedimentos envolvidos em cada etapa da coleta e ficava por perto caso houvesse alguma dúvida a ser esclarecida durante as gravações. Foram feitas filmagens da enunciação de sinais

⁴⁶ Ver APÊNDICE B.

a partir de cartões com figuras⁴⁷ representando diferentes campos semânticos, tais como pessoas, frutas, profissões, peças de vestuário, partes do corpo, animais, móveis. Os cartões foram apresentados aos sinalizantes, primeiramente com o propósito de se obter material de cunho lexical para a análise das unidades fonológicas dessa língua. Assim, pediu-se dos sinalizantes que nomeassem as entidades representadas nos cartões, os quais foram apresentados um a um. Cada sinal foi repetido três vezes por cada sinalizante, durante a gravação, para facilitar a observação da configuração dos parâmetros empregados na enunciação, bem como possíveis processos fonológicos existentes no domínio da palavra, durante a transcrição e análise dos dados.

Os instrumentos de pesquisa possibilitaram a observação dos vários tipos de movimento, para fins de confirmar ou refutar a proposta de Brentari (1995) sobre a hierarquia da sonoridade. A filmagem das sinalizações também proporcionou a visualização dos elementos dinâmicos e estáticos da língua, contribuindo para a análise dos dados em relação ao modelo “movimento-suspensão”, de Liddell e Johnson (2005[1984]). Com a filmagem de sinais isolados, tornou-se possível a análise dos parâmetros que compõem cada sinal, objetivando a verificação do que consta na teoria de Sandler (1989) e a teoria da Fonologia da Dependência de Hulst (1993).

Houve a necessidade de se fazer uma segunda coleta de dados, com enunciados sintaticamente mais complexos⁴⁸, em que os participantes observaram os cartões apresentados e elaboraram frases caracterizando ou definindo as entidades representadas ali. Essa etapa de coleta de dados teve como objetivo verificar o comportamento dos parâmetros nas fronteiras de sinais em libras.

4.3 Os participantes da pesquisa

As primeiras visitas às comunidades surdas da cidade de Goiânia foram realizadas em junho de 2009. O contato inicial com representantes da Associação de Surdos de Goiânia (ASG) e com a direção Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) teve como objetivo apresentar o projeto de pesquisa e conhecer

⁴⁷ Ver ANEXO A.

⁴⁸ Ver fig. 58, seção 5.3.1.

possíveis participantes da pesquisa. Essas instituições trabalham com formação de profissionais, alunos e comunidade surda em geral no ensino de língua de sinais brasileira e funcionam como um ponto local de reunião de indivíduos surdos.

Inicialmente, o número de sujeitos de pesquisa deveria ser entre dez (10) e quarenta (40) surdos adultos fluentes em libras, mas, a partir dos primeiros contatos, verificou-se que não seria possível contar com esse número de participantes, pois a maioria dos candidatos não se interessou em participar da pesquisa. O principal motivo observado foi que eles não se sentem à vontade para se expor a uma pesquisa que envolve filmagens.

Houve a participação de cinco (5) usuários da língua, que responderam ao questionário sociocultural. Destes, apenas quatro (4) surdos aceitaram fazer parte da primeira etapa da pesquisa devido à necessidade de filmagem. Participaram da pesquisa duas mulheres e dois homens, com idade entre vinte e seis (26) e trinta e dois (32) anos, sendo que dois deles têm o ensino médio completo e dois estão cursando o ensino superior. Os sujeitos têm surdez congênita, são filhos de pais ouvintes com familiares ouvintes; apenas uma das mulheres possui parentes surdos – dois primos. Das pessoas entrevistadas, dois são solteiros e dois são casados com outros surdos.

Em relação à aquisição da língua de sinais, todos informaram que aprenderam a língua em idade tardia, ou seja, após os nove anos de idade; um deles aprendeu libras aos dezoito (18) anos. Todos aprenderam libras em escolas especializadas e declararam ter sido essa uma experiência tranquila e espontânea, não tendo havido dificuldades para o aprendizado da língua. O mesmo não ocorreu quanto à educação escolar.

Dois dos sujeitos estudaram em escola especial no início da vida escolar e, só após os doze anos de idade, ingressaram em escola regular com a presença do intérprete de língua de sinais. Nessa fase, como ainda não haviam aprendido a língua, eles tinham a necessidade de aprender libras e língua portuguesa escrita ao mesmo tempo. Além disso, não era sempre que podiam contar com o intérprete em sala de aula, uma vez que esse não era um profissional comum nas escolas. A função de intérprete foi criada, em Goiás, em 1999, com o início do processo de inclusão nas escolas da rede estadual. Por esse motivo, muitas vezes os surdos tinham que utilizar a escrita e a leitura labial para se comunicarem em sala de aula.

A principal reclamação dos sujeitos a respeito das dificuldades enfrentadas por causa da surdez, no início da vida escolar, foi sobre a comunicação, uma vez que não haviam adquirido nenhuma língua antes de ingressarem nos estudos, tendo que se comunicar através de gestos. Segundo Ramos (s.d.), de 90 a 95% das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes e, por isso, muitas vezes, não adquirem a língua no mesmo tempo em que as crianças ouvintes. Na maioria dessas famílias, surdos e ouvintes desenvolvem gestos caseiros para a comunicação. Assim, as crianças surdas têm acesso à língua de sinais somente quando ingressam em uma unidade escolar que oferece um atendimento especializado para surdez, com a presença do intérprete, do professor de recursos e, em alguns casos, do instrutor surdo de libras.

4.4 Os dados

Os dados foram transcritos, analisados e organizados na medida em que eram coletados. Esse procedimento metodológico teve por objetivo facilitar a orientação para coletas subsequentes e para possíveis confirmações ou contestações das hipóteses levantadas. Nesta etapa, houve o apoio de sujeitos surdos fluentes em libras, a fim de alcançar maior rigor científico na transcrição dos dados coletados. Os próprios participantes da pesquisa, instrutores de libras no CAS, se propuseram a auxiliar no momento da transcrição. Alguns intérpretes de libras também fizeram importantes considerações a respeito dos termos utilizados.

Apesar de esta ser uma pesquisa sobre a fonologia da libras, uma análise morfológica dos dados também é importante para os casos em que possa ocorrer uma possível influência do nível morfológico sobre a organização silábica. Verificou-se a necessidade de se analisar o processo linguístico nos casos de complexidade morfológica, em que se destacam os compostos, os quais oferecem diferentes pistas para o estudo das sílabas e dos morfemas.

McCleary e Viotti (2007) afirmam que a questão da transcrição dos dados das línguas de sinais é complexa, primeiro, pelo fato de elas ainda não apresentarem um sistema de escrita que seja aceitável por todos os estudiosos da área, devido à “dificuldade de leitura para pessoas não especialmente treinadas” (p.74); segundo, pela série de limitações

percebidas no sistema de glosas⁴⁹. Segundo Valli et al. (2005), “glosar significa escolher uma palavra apropriada [da língua oral] para os sinais a fim de escrevê-los. Glosar não significa traduzir, mas como a tradução, é algumas vezes uma tarefa difícil”⁵⁰ (p.19).

As referidas limitações estão relacionadas principalmente à análise de dados textuais e discursivos, tendo em vista a dificuldade na transcrição de expressões faciais e outras marcas não-manuais que facilitam a análise desses dados. Os autores ainda explicam sobre a importância de se representar a língua estudada de maneira fixa e simplificada, descrevendo o maior número de fenômenos que ocorrem na língua, como os parâmetros utilizados e os sinais não-manuais, evitando, assim, que a transcrição fique com um exagero de detalhes que possam vir a prejudicar a análise.

Os autores deixam claro que o sistema de transcrição das línguas sinalizadas precisa de uma solução, o que deve acontecer a partir das pesquisas que estão sendo desenvolvidas em todo o mundo. Vários pesquisadores utilizam o sistema de glosas para a transcrição dos dados, tanto no Brasil como no exterior, por exemplo, Felipe (2001); Quadros e Karnopp (2004); Sandler e Lillo-Martin (2006); entre outros.

Neste trabalho, adotou-se o sistema de glosas para a transcrição dos dados e, em certos casos, utilizou-se o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras, de Capovilla e Raphael (2001) como referência para a construção das glosas. A escolha desse dicionário se justifica por ele ser uma referência nacional em se tratando de libras e pelo detalhamento com que os autores expõem os sinais. MacCleary e Viotti (2007) sugerem o uso do dicionário de libras de Capovilla e Raphael (2001) “como base para a construção das glosas, uma vez que se trata de um importante e cuidadoso registro da LSB⁵¹, largamente difundido no país” (p. 91).

Nessa perspectiva, os autores propõem que se façam anotações pertinentes à pesquisa e que essas sejam comparadas àquelas do dicionário na construção das glosas. Neste trabalho, o uso do dicionário foi útil porque facilitou o processo de descrição de alguns sinais

⁴⁹ No sistema de glosas, a palavra na língua oral é grafada em letras maiúsculas representando o sinal manual equivalente.

⁵⁰ Tradução minha. No original: “Glossing means choosing an appropriate [English] word for signs in order to write them down. Glossing is not the same as translating, but, like translating, it is sometimes a difficult task”.

⁵¹ Língua de Sinais Brasileira, nome alternativo a libras.

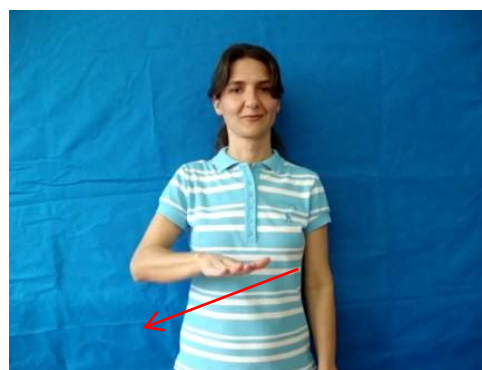
produzidos pelos participantes, mas ele deve ser utilizado com parcimônia devido às variações linguísticas regionais, uma vez que contém predominantemente sinais da região de São Paulo.

Na análise dos dados, verificou-se que há diferenças na produção de vários sinais, provavelmente devido à época em que os usuários entrevistados aprenderam a língua, além de outros fatores possíveis, tais como diferenças de sexo, nível de escolaridade, diferenças regionais. A variação linguística deve ser levada em conta, pois pode interferir na análise das sílabas ou dos morfemas, nos dados coletados.

Como exemplo de variação linguística, nos sinais que envolvem gênero, as participantes da pesquisa indicaram primeiro o sinal do gênero (6.a) e depois o referente (6.b), como se vê abaixo.



(6.a)



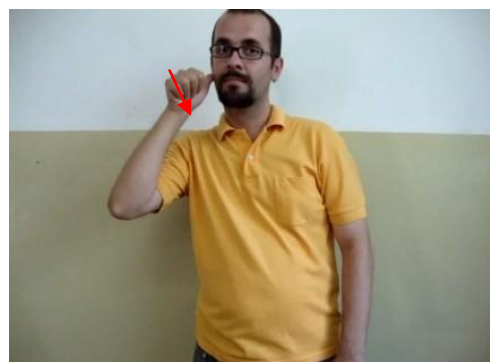
(6.b)

(6) MENINO

Por sua vez, os participantes do sexo masculino, na maioria das vezes, indicaram primeiramente o referente (7.a) e depois o gênero (7.b), como consta no exemplo (7).



(7.a)



(7.b)

(7) MENINA

Na produção dos sinais para profissões, os participantes do sexo masculino não indicam o gênero (8), enquanto as sinalizantes do sexo feminino informaram o gênero de todas as profissões apresentadas, sempre antes do referente, como pode ser observado no exemplo (9).



(8) BAILARINA 1



(9.a)



(9.b)

(9) BAILARINA 2

Essa variação em relação à colocação do gênero no sinal foi verificada nos dados da pesquisa especificamente entre as usuárias do sexo feminino. No entanto, essa variação em relação à colocação do gênero em itens específicos, entre sinalizantes do sexo feminino e masculino, pode ser uma coincidência. A fim de se estabelecer se existe de fato uma sistematicidade nessa variação que esteja correlacionada ao gênero do falante, será necessária uma investigação mais detalhada, com um corpus específico para esse fim e com um número maior de participantes de cada gênero.

A influência de variações linguísticas no resultado da pesquisa sobre sílabas em libras pode ser relevante. Wilbur (1990) afirma que o número de sílabas em um sinal não é fixo, ele “varia de acordo com efeitos fonológicos dos sinais vizinhos, acento, frequência da sinalização, flexões morfológicas e etimologia histórica”⁵² (p. 105). Como resultado, podem ocorrer variações quanto à fonologia e à morfologia, na enunciação dos usuários da LS, o que pode implicar em diferenças na análise da sílaba em libras. Se o usuário faz um movimento⁵³ a mais ou a menos, pode haver mudança no número de sílabas no sinal.

Em pesquisas sobre ASL, Hoopes et al. (2005) observam que há alguma diferença em relação à produção de sinais, assim como ocorre na produção das palavras das línguas orais. Verificou-se, nesta pesquisa, que os parâmetros podem apresentar algumas diferenças que não comprometem a produção e a compreensão do sinal. No exemplo a seguir, cada sinalizante utiliza uma configuração de mão diferente para o sinal [SAPATO]. A primeira participante apresenta configuração de mão com a direita em P e a esquerda em L, enquanto o segundo estende os dedos polegar, indicador e médio da mão direita e apresenta mão esquerda semiaberta.



(10) SAPATO



(11) SAPATO

Apesar das diferenças em configuração de mão no sinal [SAPATO], o sinal é compreendido tanto de uma forma como de outra. Observando outras pessoas que utilizam libras, verifica-se que há casos em que os parâmetros podem ocasionalmente sofrer alterações. Nas imagens analisadas, observa-se a organização interna no sinal, em que há uma

⁵² Tradução minha. No original: “...varies in accordance with the phonological effects of neighboring signs, stress, rate of signing, morphological inflections, and historical etymology.”

⁵³ Ver seção 5.3.1 neste trabalho.

sistematicidade quanto à orientação de palma, locação e movimento, mesmo apresentando discrepâncias na configuração de mão.

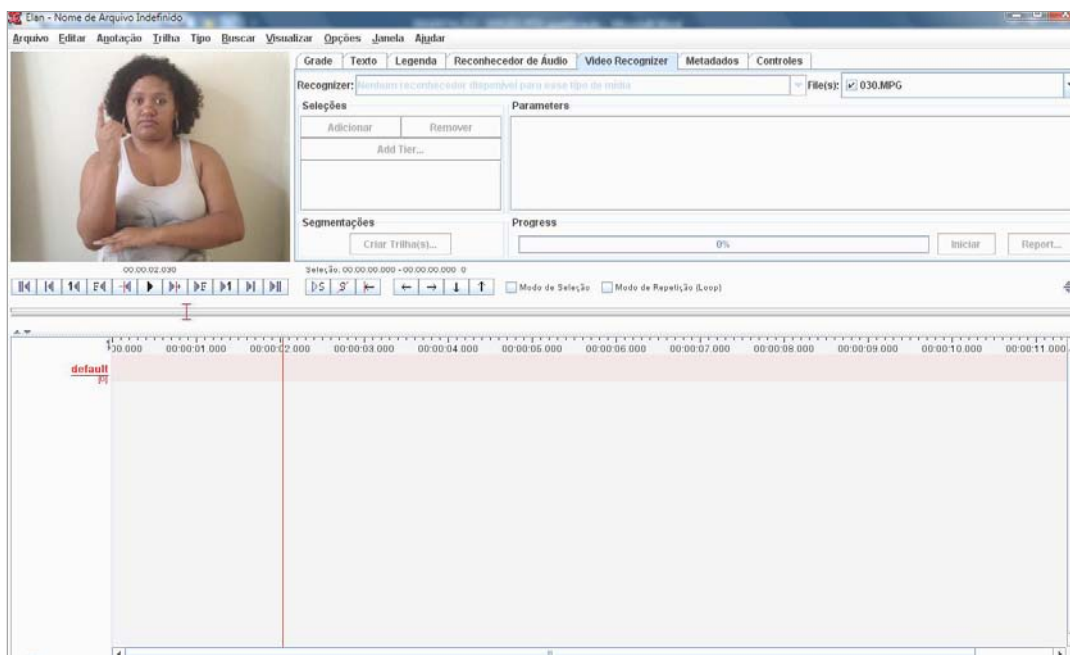
De posse das informações coletadas no questionário e das filmagens iniciais, foi possível fazer um recorte nos vídeos e separar as figuras apresentadas e o sinal produzido por cada sinalizante, a fim de se comparar os sinais dos itens lexicais apresentados pelos entrevistados. A análise dos dados partiu da organização das filmagens em um corte transversal, ilustrado no exemplo (12). Esse corte transversal auxiliou na comparação entre as enunciações dos sinais isolados produzidos por cada sinalizante, para verificar possíveis variações linguísticas.



(12) Corte Transversal para o sinal [CASA] produzido pelos participantes desta pesquisa

O software utilizado para transcrição de dados linguísticos é o ELAN⁵⁴ (EUDICO *Linguistic Annotator*), desenvolvido pelo *Max Plank Institute for Psycholinguistics*, em Nijmegen, Holanda. ELAN é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas sobre recursos de áudio e vídeo. Com o uso desse software, pode-se criar um número ilimitado de anotações para linhas de áudio e vídeo. Uma anotação pode ser uma frase, palavra ou glosa; um comentário, tradução ou descrição de alguma característica observada no vídeo.

⁵⁴ O software de anotação linguística ELAN está disponível gratuitamente para download através do site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan>, acesso em 30 mai 2011.



(13) Tela do ELAN

O ELAN possibilitou a análise das fronteiras entre os sinais, ao se analisar os dados de sintagmas mais complexos, com o recurso de visualização do sinal quadro a quadro. Com essa ferramenta, é possível observar e analisar as enunciações passo a passo, pois ele oferece um recurso de visualização por quadros, de modo que cada movimento ou mudança nos parâmetros possa ser visualizado.

Os vídeos gravados para a realização deste trabalho foram analisados e, posteriormente, algumas entradas foram selecionadas para serem apresentadas neste trabalho, ilustrando a teoria abordada. Essas entradas foram transformadas em fotos por meio de um software específico, o Windows Movie Maker, e a elas foram acrescentados detalhes para indicar a direção e o tipo de movimento, quando o sinal apresenta esse parâmetro, como setas e outras formas.

4.5 Considerações finais

Para fins deste trabalho, além das filmagens e entrevistas com os participantes surdos, houve também o registro das observações em um caderno de campo, no qual foram anotadas as experiências adquiridas durante o trabalho. Ali, foram registradas as datas das entrevistas, das filmagens, como foram feitas as filmagens, as impressões sobre a libras.

A pesquisa de campo conduzida neste trabalho utilizou meios como elicitación, através dos cartões, para que o participante elaborasse os respectivos sinais; a observação do comportamento linguístico do sujeito e a participação do sujeito na pesquisa, seu interesse e grau de envolvimento com a atividade. No caso da elicitación, “o pesquisador desenvolve um papel ativo na geração dos dados⁵⁵” (HYMAN, 2001, p. 18), pois é ele quem controla a coleta para um tipo de dado particular. Em uma coleta livre, por exemplo, o pesquisador terá acesso a dados variados, de escopo mais amplo. O uso dessa estratégia será adiado até uma próxima oportunidade, quando o tópico de pesquisa assim o requisitar.

⁵⁵ Tradução minha. No original: “(...) the researcher necessarily plays an active role in generating the data.”

CAPÍTULO 5

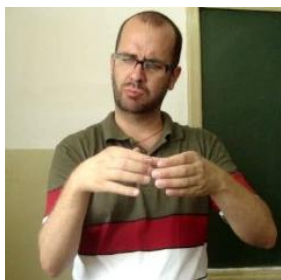
A CARACTERIZAÇÃO DA SÍLABA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O capítulo que se inicia tem como foco a análise dos dados da libras. Na primeira seção, faz-se um estudo sobre a delimitação do sinal, que é uma tarefa importante na análise de qualquer língua, seja ela falada ou sinalizada. Na segunda seção, expõe-se sobre a iconicidade presente nas LSs, pois esse é um aspecto bastante característico das línguas sinalizadas, apesar de também ter sua importância nas LOs. A terceira seção apresenta um estudo sobre a estrutura interna dos sinais, com uma abordagem sobre os parâmetros que compõem a libras, em especial, o parâmetro movimento. Para fins de aplicação dos conhecimentos à análise dos dados, faz-se um estudo sobre os tipos de movimento que compõem os sinais na libras e que funcionam como núcleo da sílaba. Na quarta seção, destaca-se a análise dos dados da libras para o estudo da sílaba, em que se discute sobre a relação entre a sílaba e o morfema em libras, bem como sobre a sílaba e a soletração manual. O capítulo se encerra com as considerações finais sobre o assunto discutido.

5.1 Delimitação do sinal

A delimitação entre o momento em que o sinal se inicia e o momento em que ele é finalizado tem sua importância no sentido de estabelecer o número de segmentos constituintes do sinal. Segundo Xavier (2006), “uma das mais complexas questões que surgem quando se tenta estabelecer a estrutura segmental de um sinal diz respeito à sua delimitação no *continuum* sinalizado” (p. 118). A dificuldade em delimitar o sinal consiste no fato de que os sinais, durante a enunciação, seguem um ritmo contínuo e, por isso, se torna uma tarefa complexa saber onde começa e onde termina um sinal.

A delimitação do sinal permite compreender a ordenação das unidades fonológicas básicas da língua brasileira de sinais (libras) em sílabas. Essa delimitação pode ser alcançada a partir de critérios específicos. Por exemplo, no enunciado a seguir, o sinalizante faz rápidas suspensões entre um grupo de parâmetros e outro. Primeiramente, apresenta-se o enunciado completo e, posteriormente, as suspensões entre um sinal e outro, a fim de contextualizar os dados para o leitor.



(14.a)

[LIQUIDIFICADOR]



(14.b)



(14.c)

[COLOCAR]



(14.d)

[LEITE]



(14.e)

[BANANA]



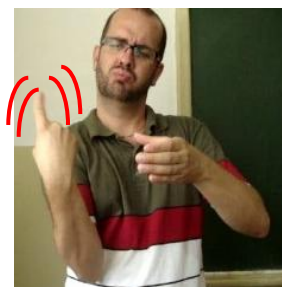
(14.f)

[MAMÃO]



(14.g)

[LIQUIDIFICADOR]



(14.h)

[LIGAR]

(14) LIQUIDIFICADOR-COLOCAR-LEITE-BANANA-MAMÃO-LIQUIDIFICADOR-LIGAR

Para que o leitor acompanhe o que foi dito pelo sinalizante, em uma tradução livre para a língua portuguesa, o significado do enunciado seria “em um liquidificador, coloque leite, banana, mamão, ligue o liquidificador”. Observam-se as suspensões entre os sinais nos exemplos a seguir:



(15.a)

(15.b)

(15.c)

(15) Quadros com as suspensões no final dos sinais [LIQUIDIFICADOR], [COLOCAR] e [LEITE], respectivamente.

A justificativa para essas suspensões é a necessidade de se modificar a configuração de mão, a orientação da palma, a locação e o movimento. Nessas rápidas suspensões, verifica-se a ausência de movimento, que é um fator importante na delimitação do sinal. Alguns sinais não apresentam movimento fonológico, mas a delimitação entre um sinal e outro, nesse caso, é observada através do movimento de transição.

A seguir, o sinalizante elabora um enunciado a respeito de cachorro. A importância deste enunciado é a observação do movimento de transição em (16e) e em (16f).



(16.a)

(16.b)

(16.c)

[CACHORRO]

[AMIGO]

[ME-AJUDAR]



(16.d)

(16.e)

(16.f)

(16.g)

[JUNTO]

movimento de transição

[CACHORRO]

(16) Tradução livre para a língua portuguesa: “Cachorro é amigo, me ajuda, anda junto.”

O sinal [CACHORRO] não apresenta movimento fonológico, mas, para ser produzido, o sinalizante executa um movimento de transição entre os sinais em (16.d) e (16.g). Esse movimento oferece pistas para a delimitação do sinal, principalmente porque esse movimento não faz parte da fonologia do sinal. O sinalizante realiza o mesmo movimento entre os demais sinais durante a enunciação.

Outro critério utilizado para se delimitar o início e o término do sinal em LSs é a observação da ênfase dada pelo indivíduo no final dos sinais. Muitas vezes, o sinal em posição final de frase apresenta uma duração maior do que quando está em posição inicial ou medial. Esse processo se chama *alongamento final* e “se caracteriza, de maneira geral, como um alongamento da última sílaba acentuada da frase” (LEITE, 2008, p. 212). Nos dados analisados, as enunciações apresentam, em sua maioria, o alongamento final, como no exemplo a seguir:



(17) Tradução livre para a língua portuguesa: “Eu comprei sapato grande”.

No exemplo (17), a sinalizante promove uma duração maior no sinal em (17d), em relação aos demais sinais. Essa duração maior, o alongamento final, ilustra o término do sinal – e do enunciado.

Conclui-se que a delimitação do sinal é um fator importante na identificação da sílaba e contribui para o entendimento sobre os segmentos pertencentes à fonologia da LS. As suspensões entre os sinais e o alongamento no final de sentenças em LSs são observações pertinentes à análise da sílaba, pois a partir dessas observações, é possível saber quais são os segmentos constituintes do sinal.

5.2 Iconicidade

Sandler e Lillo-Martin (2006) mostram que muitos pesquisadores chegaram à conclusão de que as origens icônicas das línguas de sinais remontam aos mesmos princípios de organização encontrados em qualquer outra língua. Assim, a iconicidade é mais um universal linguístico compartilhado por línguas de ambas as modalidades, visogestual e oral-auditiva. Para comprovar isso, Wilcox (2004) argumenta que

[A] iconicidade gramatical revela-se tão onipresente entre as línguas de sinais quanto entre as línguas faladas – de fato, porque os movimentos visíveis das mãos têm potencial mais semiótico do que os movimentos predominantemente invisíveis dos articuladores do trato vocal, as línguas de sinais são mais ricamente icônicas do que as línguas faladas.⁵⁶ (p. 121)

Com esse argumento, Wilcox estabelece uma relação entre a capacidade icônica de línguas sinalizadas e de línguas faladas, demonstrando que as LSs são mais ricas em termos de iconicidade por apresentarem os articuladores mais visíveis do que os articuladores da fala. Por causa dessa iconicidade característica das línguas naturais e, especialmente, das LSs, pode ser que os sinalizantes tenham maior liberdade em utilizar gestos para nomear conceitos lexicais até então desconhecidos.

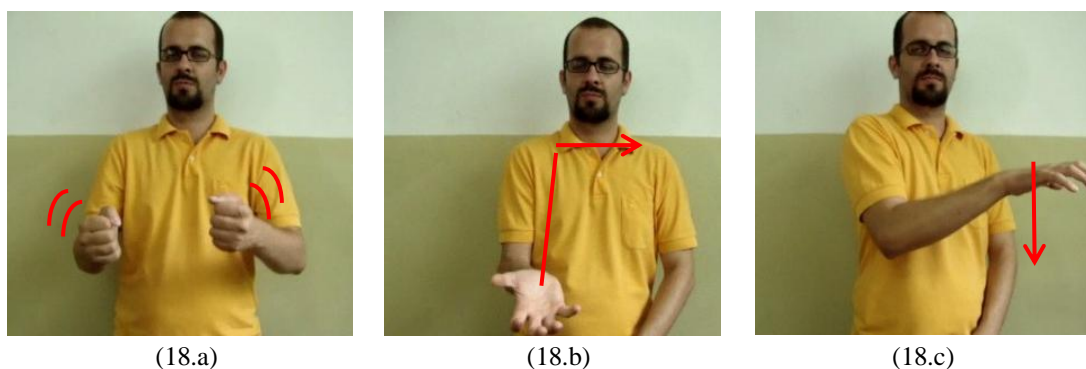
Devido à natureza predominantemente icônica das línguas sinalizadas, os sinais tendem, em um primeiro momento, a representar o termo por seu formato, característica principal, tamanho ou função. Após algum tempo de uso, muitos sinais se tornam arbitrários. Frishberg (1979) descreve que “em geral, quando os sinais mudam, eles tendem fortemente a mudar suas origens imitativas, de pantomímicas ou gestos icônicos, para formas mais arbitrárias e convencionais”⁵⁷ (p. 70). Essas mudanças consistem em concentrar as informações lexicais nas mãos, utilizando os parâmetros das LSs, os quais substituem alguns movimentos corporais e faciais que normalmente ocorrem nos gestos icônicos.

⁵⁶ Tradução minha. No original “(...) grammatical iconicity is revealed to be just as ubiquitous among signed languages as it is among spoken languages—indeed, because visible movements of hands have even more semiotic potential than the predominantly invisible movements of vocal tract articulators, signed languages are even more richly iconic than spoken languages.”

⁵⁷ Tradução minha. No original: “In general, when signs change, they tend strongly to change away from their imitative origins as pantomimic or iconic gestures toward more arbitrary and conventional forms.”

Nas LOs também há iconicidade, pois há palavras que são tentativas de representação dos sons de seus referentes, chamadas sons onomatopaicos. Como exemplos em português, temos *auau*, *mu*, *cocó*. Sutton-Spence e Woll (1999) explicam que é difícil descrever um som em inglês que não seja onomatopaico; eles citam como exemplos *whisper*, *murmur*, *crash*, *squeak*, *giggle*, *pop*⁵⁸, etc. As LOs podem representar alguns objetos por meio de sons, mas nem sempre isso é possível, pois não são todos os objetos que fazem barulho.

Segundo Taub (2004), iconicidade é a relação entre o referente e os modelos mentais que o falante/sinalizante da língua tem da imagem desse referente. Isso é motivado pelas experiências compartilhadas por sociedades e culturas particulares. A iconicidade diz respeito ao modo como as pessoas de determinada comunidade de fala percebem o mundo que as cerca. Por exemplo, ao apresentar cartões com figuras para elicitación de sinalizações durante as filmagens, foi apresentada a figura de um “trator” aos participantes da pesquisa. Uma das sinalizantes não quis se arriscar a fazer um sinal, reconhecendo que não sabia como fazê-lo na sua forma convencional. Dois sinalizantes produziram um sinal, representando com os braços e mãos os movimentos que o veículo faz, cf. exemplo a seguir.



(18) TRATOR

A iconicidade está presente na produção do sinal [TRATOR]: em (18.a), o sinalizante faz o movimento de dirigir. Nesse exemplo, a iconicidade diz respeito ao volante do veículo e ao seu movimento. Nos exemplos (18.b) e (18.c), o sinalizante faz o movimento específico do veículo mostrado. No exemplo a seguir, a sinalizante fez outro sinal:

⁵⁸ Em língua portuguesa: *sussurrar*, *murmurar*, *acidentar*, *guinchar*, *dar risadinhas*, *espocar*.



(19.a)



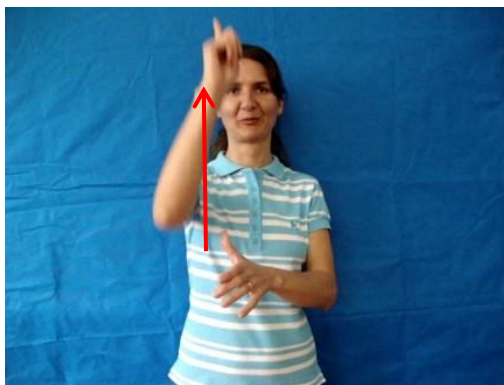
(19.b)

(19) TRATOR

Comparando-se os exemplos (18) e (19), verifica-se que os sinalizantes produzem o sinal [TRATOR] de maneira diferente, mas ambos apresentam elementos icônicos na elaboração desse sinal.

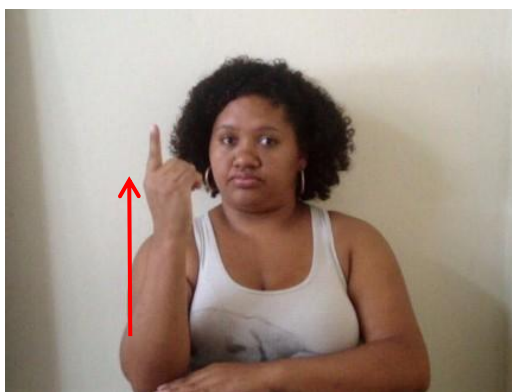
Convém enfatizar sobre a diferença entre a mímica e a iconicidade linguística, os quais são processos semelhantes, mas que apresentam diferenças no nível linguístico. Os sinais chamados icônicos seguem restrições em relação à fonética e à semântica da língua, de acordo com Taub (2004), enquanto as mímicas estão relacionadas apenas ao conceito que o sinalizante tem do elemento a ser nomeado.

Nos dados analisados, verifica-se que há certa facilidade para representar um elemento ainda desconhecido pelo sinalizante; a hipótese quanto a isso é justamente a motivação icônica que existe no nível lexical dessa modalidade linguística. Observa-se que a nomeação de elementos previamente desconhecidos se dá através da possibilidade de se criar sinais que representem a função ou alguma característica inerente a esse elemento. Questiona-se, entretanto, até que ponto esta sinalização é um sinal ou uma mímica. Por exemplo, ao apresentar o cartão com a figura de um foguete, percebe-se que cada um dos sinalizantes fez o sinal de uma maneira diferente, mas todos apresentaram elementos icônicos em suas sinalizações.



(20) FOGUETE

No exemplo (20), a sinalizante produziu o sinal apresentando a decolagem do foguete. No início, ela mostrou dúvidas em relação ao sinal, balançou a cabeça, disse que não sabia como sinalizar, mas se arriscou a criar um sinal no momento das gravações. Essa é uma evidência da relevância e da utilidade da iconicidade nas LSs. Sutton-Spence e Woll (1999) afirmam que não seria natural se as LSs não utilizassem símbolos visuais, além disso, eles consideram que muitos objetos e ações têm formas visuais óbvias.



(21) FOGUETE

Em (21), a sinalizante também representou a forma e o movimento de decolagem do foguete, de modo icônico. Conclui-se, com os exemplos apresentados, que mesmo os sinais criados no momento da enunciação obedecem a regras fonológicas da língua. Os sinalizantes usam uma forma icônica correspondente ao referente, utilizando os parâmetros constituintes da LS.

Diante das argumentações de Sutton-Spence e Woll (1999) e de Taub (2004), observa-se que os exemplos (20) e (21) apresentam sinais elaborados a partir do uso dos

parâmetros da libras e de um raciocínio lógico em relação aos conceitos que elas têm sobre *foguete*. As sinalizantes consideraram os elementos linguísticos da libras – configuração de mão, locação, movimento e orientação da palma –, assim como a motivação semântica para a escolha dos parâmetros na elaboração do sinal.

A habilidade de os sinalizantes criarem o sinal no momento da gravação, utilizando principalmente o parâmetro movimento na produção do sinal [FOGUETE], mostra a relevância desse parâmetro na organização interna da língua. Para nomear um elemento que envolve ação ou funcionalidade, o sinalizante produz um sinal que identifique seu movimento, ou pelo menos, seu movimento principal.

No caso do sinal para FOGÃO, dois dos sinalizantes entrevistados utilizaram as duas mãos para fazer o sinal do formato da base do eletrodoméstico e o sinal de fogo, assim como se pode observar no exemplo (22).



(22.a)



(22.b)

(22) FOGÃO

A iconicidade em (22.a) se relaciona ao modo como a sinalizante representa a base do referente e, em (22.b), as chamas do fogão. O sinal [FOGÃO] é um sinal altamente icônico. Os demais participantes da pesquisa fizeram o sinal de fogo com as duas mãos e um sinal como se estivessem ligando o fogão apenas com a mão direita, cf. exemplo (23).



(23.a)



(23.b)

(23) FOGÃO

A elaboração dos sinais dos dois últimos sinalizantes de libras é bem semelhante à do Dicionário Trilíngue de Libras, de Capovilla e Raphael (2001), (cf. exemplo 24). A diferença se refere apenas à ordem dos elementos envolvidos, na organização sintagmática do sinal.



(24) FOGÃO

(CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 679)

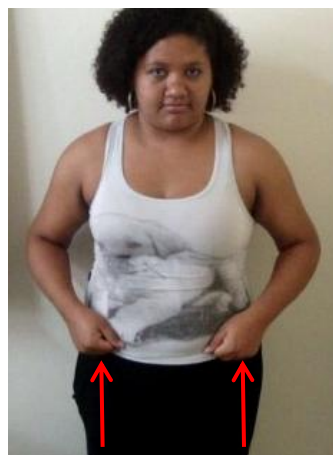
Há uma padronização na produção desse sinal que decorre de sua característica icônica. Além das variações expostas, é importante ressaltar que a mesma pessoa que sinalizou [FOGÃO] de uma forma, poderá elaborar o sinal de outra maneira em outro momento. A libras é uma língua passível de variações entre os sinalizantes e, de acordo com a situação de comunicação, o mesmo sinalizante pode produzir o mesmo sinal de forma variada.

O sinal [BERMUDA] encontrado nos dados, por exemplo, foi elaborado de maneiras diferentes pelos participantes da pesquisa, porém todos o fizeram de um modo

icônico, pois o sinal é configurado apresentando o comprimento da peça do vestuário e o ato de vesti-la; trata-se da iconicidade em relação à forma e ao movimento relacionado ao referente. Nota-se a existência da iconicidade neste sinal da mesma maneira como em [FOGÃO].



(25.a)



(25.b)

(25) BERMUDA

A sinalizante apresenta o comprimento da bermuda em (25.a) e o movimento de vesti-la em (25.b).

No campo semântico de roupas, certos sinais são produzidos de acordo como se veste a peça do vestuário, como se observa em (25) e (26). Percebe-se que essa é mais uma prova da característica icônica da libras.



(26.a)



(26.b)

(26) GRAVATA

Os meios de transportes são elaborados de acordo com alguma característica própria, por exemplo, em (27), faz-se o movimento do limpador de parabrisas; o sinal em (28) apresenta a forma como se dirige uma moto; (29) é o formato da proa de um navio e o movimento que ele faz em direção ao mar; e, (30) é o movimento das rodas de um trem nos trilhos.



(27) CARRO



(28) MOTO



(29) NAVIO



(30) TREM

Verifica-se que os sinais coletados para essa pesquisa, assim como outros em libras, revelam alto grau de iconicidade em sua produção. Por exemplo, os sinais referentes às frutas comumente apresentam a maneira como se aprecia cada uma delas, como pode se observar nos exemplos de (31) até (35).



(31.a)

(31.b)



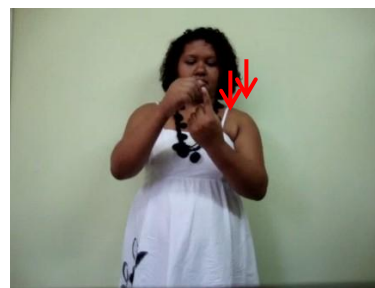
(32) LARANJA

(31) MAÇÃ



(33.a)

(33.b)



(34) BANANA

(33) UVA



(35.a)



(35.b)

(35) ABACATE

Os dados confirmam que os sinais na libras tendem a representar o significante de forma icônica, através de alguma característica inerente ao elemento observado. Por exemplo, na elaboração do sinal no exemplo (36), a sinalizante faz o contorno dos lábios.



(36) BATOM

Esses sinais, assim como outros explicitados neste trabalho, apresentam iconicidade em maior ou menor grau. Verifica-se que, devido à característica visual das LSs, a representação de formas visuais torna-se mais comum nessa modalidade.

5.3 Estrutura interna da libras no nível fonológico

A presente pesquisa mostra que a libras se organiza a partir de unidades básicas, ou seja, quando os parâmetros são isolados, eles podem não apresentar um significado lexical, passando a ter sentido ao serem agrupados. Uma configuração de mão isolada não se refere a item lexical algum, enquanto determinada configuração de mão, em conjunto com outros parâmetros, como locação, orientação da palma e movimento, passa a ter significado.

Ao relacionar LSs e LOs, Liddell e Johnson (2005[1984]) propõem que os segmentos Movimento e Suspensão em LSs podem suscitar uma hipótese que leve a uma analogia com vogal e consoante na sílaba em LOs. Nos dados da libras, também se observa que a produção do sinal pode estar estruturada em torno da sequencialidade dos parâmetros locação e movimento. Percebe-se, nitidamente, que a saliência apresentada pelo movimento em relação aos demais parâmetros tem sido uma evidência forte para que o movimento seja considerado o núcleo da sílaba, porém, como foi mencionado anteriormente, ainda não há um consenso entre os pesquisadores sobre a representação fonológica dessa estrutura.

É bem clara a participação de todos os parâmetros na produção dos sinais, os quais têm sempre um formato específico de configuração da mão; um local específico de produção; a palma da mão orientada para determinado lugar. Há, porém, certas

especificidades a respeito do que seja considerado movimento⁵⁹ e de como ele pode ser o núcleo da sílaba.



(37)HOMEM

Em (37), a sinalizante apresenta todos os parâmetros mencionados no parágrafo anterior. A configuração da mão direita em C, orientação da palma para cima, a locação, que é o queixo. Há também o movimento de direção para baixo. Trata-se de um movimento de direção, pois a mão segue um movimento de cima para baixo na altura do queixo. A partir da observação da sinalização neste exemplo, percebe-se que o parâmetro mais saliente, em relação aos demais, é o movimento.

Wilbur (1990) e Perlmutter (1990) apontam que o núcleo da sílaba só pode ser o movimento lexical. A partir da análise dos dados desta pesquisa, sugere-se que o movimento de transição também pode ser considerado núcleo da sílaba, pois ao ser comparado com os demais parâmetros em uma enunciação, verifica-se que esse movimento oferece visibilidade à sinalização. Então qualquer movimento apresentado na produção de um sinal poderia ser considerado como núcleo, visto que esse é um parâmetro de maior visibilidade (ver seção 4.1.1.3 deste trabalho).

Propõe-se, neste trabalho, que o movimento de transição também seja observado na análise da sílaba, especialmente nos casos em que o sinal não apresenta movimento fonológico. O movimento de transição, durante a sinalização, exerce uma função importante,

⁵⁹ O parâmetro movimento será discutido na próxima seção.

servindo até mesmo como base para a configuração do sinal seguinte na enunciação. Esse assunto será retomado na seção 5.3.1.5.

5.3.1 O parâmetro movimento

É necessário entender como podem ser classificados os movimentos em línguas de sinais. Wilbur (1990) apresenta dois tipos de movimentos: (i) movimento de direção (*path movement*), durante o qual ocorre uma mudança de locação, como em (38), que representa [AVIÃO] em libras; e (ii) movimento interno ou movimento local (*internal or local movement*), caracterizado pela mudança na configuração de mão ou orientação da palma, como na figura (39), que representa o sinal [PÃO] em libras. Há também a possibilidade de haver a combinação de ambos os movimentos, como em (40), com o sinal para [TESOURA].



(38.a)

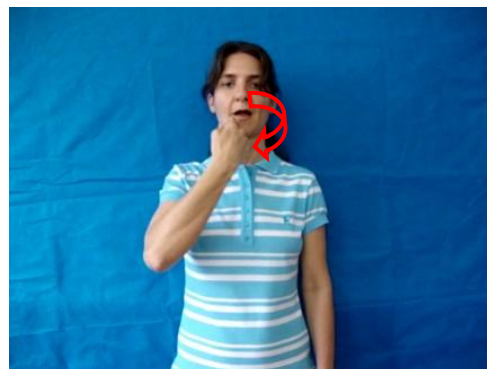


(38.b)

(38) AVIÃO



(39.a)



(39.b)

(39) PÃO



(40.a)

(40.b)

(40.c)

(40) TESOURA

Os exemplos (38), (39) e (40) apresentam diferentes movimentos fonológicos na libras. Esses tipos de movimentos são considerados núcleos de sílabas pela maioria dos pesquisadores em LSs. De fato, são componentes importantes na fonologia da sílaba em LSs, pois são mais perceptíveis do que os demais parâmetros. Nas próximas seções, faz-se um estudo sobre os tipos de movimentos presentes nas LSs e apresenta-se como esses movimentos estão presentes nos dados da libras.

5.3.1.1 Movimento de direção

O movimento de direção é aquele ao qual Brentari (1998) atribui maior saliência perceptual ou sonoridade visual (ver seção 4.1.1.3). Esse movimento é responsável pela mudança de um grupo de parâmetros de uma locação para outra. Nos sinais em (41), percebe-se que todos os sinais apresentam um parâmetro que mais se destaca: o movimento.



(41.a) - [MULHER]



(41.b)



(41.c)

[SENTAR]



(41.d)



(41.e)

[TOMAR CAFÉ]

(41) Tradução livre para a língua portuguesa: ‘A mulher está sentada tomando café’.

Em (41), a sinalizante utiliza movimentos de direção para a produção dos sinais nos quadros (41.a), (41.d) e (41.e). Em (41.a), há um movimento do rosto para o queixo da sinalizante. Em (41.d) e (41.e), há o movimento da mão dominante que parte da mão não-dominante para a boca. Nos quadros (41.b) e (41.c), a sinalizante utiliza o movimento de transição para a execução do sinal [SENTAR] (ver seção 5.3.1.5).

No exemplo (42), há também uma saliência em relação aos movimentos.



(42.a)

(42.b)

(42.c)

(42.d)

(42.e)

(42) Tradução livre para a língua portuguesa: ‘Alguém comeu uma banana, jogou a casca no chão, uma pessoa estava caminhando, escorregou e caiu.’

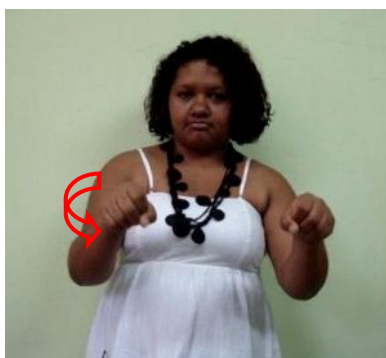
A sinalizante, ao considerar a figura de uma banana, cria uma situação em que uma pessoa come uma banana e joga a casca no chão, outra pessoa passa e escorrega na casca da banana. Em (42a), ela faz o sinal para [BANANA], utilizando movimentos repetitivos de cima para baixo; estes são os movimentos secundários (ver seção 5.3.1.3). Em (42.b), ela

elabora [JOGAR-CASCA], em (42.c), ela faz [PESSOA-ANDAR]. Em (42.d), ela sinaliza [ESCORREGAR], e em (42.e), ela sinaliza [CAIR]. Observa-se a organização dos parâmetros, mas o que realmente se apresenta de forma mais visível é o movimento. Ao analisar a articulação do sinal, em cada quadro observado, pode-se perceber o movimento como um parâmetro que se destaca em relação aos demais.

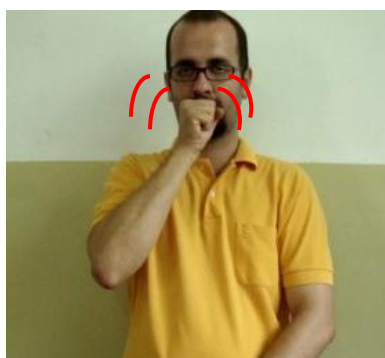
Mesmo que a sinalizante tenha utilizado classificadores⁶⁰ na maior parte de sua sinalização, verifica-se que o movimento de direção durante a enunciação é o mais perceptível.

5.3.1.2 Movimento interno

Há sinais que não apresentam movimento de direção, mas têm movimento interno, o qual é a mudança na configuração de mão ou mudança na orientação da palma. Nos exemplos a seguir, verifica-se que o movimento interno é o elemento de maior visibilidade em cada um dos sinais.



(43) MOTO

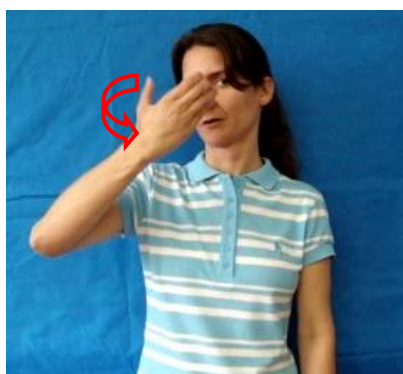


(44) LARANJA



(45) COELHO

⁶⁰ Os classificadores nas línguas de sinais são morfemas ligados a verbos que indicam movimento e localização. Servem para mostrar o movimento de determinado ser ou objeto. Segundo Wilcox e Wilcox (2005), a configuração da mão indica a classe de nomes da palavra utilizada, seja pessoa ou objeto. Esse morfema se liga a outro que indica o ponto de articulação e/ou o movimento do objeto. Para que o leitor entenda melhor o que sejam classificadores em libras, ver Veloso (2008), Brito (1995), Wilcox e Wilcox (2005).



(46.a)



(46.b)

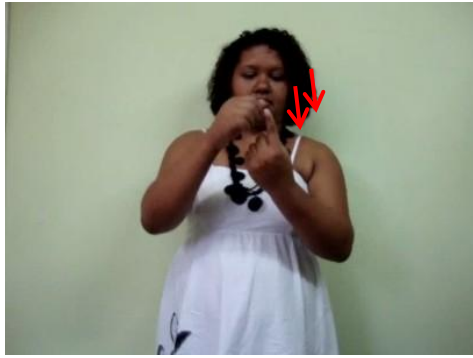
(46) MAÇÃ

Em (43), há um movimento no pulso, levando à mudança na orientação da palma. No sinal (44), há a mudança da configuração da mão, com a abertura e o fechamento da mão. No exemplo (45), os dedos são flexionados para trás, levando à mudança na posição dos dedos. E em (46), há também o movimento do pulso, mudando a orientação da palma.

A característica dinâmica do sinal é que faz com que haja maior visibilidade, possibilitando o reconhecimento do núcleo da sílaba. Tanto o movimento de direção quanto o movimento interno apresentam características perceptíveis na produção do sinal. Porém, o movimento interno, comparado ao movimento de direção, não é tão perceptível, pois o movimento ocorre na mesma locação. Quando o sinal apresenta mudança de locação, a visibilidade é bem maior.

5.3.1.3 Movimento de repetição

Existem os movimentos que apresentam repetição em relação à sua frequência na elaboração do sinal, os quais também são chamados movimentos secundários. Vários sinais, nos dados pesquisados, apresentam esse tipo de movimento. Nos sinais apresentados a seguir, observa-se a repetição dos movimentos, tanto de modo unidirecional em (47) e (48), quanto bidirecional em (49) e (50).



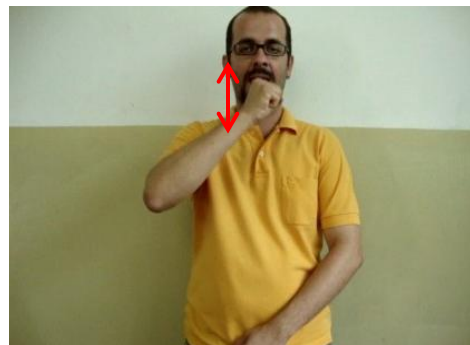
(47) BANANA



(48) SAPATO



(49) CAVALO



(50) SORVETE

Em todos os exemplos, os sinalizantes executam movimentos repetitivos utilizando o mesmo grupo de parâmetros. Perlmutter (1992, 1993 apud BRENTARI, 1995, p. 626) “argumenta que movimentos secundários em ASL, os quais são repetições menores e incontáveis de um movimento, mudança na configuração de mão ou mudança na orientação, se agrupam no ápice da sílaba”⁶¹. Então, nos exemplos (47), (48), (49) e (50), conclui-se que há uma sílaba⁶² em cada sinal, pois há apenas um movimento, embora com repetições, em cada exemplo.

5.3.1.4. Apontação, contorno e balanço

⁶¹ Tradução minha. No original “... argues that secondary movements in ASL, which are small, uncountable repetitions of a movement, handshape change, or orientation change, dock onto syllable peaks...”.

⁶² Ver discussão sobre a sílaba em libras na seção 5.4.

Em relação ao campo semântico de partes do corpo, notou-se que os sinais são produzidos a partir da apresentação de cada elemento. Por exemplo, em alguns sinais, aponta-se para a parte do corpo da qual se quer falar:



(51) OLHO

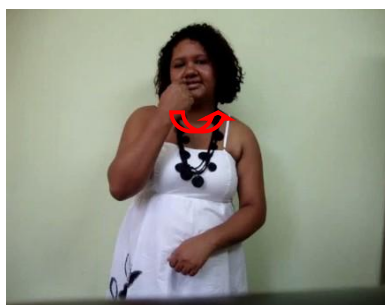


(52) DEDO



(53) MÃO

Em outros sinais, faz-se o contorno da parte do corpo a ser apresentada:

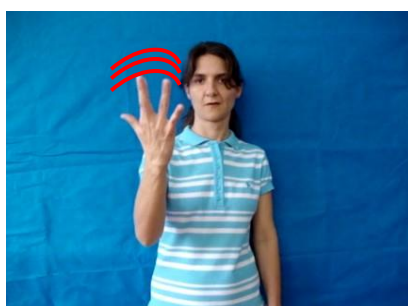


(54) BOCA



(55) ORELHA

E ainda, pode-se balançar a parte do corpo, como no caso do sinal para [MÃO]:



(56) MÃO

Percebe-se que o objetivo maior do sinal referente às partes do corpo é mostrar a parte que será mencionada. É interessante mostrar que algumas pessoas apontaram para partes

do corpo que outras contornaram e vice-versa; outras não balançaram a mão, mas sim apontaram para ela, conforme exemplos a seguir.



(57) ORELHA



(58.a)



(58.b)

(58) DEDO

Conclui-se que não há uma forma canônica para a elaboração dos sinais referentes a essa categoria, mas um padrão de apontamento, contorno ou balanço, todos no sentido de evidenciar o elemento solicitado.

5.3.1.5 Movimento de transição

Observa-se, na análise dos dados, que a presença do movimento é indispensável, mesmo porque no momento em que se inicia um sinal, é necessário certo movimento para que a mão ocupe determinado lugar no espaço, posicionada para alguma direção e, principalmente, para que a mão se organize em alguma configuração. O movimento de preparação para o sinal não é um movimento fonológico⁶³, mas sim, um movimento transicional⁶⁴, por isso alguns autores não o consideram como núcleo de sílaba em LSs. Em (59), observa-se o sinal [CASA], o qual não apresenta um movimento fonológico:

⁶³ Movimento fonológico faz parte do sinal. É o movimento que apresenta propriedades distintivas: movimento de direção, movimento interno e movimento secundário ou de repetição.

⁶⁴ Brentari (1998) define movimento transicional como um movimento epentético no nível frasal.



(59) CASA

Mesmo em um sinal como [CASA], que não apresenta movimento fonológico, é necessário o movimento de transição, no sentido de estabelecer a forma da mão, a orientação e posicionar a mão no lugar onde o sinal será produzido, conforme ilustra o exemplo (60):



(60.a)



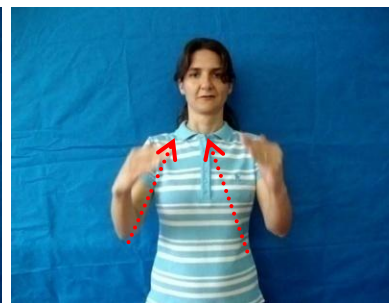
(60.b)



(60.c)



(60.d)



(60.e)



(60.f)

(60) Quadros com o movimento transicional para articulação do sinal [CASA]

Wilbur (1990) não considera que existam sílabas apenas com a locação, mesmo que haja morfemas que se caracterizam apenas pela locação. Ela argumenta que

Qualquer item lexical (...) que é especificado fonologicamente como não tendo mudança em nenhuma das três tiras (locação, configuração de mão e orientação da palma) será afetado pela regra de inserção de transição (...) e será silabificado com a sílaba de transição inserida⁶⁵ (...) (p. 91).

De acordo com Wilbur (1990), na ausência de um movimento fonológico no sinal, o movimento de transição é silabificado, recebendo o status de sílaba, pois esse movimento afeta os demais parâmetros durante a enunciação. Nessa perspectiva, os dados desta pesquisa mostram que o sinalizante parte do repouso (60.a) ou de outro sinal qualquer durante a enunciação para que as mãos estejam abertas (60.b), na posição vertical (60.c), os dedos inclinados uns para os outros (60.d), palma a palma (60.e), no espaço neutro, na frente do corpo (60.f). Essa preparação requer movimentos de mudança na forma e na orientação da mão, bem como na localização do sinal. O movimento de transição está presente na elaboração de qualquer sinal. Alguns exemplos de sinais com movimento de transição são explicitados a seguir:

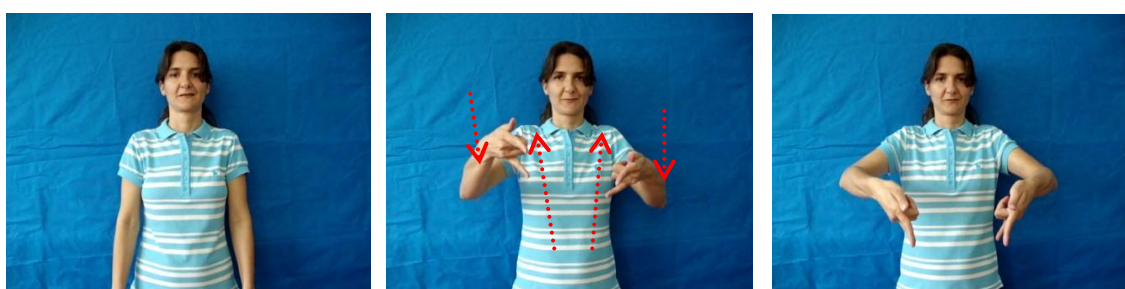


(61.a) - Posição de repouso

(61.b) - Preparação para o sinal

(61.c) - [CADEIRA]

(61) Quadros com a preparação e sinalização do sinal [CADEIRA]



(62.a) - Posição de repouso

(62.b) - Preparação para o sinal

(62.c) – CAMA

(62) Quadros com a preparação e sinalização do sinal [CAMA]

⁶⁵ Tradução minha. No original: “Any lexical item (...) that is phonologically specified as having no change on any of the three main tiers (L, C, O) will be affected by the transition insertion rule (...) and will be syllabified with the inserted transition syllable (...)”.

As sinalizantes fizeram os sinais [CADEIRA] e [CAMA], a partir dos cartões que lhes foram apresentados. Esses sinais não têm movimento fonológico, porém, para que pudessem deixar a posição de repouso em que as mãos estavam e produzir os sinais, ambas precisaram fazer um movimento de transição. Esse movimento está nos quadros (61b) e (62b). Verifica-se que, em enunciados maiores, quando ocorre a suspensão do sinal, na transição de um sinal para o outro, há uma dinamicidade, devido ao movimento de transição ser utilizado em toda enunciação. Só é possível perceber a relevância desse movimento quando se observa o enunciado quadro a quadro, e quando se observam os sinais fora de isolamento, ou seja, em contexto de uso.

A partir da análise dos dados, é possível argumentar que o movimento é o parâmetro mais saliente. Principalmente, porque todos os sinais observados apresentaram algum movimento – de direção, interno, secundário, de apontação, contorno, balanço ou transicional. Mesmo em sinais isolados, encontrados nos dados de controle, é possível observar a presença destes movimentos, mostrando a saliência visual. A partir dessas análises, propõe-se, neste trabalho, que o movimento seja o núcleo silábico. Essa proposta será discutida na seção 5.4.

5.4 A sílaba em Libras

Considerando-se a análise dos dados em face dos pressupostos teóricos adotados nesta pesquisa, constata-se que a sílaba em libras corresponde ao elemento de maior visibilidade no sinal, o movimento. A hipótese proposta aqui é a de que a organização silábica se materializa a partir de qualquer movimento presente na sinalização. Para a identificação da sílaba, é necessário adotar uma escala de comparação entre os tipos de movimento, observando quais são os movimentos mais perceptíveis – movimento de direção, movimento interno, movimentos secundários e, por fim, o movimento de transição (cf. seção 5.3).

A sílaba em LSs está relacionada à quantidade e à qualidade dos movimentos que o sinal apresenta. No sentido de se definir o número de sílabas existentes no sinal, é preciso analisar, primeiramente, a quantidade de movimentos: por exemplo, se o sinal apresentar um movimento, ele será monossilábico. Seguem exemplos de sinais que ilustram a relação entre o movimento e a sílaba, para melhor compreensão sobre o assunto.



(63.a)



(63.b)

(63) AJUDAR-ME

No exemplo (63), percebe-se que a configuração de mão e orientação de palma permanecem da mesma forma durante a execução do sinal, havendo apenas um movimento de direção, que resulta na mudança de locação. O sinalizante configura a mão, prepara o sinal e executa o movimento em direção a si. O sinal [AJUDAR-ME] é monossilábico, formado por apenas um movimento de direção. A característica de maior visibilidade do movimento confirma esse parâmetro como núcleo da sílaba neste sinal.



(64.a)



(64.b)



(64.c)



(64.d)

(64) GALINHA

O exemplo (64) apresenta o sinal [GALINHA], o qual se inicia com a mão aberta na altura da testa, sendo fechada gradualmente, através de um movimento interno de mudança de configuração dos dedos e um movimento direcional para baixo, executado de modo simultâneo. Este sinal também é monossilábico, por apresentar apenas um movimento interno.



(65) CHAVE

O sinal no exemplo (65) ilustra uma sílaba cujo núcleo é um movimento interno de mudança na orientação da palma.



(66) RATO

O exemplo (66) mostra um exemplo de sinal com movimentos de repetição. A sinalizante utiliza a mesma configuração de mão, orientação de palma e locação para a elaboração do sinal. Ela executa o movimento repetidas vezes, mas não há mudança em nenhum dos parâmetros, por isso considera-se uma sílaba apenas.

A princípio, há uma tendência de se considerar um sinal com movimentos repetitivos como sendo polissilábico devido ao número de repetições do movimento. No

entanto, Brentari (1998) sugere como critério para contar o número de sílabas em LSs que os elementos dinâmicos que co-ocorrem no sinal sejam contados como uma sílaba⁶⁶. Este trabalho adota esta visão para a análise da sílaba que envolve movimentos repetitivos.

Há também os sinais que não apresentam nenhum movimento fonológico, mas, para serem configurados, necessitam do movimento de transição. Por isso considera-se que tenham uma sílaba. Um exemplo de sinal com movimento de transição pode ser observado no exemplo (67).



(67)EU

Para produzir o sinal no exemplo (67), a sinalizante precisou executar um movimento levando a mão direita da posição de repouso até a locação exata do sinal, que é na frente do corpo. Esse sinal não tem um movimento fonológico em sua organização interna, mas necessita de um movimento de transição para que possa ser articulado. Desse modo, considera-se que o sinal [EU] apresenta uma sílaba.

Os sinais elaborados pelos participantes desta pesquisa, em sua maioria, são monossilábicos, porém alguns destes sinais são produzidos de maneiras diferentes pelos participantes. Dependendo do sinalizante, alguns sinais se configuram como monossilábicos, outros, como dissilábicos. E ainda, alguns sinalizantes, ao invés de elaborar apenas o sinal solicitado, elaboraram um sintagma sobre o assunto. A hipótese para esse tipo de sinalização é que não existe um sinal específico para o elemento apresentado. Como este trabalho é sobre a sílaba, essa informação é um fator que pode dificultar a análise dos dados, pois torna inviável

⁶⁶ Esse assunto foi discutido no cap. 4, com a definição funcional de sílaba, proposta por Brentari (1998).

a observação dos sinais de forma isolada. Seguem os exemplos para ilustrar o que foi observado:



(68) RELÓGIO



(69.a)



(69.b)

(69) RELÓGIO

Em (68), a sinalizante elaborou o sinal com apenas um movimento, apesar de se tratar de um movimento repetitivo dos dedos indicador e médio um contra o outro. Enquanto no exemplo (69), o sinalizante elaborou dois sinais, os quais também são dois morfemas⁶⁷, correspondendo a dois movimentos, configurando assim um sinal dissilábico. Em (69.b), especifica-se o tipo de relógio (pulso) ilustrado no cartão apresentado.

A análise do número de sílabas nos sinais em LSs vai depender da forma como o sinalizante elabora suas enunciações e sinaliza os itens lexicais da língua. Não há possibilidade de se dizer que o sinal tem determinado número de sílabas, é preciso levar em consideração a execução do sinal no contexto comunicativo.

⁶⁷ Ver detalhes sobre o tratamento dos morfemas na seção 5.4.2.

Apresenta-se a seguir outro exemplo em que há diferenças de articulação dos sinais entre os sinalizantes da libras.



(70.a)

(70.b)

(70) FERRO-DE-PASSAR-ROUPA



(71) FERRO

No quadro (70.a), a sinalizante elabora um sinal para *roupa* e, em (70.b), ela elabora um sinal para *ferro*, compondo um único item lexical em libras com o sentido de *ferro de passar roupa*. Desse modo, temos um sintagma composto por duas sílabas elaboradas com movimentos de repetição. Em (71), o sinal dado pela sinalizante é um sinal para *ferro*, com um movimento de ir e vir com a mão direita. Tem-se uma sílaba com um movimento de repetição.

Conclui-se que a sílaba é um elemento importante na fonologia das LSs, pois, a partir do seu estudo, é possível identificar os elementos que são fundamentais para a produção dos sinais. Um desses elementos é o movimento, mesmo que seja o movimento de transição, o qual pode ocupar o papel de núcleo da sílaba. Os demais parâmetros também são necessários na organização da sílaba, pois eles ocorrem concomitantemente ao movimento,

principalmente porque um dos critérios para a contagem do número de sílabas é a observação da mudança na configuração de mão após um determinado movimento.

Além da análise dos tipos de movimento para fins de identificação e estudo da sílaba em LSs, também é preciso compreender sobre os sinais com soletração manual, pois esses sinais apresentam características diferenciadas para se definir o número de sílabas. Nas próximas seções, apresenta-se um estudo sobre os sinais com soletração manual e um estudo sobre a relação entre a sílaba e os morfemas. A análise dos dados mostra que há necessidade de se compreender sobre os morfemas para se entender sobre a sílaba. Esse assunto é discutido na seção 5.4.2.

5.4.1 A sílaba e a soletração manual

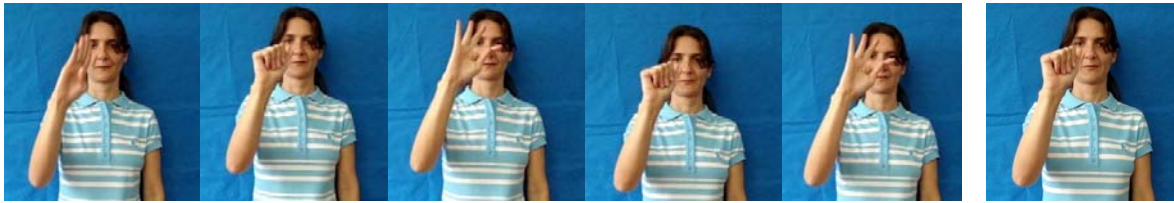
Soletração manual, também chamada de datilologia, se refere a uma representação manual da ortografia da LO. De acordo com a proposta de Wilbur (1990), cada letra soletrada contaria como uma sílaba, pois se faz um movimento a cada mudança de letra. A autora argumenta que

*Teoricamente, cada letra soletrada consiste de um movimento de transição para a configuração de mão alvo e a própria configuração de mão alvo, ambas associadas a um mesmo nó silábico, de modo que há potencialmente tantas sílabas quanto há letras na palavra soletrada*⁶⁸ (p.101).

Ao observar atentamente a soletração de um sinalizante fluente da LS, verifica-se que ele elabora a soletração com um ritmo frasal que faz com que a transição entre uma letra e outra seja menos visível, diminuindo o número de sílabas. O sinalizante aproveita a configuração da mão em uma letra na transição para outra. Dessa forma, o número de sílabas no sinal soletrado vai depender da configuração das letras sinalizadas.

No sinal [BATATA-FRITA] elaborado pelos participantes da pesquisa, observa-se o uso da soletração manual, como consta no exemplo a seguir:

⁶⁸ Tradução minha. No original: “Theoretically, each fingerspelled letter consists of a transition movement to the target handshape and the target handshape itself, both associated with a single syllabic node, so that there would potentially be as many syllables as there are letters in the word being fingerspelled.”



(72.a) - [B]

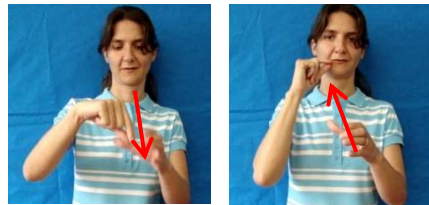
(72.b) - [A]

(72.c) - [T]

(72.d) - [A]

(72.e) - [T]

(72.f) - [A]



(72.g)

(72.h)

(72) BATATA-FRITA

Primeiramente, há a soletração em [B-A-T-A-T-A], analisado como polissilábico, com seis sílabas. Observa-se que cada letra soletrada tem uma configuração e um movimento diferentes, em que a sinalizante precisa fazer movimentos entre uma letra e outra. Em (72.g) e (72.h), a sinalizante utiliza um classificador⁶⁹, representando uma pessoa que segura uma embalagem de batatas fritas e as come. Esse classificador apresenta um morfema com a configuração das mãos indicando o formato do objeto utilizado e outro morfema indicando o movimento que se faz com o objeto. A sílaba nesse sinal é o movimento de levar a mão à boca. Como a sinalizante faz esse movimento duas vezes, considera-se que se trata de uma sílaba, pois o sinal /classificador utiliza os mesmos parâmetros e apresenta apenas um tipo de movimento.

Outro exemplo de soletração manual pode ser visualizado em:



(73.a)

(73.b) - [U]

(73.c) - [V]

(73.d) - [A]

(73) UVA

⁶⁹ Ver N.R 63, na seção 5.3.1.2.

Nesse exemplo, o número de sílabas é três. Em (73a), o sinalizante utiliza um classificador, representado pelo formato de uma uva e o movimento de levá-la até a boca para comê-la. Como o sinal apresenta apenas um movimento, considera-se, nesse momento, uma sílaba. Quanto à palavra soletrada [U-V-A], observam-se duas sílabas. Um dos argumentos é que [U] e [V] usam os mesmos dedos, indicador e médio, para sua configuração. Devido ao movimento de transição entre [U] e [V], não há mudança considerável na configuração de mão. Em seguida, há a elaboração de [A].

Os dados trazem outros sinais com soletração manual, os quais podem ser observados a seguir.



(74.a)



(74.b) - [B]



(74.c) - [O]



(74.d) - [M]



(74.e) - [B]



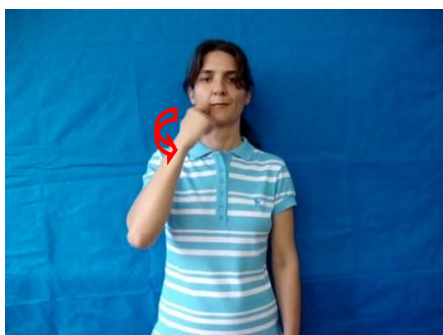
(74.f) - [O]



(74.g) - [M]

(74) BOMBOM

Em (74.a), a sinalizante produz o sinal [BOMBOM], utilizando os mesmos parâmetros que no sinal [PÃO], como consta no exemplo a seguir.



(75) PÃO

Trata-se de um sinal com a configuração de mão em [A], com a palma da mão voltada para a direita, locação no canto direito da boca e movimento interno de mudança na orientação da palma. Esta é a primeira sílaba do sinal. Logo depois, a sinalizante faz a soletração manual da palavra [B-O-M-B-O-M]. Desta vez, o sinal soletrado tem quatro sílabas, pois a configuração de mão em [O] é aproveitada para elaborar a letra [M]. Os quadros com a transição entre as letras [O] e [M] seguem para observação e análise.



(76.a)



(76.b)



(76.c)



(76.d)



(76.e)

(76) Quadros com a transição entre as letras [O] e [M].

No quadro (76.a), a sinalizante está produzindo a letra [O]; ela já está preparada para articular a próxima letra, pois utiliza apenas três dedos (indicador, médio e anelar) em contato com o polegar nessa configuração, descartando o dedo mínimo nesse momento. Nos quadros (76.b), (76.c) e (76.d), ela faz a transição entre [O] e [M], separando os dedos indicador, médio e anelar do polegar. E em (76.e), ela apresenta a letra [M], instância em que se observa apenas uma sílaba. Diante dessas considerações, constata-se que o exemplo em (76) é polissilábico, consistindo de cinco sílabas.

A conclusão a que se chega quanto à sílaba e a soletração manual em LS é que o número de sílabas corresponde à maneira como as letras são soletradas no sinal, e não ao número total de letras soletradas.

5.4.2 A sílaba e sua relação com os morfemas

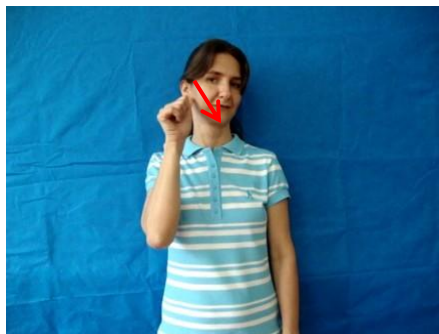
Como já foi discutido anteriormente, a sílaba está relacionada ao movimento no sinal. Por sua vez, o morfema é determinado pelos dedos selecionados, dependendo da configuração de mão utilizada na sinalização e da seleção dos dedos. Mandel (1981) apud Sandler e Lillo-Martin (2006) afirma que, no morfema, pode haver apenas uma especificação para os dedos selecionados. Então, quando se modifica a configuração de mão, tem-se um novo morfema.

Sendo uma unidade que agrupa forma e significado, a palavra em LO ou o sinal em LS pode apresentar uma complexidade morfológica. Essa complexidade, muitas vezes, se reflete no número de sílabas no sinal. A maioria dos sinais em libras e em outras LS, como ASL (Sandler e Lillo-Martin, 2006) e AUSLAN⁷⁰ (Johnston e Schembri, 2007) apresentam predominância de sinais monossilábicos, porém existem também os itens lexicais com mais de uma sílaba, de acordo com o que será discutido mais adiante.

O morfema, menor unidade que possui significado em uma língua, é usado para criar unidades maiores – palavras e sinais – além de modificar palavras e sinais já existentes. O sinal [MULHER] é um morfema monossilábico, o qual pode se combinar com outros

⁷⁰ “Australian Sign Language”, língua de sinais australiana.

morfemas da libras para a criação de novos itens lexicais. Por exemplo, o sinal para [MENINA], resulta da combinação dos sinais [MULHER] e [CRIANÇA]. Tem-se então, um sinal bimorfêmico, como se observa no exemplo (77).



(77.a) - [MULHER]



(77.b) - [CRIANÇA]

(77) MENINA

O estudo da morfologia em LS também pode auxiliar na análise da sílaba nessa modalidade linguística, uma vez que essa língua apresenta características bem complexas em relação à derivação, flexão e composição nominal. Como já foi dito, o exemplo (77) apresenta a formação do sinal [MENINA] a partir da composição entre os sinais ilustrados nos exemplos (77.a) e (77.b), formando um sinal dissilábico e bimorfêmico, por consistir de dois movimentos e dois morfemas.

Verifica-se que a sílaba, em línguas de sinais, está ligada aos parâmetros, principalmente em relação à sequencialidade que ocorre na produção do sinal. O morfema está relacionado à produção do sinal e ao grupo de parâmetros que produz algum significado. Nos dados coletados, verifica-se a presença de sinais monomorfêmicos e monossilábicos, monomorfêmicos e dissilábicos, bimorfêmicos e monossilábicos, bimorfêmicos e dissilábicos e polimorfêmicos, que serão explicitados e exemplificados adiante.

5.4.2.1 Sinais monomorfêmicos e monossilábicos

Para se entender como funciona a relação entre a sílaba e o morfema, segue o exemplo do sinal [GRAVATA], em que a sinalizante utiliza os dedos polegar e indicador, curvados e abertos, enquanto os demais dedos permanecem fechados. As mãos são voltadas para o corpo, na frente do tórax. Então ocorre um movimento com a mão direita para cima e a

mão esquerda para baixo, simulando a ação de arrumar uma gravata. Neste sinal, verifica-se a existência de um morfema (uma unidade de significado) e de uma sílaba (um movimento).



(78.a)



(78.b)

(78) GRAVATA

Sinais monomorfêmicos e monossilábicos são os mais recorrentes em libras. A maior parte dos sinais encontrados na língua apresenta apenas uma configuração de mão, uma locação, uma orientação e um movimento. Por isso, há evidências de que a libras apresenta uma tendência a uma relação unívoca entre sílaba e morfema. Os sinais [MULHER] e [HOMEM] são exemplos de sinais que apresentam apenas um morfema e uma sílaba.



(79) MULHER



(80) HOMEM

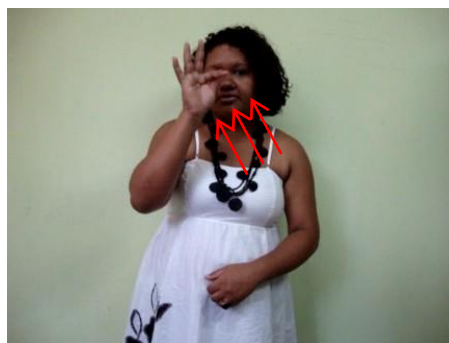
Os sinais ilustrados acima são exemplos típicos de sinais monomorfêmicos e monossilábicos. O exemplo (79) apresenta o sinal [MULHER], que tem a configuração de mão fechada com o polegar voltado para cima e a mão voltada para o corpo da sinalizante, em contato com o rosto, com um movimento de direção da parte de cima do rosto para baixo, próximo à boca. Em (80), o sinal [HOMEM] também apresenta os mesmos parâmetros do início ao fim do sinal, mão com dedos unidos e polegar separado, aberto, orientação da palma para o corpo, locação na frente do queixo, movimento de direção da metade do rosto para o queixo.

Observa-se que cada um dos exemplos apresenta configuração de mão única durante a sinalização, com a mesma seleção de dedos. Essa evidência indica que sinais são monomorfêmicos, por um lado, ao passo que o número de movimentos envolvidos mostra que os sinais são monossilábicos.

Sinais como [VELA], [FLOR], [MÉDICO], [PALHAÇO], [PÃO], [CADEIRA], [ELEFANTE], [MOTO], além de outros, na libras, apresentam um morfema e uma sílaba.



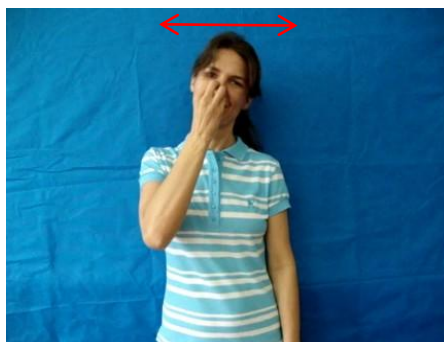
(81) VELA



(82) FLOR



(83) MÉDICO



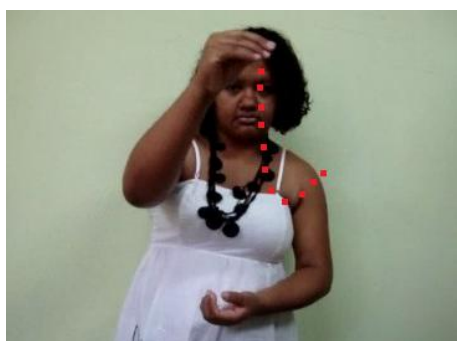
(84) PALHAÇO



(85) PÃO



(86) CADEIRA



(87) ELEFANTE



(88) MOTO

Em (81), há apenas um movimento de balançar os dedos da mão direita. Em (82) há um movimento de repetição da mão direita que está configurada em F. No exemplo (83), também ocorre um movimento repetitivo do dedo indicador da mão direita contra o dedo indicador da mão esquerda. Em (84), há um movimento feito com a cabeça. No exemplo (85), um movimento interno da mão direita próximo à boca. Em (86), um movimento de transição para que o sinal seja configurado na locação adequada. Em (87), um movimento de direção para frente e para o alto. E, em (88), um movimento interno do pulso. Diante desses exemplos, constata-se que cada um desses exemplos apresenta um movimento, por isso são considerados monossilábicos.

O exemplo ilustrado a seguir também representa um sinal monomorfêmico e monossilábico.



(89.a)



(89.b)

(89) GIRAFa

O exemplo (89) apresenta um movimento retilíneo com as duas mãos, sendo que uma mão é direcionada para cima e a outra para baixo. A configuração de mão para esse sinal é em C, com as duas mãos, e a locação é o contato com a frente do corpo. Este sinal é monomorfêmico, por apresentar apenas uma especificação para os dedos selecionados, além de manter o mesmo significado no decorrer da produção do sinal. É também monossilábico, por apresentar apenas um movimento.

Os sinais encontrados nos dados mostram uma tendência a serem monomorfêmicos e monossilábicos. Os sinais em libras apresentam características semelhantes às de LSs de outros países, uma vez que em ASL e em ISL a maioria dos sinais também é formada por sinais monossilábicos. Ressalta-se que, apesar de a maioria dos sinais em libras ser monomorfêmica e monossilábica, outros tipos de sinais também aparecem entre os dados analisados.

5.4.2.2 Sinais monomorfêmicos e dissilábicos

Os sinais monomorfêmicos também podem ser dissilábicos – sinais que apresentam apenas um morfema, porém com a execução de dois movimentos.

De acordo com a proposta de Mandel (1981, apud BRENTARI, 1998), há uma restrição para a análise do morfema em LS em que se observam os dedos de uma configuração de mão os quais são utilizados durante o sinal.



(90.a)



(90.b)



(90.c)

(90) COMPRAR

O exemplo (90) é elaborado com dois movimentos, sendo um interno, de abertura do dedo indicador, e um movimento retilíneo de direção, de cima para baixo. O sinal tem apenas um morfema, por apresentar um significado único e não mudar as especificações de dedos e de mão.

Outro exemplo é o sinal [MESA] apresentado a seguir:



(91) MESA

O sinal em (91) apresenta um morfema somente com a execução de dois movimentos, um retilíneo na horizontal e outro para baixo, com ambas as mãos. Os sinalizantes não utilizaram muitos sinais monomorfêmicos e dissilábicos nos dados desta pesquisa. Acredita-se que esse tipo de sinal não seja muito comum em libras.

5.4.2.3 Sinais bimorfêmicos e monossilábicos

Há também os sinais bimorfêmicos e monossilábicos, como os sinais com números incorporados ou verbos que apresentam concordância com a pessoa. A seguir, apresenta-se o sinal [UMA-HORA] para uma análise do número de sílabas e de morfemas.



(92) UMA-HORA

O sinal exposto apresenta uma sílaba, pois há apenas um movimento do dedo indicador da mão direita ao redor da face do sinalizante. Este sinal apresenta dois morfemas: o numeral [UM], que é produzido com o dedo indicador, e o morfema ‘hora’, que é produzido a partir do movimento circular ao redor da face. Ao separarmos estes morfemas, teremos dois sinais [UM] e [HORA].

Segue outro exemplo de sinal bimorfêmico e monossilábico.



(93.a)



(93.b)

(93) AJUDAR-ME

O exemplo (93) apresenta um sinal bimorfêmico, pois na organização está implícito, pelo tipo de movimento, que o verbo descreve o evento e indica o participante do evento. Aqui, uma única configuração carrega duas informações, a informação semântica do verbo (ajudar) e a pessoa com a qual o verbo concorda (eu), percebida pela orientação de palma voltada para o sinalizante. O sinal apresenta um movimento apenas, que é o movimento de direção para o sinalizante, por isso tem apenas uma sílaba.

5.4.2.4 Sinais bimorfêmicos e dissilábicos

Também foram encontrados vários sinais com dois morfemas e duas sílabas. No sinal [DADO], a simultaneidade dos parâmetros é observada na configuração da mão direita em A, a palma da mão voltada para cima, locação na frente do corpo e um movimento

repetitivo para frente e para trás. Em seguida, observa-se a seqüencialidade, quando a sinalizante faz um movimento de direção para frente, mudando a locação e a configuração de mão, com o espreadimento dos dedos. Há, então, simultaneidade e sequencialidade na produção desse sinal.



(94.a)



(94.b)

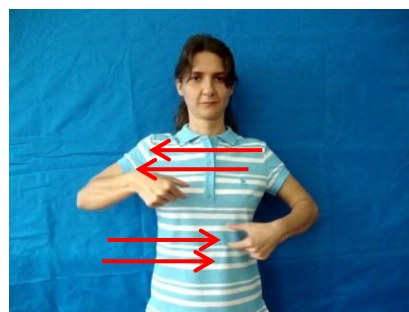
(94) DADOS

No exemplo (94), nota-se que há dois morfemas e duas sílabas, pois há uma configuração de mão, orientação e locação inicial, em que se encontra uma organização simultânea dos parâmetros. Há também dois movimentos, um movimento repetitivo para frente e para trás, na primeira parte do sinal e um movimento de direção, que faz com que haja uma mudança também na configuração de mão e locação. Pode-se concluir que esse sinal é bimorfêmico e dissilábico.

O sinal [ZEBRA] também é um exemplo de sinal bimorfêmico e dissilábico.



(95.a) - [CAVALO]



(95.b) - [LISTRADO]

(95) ZEBRA

Em (95), há dois sinais, [CAVALO] e [LISTRADO] formando o item lexical [ZEBRA]. Considerando o sinal em termos de morfologia, observam-se dois morfemas, visto que são duas unidades menores que carregam significado para o item lexical. O sinal possui duas sílabas, pois são observados dois movimentos, um interno, com a mudança na configuração dos dedos; e um de direção, na frente do corpo. Esses movimentos também são repetitivos, mas contam como uma única sílaba, por apresentar apenas um tipo de movimento, mesmo que seja executado mais de uma vez.

No exemplo a seguir, o sinalizante elabora o sinal [MORANGO].



(96.a)



(96.b)

(96) MORANGO

O sinal no exemplo (96) tem dois morfemas, o primeiro indicando a fruta e o segundo apresentando sua cor. A hipótese é de que também há duas sílabas nesse sinal. Em (96.a), o sinalizante faz vários movimentos com o dedo indicador da mão direita em direção à mão esquerda, que está com os dedos indicador e polegar unidos e os demais dedos fechados. Trata-se de um movimento de repetição, que não afeta a configuração das mãos, por isso é contado como apenas uma sílaba. Em (96.b), o sinalizante faz outro movimento de repetição passando o dedo indicador nos lábios várias vezes, configurando a segunda sílaba do sinal. Então esse é um sinal bimorfêmico e dissilábico.

A partir da visualização de um cartão com a figura de uma bola, os sinalizantes elaboram um sinal para o objeto e um sinal para o tipo de bola. Estes sinais estão expostos nos exemplos a seguir:



(97.a)



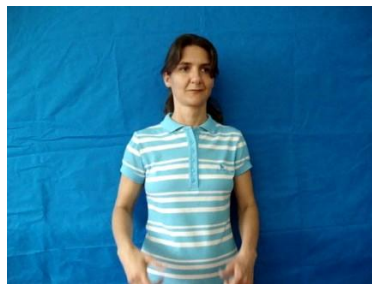
(97.b)

(97) BOLA-FUTEBOL

No quadro (97.a), a sinalizante faz o sinal com as duas mãos, representando o formato da bola. Nesse sinal, não há um movimento fonológico, mas para configurá-lo, a sinalizante utiliza um movimento de transição para colocar as mãos na locação própria do sinal, que é na frente do corpo, como se observa nos quadros a seguir.



(98.a)



(98.b)



(98.c)



(98.d)



(98.e)



(98.f)



(98.g)



(98.h)



(98.i)

(98) Quadros com os movimentos de transição para articula do sinal [BOLA].

Os quadros em (98) apresentam uma visualização do movimento de transição executado para a configuração do sinal [BOLA]. Esse não é um movimento que faz parte da fonologia do sinal, mas é um movimento de preparação para a execução do sinal. Em virtude de se usar esse movimento para a configuração do sinal, considera-se que em (98.a) há uma sílaba, produzida através do movimento de transição. Em (98.b), a sinalizante articula o sinal [FUTEBOL], que apresenta uma sílaba articulada a partir do movimento de repetição do dorso da mão direita contra a palma da mão esquerda. Conclui-se que o exemplo (98) apresenta dois morfemas e duas sílabas.

O segundo sinalizante fez um sinal representando *bola de vôlei*.



(99.a)

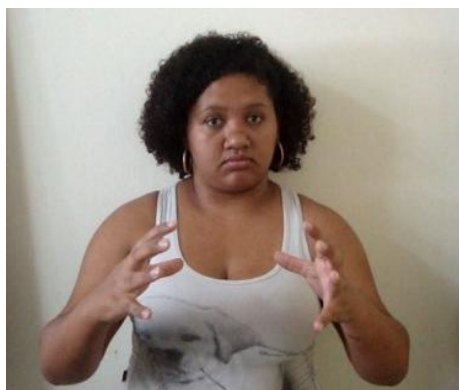


(99.b)

(99) BOLA-DE-VÔLEI

No quadro (99.a), o sinalizante segue o mesmo procedimento que a sinalizante no quadro (98.g), utilizando o movimento de transição para a configuração do sinal, porém com uma orientação de palma diferente. Em (99.b), o sinalizante utiliza as duas mãos abertas, com as palmas voltadas para frente, locação na frente do corpo e faz movimentos de repetição com as mãos. Verifica-se, em (99), a existência de dois morfemas e de duas sílabas.

No exemplo a seguir, ocorre o mesmo que em (99).



(100.a)



(100.b)

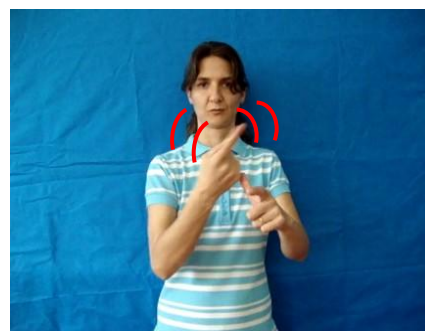
(100) BOLA-BASQUETE

O sinal no exemplo (100) também apresenta dois morfemas e duas sílabas, seguindo o mesmo padrão dos exemplos (98) e (99).

No sinal [LIQUIDIFICADOR], a sinalizante faz primeiramente um sinal para o formato do aparelho e outro para o modo como o aparelho funciona.



(101.a)



(101.b)

(101) LIQUIDIFICADOR

O exemplo (101.a) apresenta uma configuração de mão com os dedos indicador e polegar abertos, voltados um para o outro, no espaço neutro da sinalizante. Não há movimento fonológico, mas a sinalizante utilizou o movimento de transição para configurar o sinal, por isso considera-se que (101.a) representa uma sílaba. Em (101.b), a sinalizante faz um movimento circular com o dedo indicador voltado para cima ainda na frente do corpo. Considera-se também uma sílaba, por apresentar apenas um tipo de movimento com uma

única configuração de mão. Sendo assim, o sinal [LIQUIDIFICADOR] é um sinal bimorfêmico e dissilábico.

Nos sinais com dois morfemas e dois movimentos, como [SANDUÍCHE] e [PÁSSARO], observam-se duas sílabas.



(102.a)



(102.b)

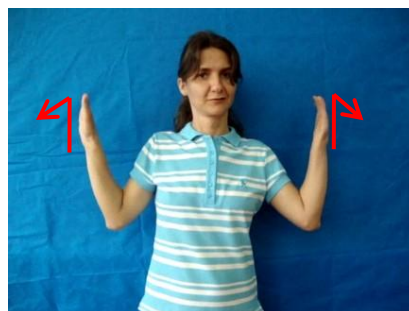
(102) SANDUÍCHE

No quadro (102.a), o sinalizante faz um sinal indicando o sanduíche, com a configuração da mão direita aberta, os dedos unidos, com movimento em direção à mão esquerda também com os dedos unidos e o polegar dobrado, orientação de palma para o corpo, no espaço neutro como locação. O segundo morfema do sinal, em (103.b) indica a ação praticada com o primeiro elemento – [COMER], com a configuração de mão em C, orientação da palma voltada para o corpo, locação na frente da boca, movimento em direção à boca. O sinal possui dois morfemas, que apresentam significado quando isolados, por isso bimorfêmicos, e dois movimentos, por isso dissilábicos.

Em (103), ocorre um fenômeno semelhante ao descrito para [SANDUÍCHE], ou seja, a sinalizante faz o sinal [PÁSSARO] e o sinal [VOAR], indicando o elemento apresentado e a ação praticada por ele.



(103.a)



(103.b)

(103) PÁSSARO

O exemplo (103) apresenta outro sinal com dois morfemas e duas sílabas, sendo que a primeira sílaba e o primeiro morfema são os que se manifestam em (103.a), produzidos com um movimento repetitivo dos dedos polegar e indicador, na frente da boca e com palma da mão virada para frente. Em (103.b), o sinal é produzido com as duas mãos abertas e voltadas para os lados do corpo, com movimento repetitivo de abrir e fechar as mãos. É um sinal bimorfêmico e dissilábico.

O exemplo a seguir ilustra os dois morfemas e as duas sílabas que fazem parte do sinal [ABACATE].



(104.a)



(104.b)

(104) ABACATE

Nesse exemplo, observam-se dois morfemas diferentes e também duas sílabas. O primeiro morfema, em (104.a), corresponde a um item que nomeia o tipo de fruta e o segundo, em (104.b), corresponde a um item que nomeia a característica de ser verde. O primeiro item é uma forma recorrente em outros sinais, por exemplo, no sinal para ‘mamão’; sendo que, em [ABACATE], é a sílaba correspondente a ‘verde’ que é responsável pela diferença de significado entre os sinais para ‘mamão’ e ‘abacate’. Observa-se que o número de sílabas e de morfemas coincide, pois há dois movimentos diferentes (sílabas) e duas unidades com significado (morfemas). Em (104.a), ocorre um movimento interno de mudança de orientação de mão, enquanto em (104.b), há um movimento repetitivo da mão direita em V sobre a mão esquerda que está fechada.

A partir da observação e análise dos dados, verifica-se que, nos sinais com dois ou mais morfemas, há sempre um núcleo e um modificador, ou seja, há um sinal que corresponde ao elemento com a carga semântica principal, que remete ao referente do sinal; e, outro(s) que

corresponde a um modificador, que pode ser uma cor, característica, função, gênero, etc. Como a língua é visual e icônica, pressupõe-se que esses elementos modificadores têm a função de especificar o item lexical por meio de atribuição de determinada propriedade, pois com esses modificadores, é possível descrever os elementos com maior riqueza de detalhes visuais.

5.5 Considerações finais

No banco de dados desta pesquisa, percebeu-se que os sinais com mais de dois morfemas, na maioria das vezes, apresentam sintagmas com definições ou caracterizações do que foi apresentado ao entrevistado. Por exemplo, quando lhes foi apresentado o cartão com a figura de um carteiro, os sinalizantes da pesquisa elaboraram diferentes formas para elaborar um sinal para essa figura. A primeira sinalizante fez os sinais [SELO – CARTA – ENTREGAR].



(105.a)



(105.b)



(105.c)

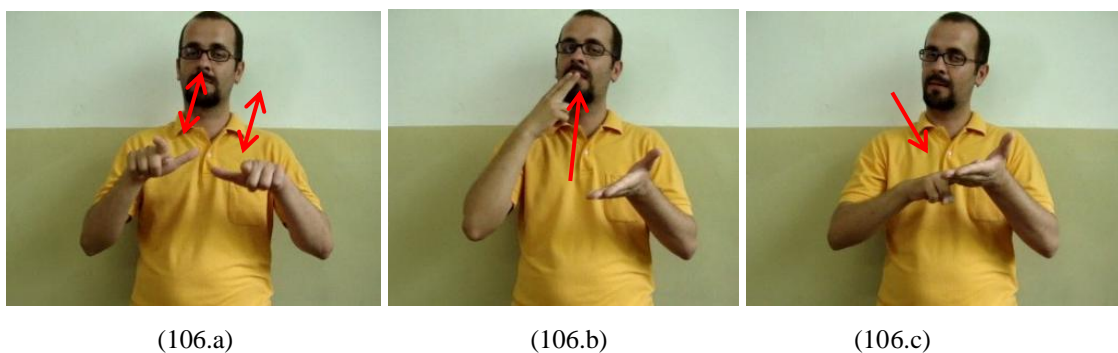


(105.d)

(105) CARTEIRO (1)

Em (105.a), a primeira sílaba é o movimento dos dedos indicador e médio da mão direita em direção à boca, a palma da mão esquerda permanece voltada para cima durante esse sinal. Em seguida, no quadro (105.b), ela leva os dedos da mão direita em direção à mão esquerda, executando o segundo movimento, que é a segunda sílaba do enunciado em questão. E, por fim, ela faz um movimento da mão direita em direção à mão esquerda em frente ao corpo, nos quadros (105.c) e (105.d). Esse movimento representa a entrega da carta na caixa de correios. Propõe-se que esta seja a terceira sílaba. Dessa forma, o sintagma que a sinalizante utilizou para especificar *carteiro* apresenta três morfemas e três sílabas.

O segundo sinalizante fez [TRABALHAR – SELO – CARTA] para descrever o cartão apresentado.



(106) CARTEIRO (2)

No quadro (106.a), o sinalizante fez o sinal [TRABALHAR] indicando que se trata de uma profissão. Ele utilizou a configuração de mão em L, com as mãos voltadas para baixo, locação na frente do corpo e movimentos alternados e repetitivos das mãos. Esse tipo de movimento é analisado como um movimento principal que envolve vários elementos dinâmicos⁷¹, os quais co-ocorrem durante a sinalização; de onde se conclui que há apenas uma sílaba neste sinal.

Os quadros (106.b) e (106.c) apresentam as mesmas sinalizações que em (105.a) e (105.b), elaborados pela primeira sinalizante. Estes sinais ilustram dois morfemas e duas sílabas. Dessa forma, o sinalizante também apresentou um sintagma para representar o cartão com a figura de *carteiro* utilizando três morfemas e três sílabas.

⁷¹ Esse assunto foi discutido na seção 4.1.

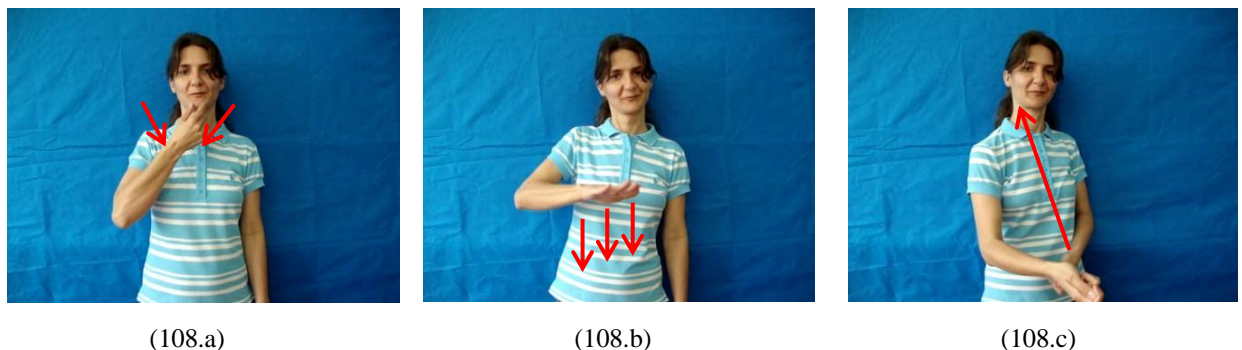
Outra sinalizante elaborou o sintagma [HOMEM – SELO – CARTA].



(107) CARTEIRO (3)

No exemplo (107), a sinalizante também apresenta três morfemas e três sílabas para descrever *carteiro*. A primeira sílaba e morfema utilizado é um sinal que indica o gênero da pessoa. Ela segue o padrão utilizado pelos demais participantes da pesquisa, utilizando os sinais [SELO] e [CARTA], por isso conclui-se que os sinais que identificam o elemento solicitado são os sinais que constam em (107.b) e (107.c), assim como nos exemplos anteriores.

Entre os sinais com três morfemas, percebe-se certa quantidade de informações sobre o sintagma apresentado. Por exemplo, no sinal para [PESCADOR], uma das sinalizantes produz os sinais [HOMEM – CRIANÇA – PESCAR]. Após conversa com os sinalizantes, verificou-se que eles elaboraram sintagmas, no sentido de especificar com detalhes a figura que lhes foi apresentada.



(108) PESCADOR

No quadro (108.a), a sinalizante elabora o sinal [HOMEM], com um movimento de direção com a mão direita no sentido de cima para baixo no rosto, configurando a primeira sílaba do sintagma sinalizado. Em (108.b), ela faz um movimento de repetição com a mão direita voltada para baixo, na frente do corpo. Esse movimento se configura como a segunda sílaba. E em (108.c), ela faz um sinal com a mão direita fechada voltada para cima, na frente do corpo com um movimento de baixo para cima. Considera-se que este sinal possui três morfemas e três sílabas, por apresentar três movimentos diferentes.

Nas LSs, o morfema está relacionado à organização do sinal e ao seu significado; é a menor unidade dotada de significado. Em se tratando da análise do número de morfemas no sinal, a observação se concentra na forma da mão durante a sinalização, incluindo a seleção dos dedos, uma vez que o morfema apresenta apenas uma especificação para esses traços. Se houver qualquer mudança nesse sentido, tem-se um novo morfema.

Conclui-se que a sílaba é o elemento mais visível no sinal, geralmente, o movimento executado na sinalização e, por isso, o número de movimentos encontrados no sinal equivale ao número de sílabas. É preciso analisar o sinal como um todo, pois há uma relação entre a sílaba e o morfema, os quais podem até mesmo coincidir.

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou trazer para a comunidade linguística uma contribuição para a descrição da libras. O estudo da sílaba na libras apresentou-se com uma gama de possibilidades de análise dos sinais. Em primeiro lugar, a análise da delimitação do sinal foi importante na identificação de fatores que podem influenciar o número de sílabas durante a enunciação. Esses aspectos estão relacionados às suspensões que o sinalizante faz entre um sinal e outro, bem como a uma suspensão elaborada com maior intensidade no final do enunciado. A delimitação do sinal também se refere aos sinais não-manuais, expressões faciais e corporais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fez-se também um estudo sobre a iconicidade, pois muitos sinais observados nos dados apresentaram elementos icônicos, podendo influenciar na organização silábica de libras. Um exemplo é o caso do sinal [BATATA-FRITA]⁷², em que o sinalizante utilizou não só um classificador representando o ato de comer a batata-frita como a soletração manual da palavra “batata”. Entre os dados coletados, concluiu-se que libras é uma língua com predominância de iconicidade.

Em se tratando do estudo da estrutura interna da libras, fez-se uma análise da sequencialidade e da simultaneidade na organização dos parâmetros durante a enunciação. Verificou-se que os parâmetros vão se organizando de modo sequencial e acumulativo são executados de modo simultâneo, podendo haver mudanças em alguns parâmetros durante a execução do sinal.

Apresentou-se um estudo sobre o movimento, que é fundamental para a análise da sílaba em LS. Os movimentos encontrados na literatura e nos dados são *movimento de direção*, *movimento interno*, *movimentos secundários* e *movimento de transição* (ver seção

⁷² Analisada na seção 5.4.1.

5.3.1). Concluiu-se que, apesar de apenas os três primeiros movimentos serem considerados movimentos fonológicos, o movimento transicional também é relevante para a análise da sílaba, pois, durante a enunciação, ele é um elemento de alta visibilidade e de grande relevância para a organização prosódica dos enunciados na língua.

A sílaba em libras, assim como em outras LSs, tem como núcleo o movimento, o qual é o mais perceptível durante a enunciação. A análise do movimento no estudo da sílaba permite ao linguista evidenciar o núcleo da sílaba. Em relação aos sinais com movimento de direção, movimento interno ou a combinação de ambos, a observação e análise do núcleo da sílaba são consideradas mais simples, pois esses movimentos são visualizados com maior facilidade, eles são reconhecidos como movimentos.

Em contrapartida, quando não há um movimento fonológico, a busca pelo núcleo da sílaba torna-se uma tarefa mais complexa, pois a preparação para o sinal não faz parte de sua fonologia. Entretanto, este trabalho partiu do pressuposto de que, durante a enunciação em LS, tudo o que o sinalizante produz faz parte da língua. Por isso toda a enunciação foi analisada, considerando-se todo o processo. A falta de um movimento fonológico não dispensa a possibilidade de haver sílaba no sinal. A sílaba em LS está relacionada aos elementos visuais da língua. O movimento é o elemento de maior visibilidade da LS.

Após análise dos dados, concluiu-se que o estudo da sílaba utilizando apenas sinais isolados torna-se difícil em libras. A primeira etapa desta pesquisa almejou uma análise dos sinais isolados, de modo a alcançar uma visão preliminar de como se constitui essa unidade linguística na libras. Os sinais sem movimento fonológico levantaram as dúvidas sobre o que seria o núcleo da sílaba. Então, tornou-se necessário fazer uma segunda coleta de dados. Os sinalizantes elaboraram enunciados mais complexos sobre algumas figuras que lhes foram apresentadas.

Ao analisar os dados da segunda etapa, percebeu-se que a sílaba nos sinais deve ser considerada no contexto da enunciação, pois a “sonoridade” da língua passa a ser mais perceptível dessa maneira. Os elementos da língua se tornam mais visíveis. Nos dados analisados, a preparação para o sinal, por meio do movimento de transição, faz parte da sílaba.

Autores das diversas fontes pesquisadas demonstram uma preocupação em entender a organização da sílaba em LS, mas explicitam diferentes formas de se compreender essa estrutura. São apontadas, pela maioria dos autores [Liddell e Johnson, 2005(1984); Sandler (1989); Sandler e Lillo-Martin, 2006; Brentari (1998)], teorias que consideram o movimento como núcleo da sílaba. No entanto, a maneira como interpretam esse pressuposto mostra algumas divergências. Algumas dessas teorias serviram como base para o desenvolvimento da pesquisa sobre sílaba na libras.

Liddell e Johnson [2005 (1984)] analisam a sílaba a partir da sequencialidade entre movimento e suspensão. Esse pressuposto se mostra relevante no sentido de voltar a atenção para a organização dos parâmetros na enunciação e para a importância de haver um parâmetro com maior visibilidade: o movimento. Com certeza, essa teoria contribuiu bastante para a análise da sílaba em libras nesta pesquisa, pois os sinais apresentaram uma saliência em relação ao movimento. Neste trabalho, utilizamos este pressuposto para a análise da sílaba, pois o movimento é o núcleo da sílaba em libras e em outras LSs. No entanto, há que se observar e analisar os demais parâmetros, pois muitas vezes, a mudança na sílaba ocorre devido a uma mudança na configuração de mão ou na orientação da palma, além da mudança na locação decorrente de um movimento.

Nesse sentido, o Modelo “Hand-Tier” de Sandler (1989) também contribuiu para a análise da configuração de mão durante a enunciação. A autora não descarta o Modelo Movimento-Suspensão de Liddell e Johnson, ela apenas acrescenta o interesse em estudar com maior riqueza de detalhes a configuração da mão. A análise da configuração de mão foi útil nesta pesquisa, no sentido de se identificar o número de morfemas no sinal e a relação entre a sílaba e o morfema.

Este trabalho também teve como fundamentação teórica o Modelo Prosódico de Brentari, o qual compreende a sílaba como uma estrutura saliente na língua. Dessa maneira, a sílaba pode ser estudada em termos de sonoridade visual, sendo novamente o movimento considerado o núcleo da sílaba. Brentari estabelece uma hierarquia para os tipos de movimento que ocupam o núcleo da sílaba, envolvendo movimento de direção, movimento interno e movimento secundário. Ela elabora uma tabela que apresenta uma hierarquia do movimento mais saliente para o menos saliente.

Para fins de análise, este trabalho utilizou os pressupostos de Brentari (1998), no sentido de identificar o movimento como núcleo da sílaba, uma vez que este é o parâmetro de maior visibilidade nos sinais. A escala hierárquica de Brentari serviu como ponto de partida para a análise do movimento de transição para que fosse utilizado como núcleo de sílaba. Esse movimento só é considerado núcleo da sílaba na libras apenas se o sinal não possuir movimentos fonológicos, como movimento de direção, interno ou secundários.

O presente trabalho aponta o movimento como núcleo da sílaba em libras, assim como nas demais LS. Além disso, o movimento de transição ou preparação para a produção do sinal também é considerado na análise da organização silábica. Esse pressuposto foi adotado a partir das considerações de Wilbur (1990) sobre a importância de se analisar o movimento de transição na sílaba em LS. Mesmo não sendo um movimento fonológico, ele é um movimento perceptível durante a enunciação.

Então, propôs-se, nesta pesquisa, que a língua seja observada em um escopo mais amplo, partindo da observação do enunciado como um todo, para então fazer a análise da sílaba. Assim, foi possível visualizar elementos que se destacam durante a produção linguística. Verificou-se que todo e qualquer movimento realizado durante a enunciação é considerado núcleo da sílaba, seja ele fonológico ou não.

Apesar de ter conseguido responder às perguntas propostas para a pesquisa, concluiu-se que há ainda necessidade de se expandir os estudos nessa área. A sílaba na libras é um campo que ainda não foi suficientemente explorado e, por isso, demanda maiores investigações. Esse trabalho é apenas um passo inicial nos estudos sobre a sílaba na libras, e oferece análises e reflexões sobre o tema em questão.

Tópicos de interesse para pesquisas futuras, em torno dos aspectos prosódicos da libras, dizem respeito à relação existente entre a organização silábica e o padrão rítmico dos enunciados. Estudos sobre as variações linguísticas em libras também são necessários, pois há uma carência de pesquisas sociolinguísticas e diacrônicas a respeito da libras. Na verdade, ainda existe uma grande carência de estudos descritivos sobre a libras, em geral, desde a fonologia até os níveis morfossintático e semântico-pragmático. Tais estudos sem dúvida serão de grande relevância para o progresso da vida cotidiana dos surdos brasileiros, nos seus aspectos culturais e educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISON, R. Analysing signs. (1978). In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 4. ed. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2005.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p. 206-244.

BRASIL. *Código Civil: Lei nº 10.406, de 2002*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível no site: <<http://www.libras.org.br/leilibras.htm>>. Acesso em 07 mai. 2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível no site: <<http://www.libras.org.br/leilibras.htm>>. Acesso em 07 mai. 2009.

BRENTARI, D. *A prosodic model of sign language phonology*. Massachusetts: MIT Press, 1998.

BRENTARI, D. Sign language phonology. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p. 615-639.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAPOVILLA, R. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. *Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 2001.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts: MIT, 1965.

CUNHA, K. M. M. B.; OLIVEIRA, C. C. *Concordância verbal em língua de sinais brasileira e suas implicações na escrita da segunda língua*. Eutomia – Revista Online de Literatura e Linguística, Pernambuco, ano II, n. 1, julho de 2009. Disponível no site: <http://www.eutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/linguistica-artigos/Concordancia-Verbal-em-Lingua-de-Sinais-e-suas-Implicacoes-na-Escrita-da-segunda-Lingua_Christiane-Cunha-de-Oliveira-e-Karina-Miranda-Machado.pdf> Acesso em 13 fev 2010.

DURAND, J. *Generative and non-linear phonology*. New York: Longman, 1990.

EMMOREY, K. *Language, cognition and the brain: insights from sign language research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

EWEN, C. J. e HULST, H. van der. *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge Textbooks in Linguistics. United Kingdom: Cambridge University, 2001.

FELIPE, T. A. *Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista*. In: BRASIL. MEC, SEESP. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2001.

FERNANDES, E. e CORREIA, C. M. C. Bilingüismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, E. (org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

FRISHBERG, N. Historical change: from iconic to arbitrary. In: KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The sign of language*. Massachusetts: Harvard, 1979.

GOIÁS. Lei nº 12.081, de 30 de agosto de 1993. Disponível no site: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/24/docs/lei12081_03.pdf>, acesso em 06 mai 2010.

GOLDFELD, M. (org.). *Fundamentos em Fonoaudiologia: linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 3. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUARINELLO, A. C. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.

HALLE, M. Conceitos Básicos de Fonologia. In: CHOMSKY, N. et al. *Novas perspectivas lingüísticas*. Coleção Perspectivas Linguísticas. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1970.

HOOPEES, R. et al. Analyzing variation in sign languages: theoretical and methodological issues. In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 4. ed. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2005. p. 451-472.

HOSSNE, W. S. *A ética e as revoluções científicas*. Cadernos de Ética em Pesquisa, Brasília, ano IV, v. 16, p. 3-4, 2005. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/Web_comissoes/conep/aquivos/materialeducativo/cadernos/caderno16.pdf>. Acesso em 06 mai 2010.

HULST, H. van der. *Units in the analysis of signs*. Phonology, vol. 10, nº 2. Holanda: Cambridge University Press, 1993. p. 209 – 241. Disponível em <<http://www.linguistics.uconn.edu/pdf/051%20-%20Units%20in%20the%20analysis%20of%20sign.pdf>>, acesso em 20 ago 2010.

HYMAN, L. M. *Phonology: theory and analysis*. California: University of Suthern California, 1975.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. *Australian sign language: an introduction to sign language linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2007.

KARNOPP, L. *Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-

8931, disponível no site

http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/5/entrevistas/revel_5_entrevista_lodenir_karnopp.pdf.

Acesso em 31 ago 2010.

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. In: FERNANDES, E. (org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell, 1994.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Massachusetts: Harvard, 1979.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. Structures for representing handshape and local movement at the phonemic level. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. *Theoretical issues in sign language research*. Vol. 1: Linguistics. Chicago: University of Chicago, 1990. p. 37-65.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. (1984). American sign language: the phonological base. In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 4. ed. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2005. p. 280-319.

LOPES, M. C. *Surdez & Educação*. Coleção Temas & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MacNEILAGE, P. F. Evolution of the mechanism of language output: comparative neurobiology of vocal and manual communication. In: HURFORD, J. R.; STUDDERT-KENNEDY, M.; KNIGHT, C. *Approaches to the evolution of language: social and cognitive bases*. United Kingdom: Cambridge University, 1998.

MacNEILAGE, P. F. *The origin of speech*. New York: Oxford, 2008.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados em uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. M. (org.). *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. United Kingdom: Cambridge University, 2002.

PERLMUTTER, D. M. On the segmental representation of transitional and bidirectional movements in ASL phonology. In: FISCHER, S. D. & SIPLE, P. *Theoretical issues in sign language research*. Vol. 1: Linguistics. Chicago: University of Chicago, 1990. p. 67-80.

POIZNER, H.; KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *What the hands reveal about the brain*. Massachussets: MIT, 1987.

QUADROS, R. M. O 'BI' em bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAMOS, C. R. *Libras: A língua de sinais dos surdos brasileiros*. s.d. Disponível no site <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>, acesso em 19 ago 2010.

SACKS, O. *Seeing voices: a journey into the world of the deaf*. New York: Vintage books, 2000.

SANDLER, W. *Phonological representation of the sign: linearity and nonlinearity in American Sign Language*. Publications in Language Sciences, 32. Holanda: Foris Publications, 1989.

SANDLER, W. The syllable in sign language: considering the other natural language modality. In: MACNEILAGE, P.; DAVIS, B.; ZAJDO, K. (orgs.). *Ontogeny and phylogeny of syllable organization*. New York: Taylor Francis, 2008. Disponível no site:

http://sandlersignlab.haifa.ac.il/pdf/The_syllable_in_sign_language.pdf, acesso em 20 nov 2010.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. New York: Cambridge University Press, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, A. C.; NEMBRI, A. G. *Ouvindo o silêncio: surdez, linguagem e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

STACK, K. M. *Tiers and Syllable Structure in American Sign Language: evidence from Phonotactics*. (1988) Dissertação (Mestrado em Linguística) – University of California, Los Angeles, 1988. Disponível no site: <http://roseavenue.net/kelly/HumnetFiles/thesis.htm>, acesso em 21 abr 2011.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics: occasional papers* 8. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

SUPALLA, T. Arqueologia das Línguas de Sinais: integrando linguística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais recentes. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. de. (org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais: 9º Theoretical issues in sign language research conference*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. *The linguistics of British Sign Language: an introduction*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1999.

TAUB, S. F. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 4. ed. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2005.

VELOSO, B. S. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira*. 2008. 158f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WILBUR, R. B. Why syllables? What the notion means for ASL research. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. *Theoretical issues in sign language research*. Vol. 1: Linguistics. Chicago: University of Chicago, 1990. p. 81-108.

WILBUR, R. B.; ALLEN, G. D. Perceptual evidence against internal structure in American Sign Language syllables. *Language and speech*, West Lafayette, v. 34 (1), 1991. p. 27 – 46.

WILCOX, S. & WILCOX, P. P. *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Trad. Tarcísio de Arantes Leite. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics: an interdisciplinary journal of cognitive science*, United Kingdom, v. 15, n.2, 2004. p. 119-147.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira*. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZESHAN, U. Towards a notion of ‘word’ in sign languages. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *Word: a cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 153-179.